



GOVERNO DO ESTADO DO  
**AMAZONAS**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**ESCOLA DE ARTES E TURISMO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES – PPGLA**

**ENTRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO  
NA PROSA DE GABRIELA MISTRAL**

**GABRIEL ARTURO FARIAS ROJAS**

Manaus – AM

2018

**GABRIEL ARTURO FARIAS ROJAS**

**ENTRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO  
NA PROSA DE GABRIELA MISTRAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA-UEA, sob orientação da Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro.

**MANAUS – AM**

**2018**

**GABRIEL ARTURO FARIAS ROJAS**

**ENTRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO  
NA PROSA DE GABRIELA MISTRAL**

Manaus, 07 de março de 2018

**BANCA AVALIADORA DO EXAME DE DISSERTAÇÃO**

---

Orientadora: **Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavaleiro** (UEA)

---

Membro titular externo: **Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo** (UFAM)

---

Membro titular interno: **Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos** (UEA)

---

Membro suplente: **Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva** (UEA)

**Aos meus pais, Verónica e Arturo e meus irmãos Daniel, Arturo e Constanza.**

## AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato pela maravilhosa orientação da minha querida professora Doutora Juciane Cavalheiro. Seu apoio foi o melhor que eu poderia ter recebido de uma orientadora. Seu grande conhecimento acadêmico e qualidade humana são uma fonte de inspiração para eu continuar na minha luta acadêmica e humana. Eu admiro muito ela e nunca vou esquecer do jeito tão amigável que ela sempre tem com todo mundo. Ao mesmo tempo não deixarei nunca de admirar os grandes conhecimentos e paixão que ela tem por complexas teorias da Filosofia do Linguagem e da Teoria da Literatura, as grandes paixões que compartilho com ela. Também, sou infinitamente grato pela força e apoio do gênio que é o professor Doutor Mauricio Matos. Ele foi o meu professor desde o primeiro momento que comecei a estudar no Mestrado. Nunca vou esquecer dessas aulas que foram uma fonte inesgotável de sabedoria e inspiração para os estudantes que desejamos e lutamos por não apenas um melhor mundo universitário senão também uma melhor sociedade. Seu apoio acadêmico no percorrer da minha pesquisa foi fundamental para o desenvolvimento da mesma. Sua criatividade como professor é única e, por causa disso, nunca deixarei de lhe admirar.

Gostaria de agradecer à professora Doutora Nícia Zucolo da UFAM (Universidade Federal do Amazonas) pelo fato de ela ter me recebido tão bem lá na faculdade dela quando eu apresentei um trabalho sobre Gabriela Mistral em 2016. Seus comentários foram tão esclarecedores não apenas nesse momento senão também no desenvolvimento da minha pesquisa. O interesse que ela sempre demonstrou na minha dissertação é uma coisa que eu valorizo muito. Muito obrigado a todos (as) os (as) meus (minhas) professores (as) do Mestrado em Letras e Artes devido a que todos (as) eles (as) contribuíram muito ao meu trabalho final e à minha formação acadêmica geral. Nunca esquecerei das maravilhosas aulas do PPGLA.

Não posso parar de agradecer a vida toda aos meus amados mãe e pai, e aos meus irmãos Daniel, Arturo e Constanza pelo apoio que sempre recebi deles (as) na minha vida e durante esse tempo longe de meu país, Chile, e deles, a minha família.

Aos meus amigos Alexis Reyes, Juan Cerda e Dirceu Diniz, e às minhas amigas Alina Macedo, Anay Cardoso, Bianca Bermúdez e Irma Ayes. Todos (as) eles (as) me fizeram acreditar que a verdadeira amizade realmente existe.

## **ENTRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO NA PROSA DE GABRIELA MISTRAL**

### **RESUMO**

O objetivo desta dissertação de Mestrado é fazer uma análise qualitativa do discurso político de Gabriela Mistral, tomado de uma seleção desde três fontes e dividido em duas décadas (1920 e 1930). Será seguido um enfoque inter e transdisciplinar (Discurso e Enunciação, Crítica e Teoria da Literatura, Filosofia Política, Ciências Sociais e Estudos Latino-americanos) para refletir sobre a escritora Gabriela Mistral como uma figura metonimicamente entendida através de um mito colonial imposto numa sociedade republicana que esquece da contribuição de Gabriela Mistral no âmbito Ibero-americano e ocidental. Assim, será compreendido que novos olhares no discurso de Mistral podem ser obtidos através do reconhecimento da subjetividade da autora, de modo a dar conta de contradições próprias de um sujeito descentrado dentro do relato cronotópico de sua biografia.

### **Palavras-chave:**

Gabriela Mistral – Discurso Político – Prosa – Subjetividade e Alteridade – Mito Colonial

**ENTRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO  
NA PROSA DE GABRIELA MISTRAL**

**BETWEEN SUBJECTIVITY AND OTHERNESS: ANALYSIS OF POLITICAL  
DISCOURSE IN GABRIELA MISTRAL'S PROSE**

**ABSTRACT**

The objective of this Masters Dissertation is to do a qualitative analysis of Gabriela Mistral's Political Discourse, which has been taken from three different sources. This Edition involves two decades for Mistral's Discourse (1920 and 1930). To do this, an inter- and transdisciplinary approach (Discourse and Enunciation, Literary Theory and Criticism, Political Philosophy, Social Sciences and Latin-American Studies) will be followed in order to reflect on Gabriela Mistral as a writer who has been metonymically realized in World Literature. The latter takes place by means of a Colonial Myth imposed on society, which, based on Republicanism, forgets about her contribution to both the Iberoamerican Continent and the Western World in general terms. Thus, new perspectives are necessary and they can be reached by acknowledging the author's subjectivity, which will help to notice a plethora of contradictions belonging to a decentered subject within the cronotopical story of her own biography.

**Keywords:**

Gabriela Mistral – Political Discourse – Prose – Subjectivity and Otherness – Colonial Myth

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. Reconstrução do arquivo e memória mistralianos: mito colonial, memória e subjetividade</b> .....	13
1.1 Introdução .....	13
1.2 Gabriela Mistral e o desafio de seu entendimento .....	14
1.3 Mitologia, modernidade, colonização .....	22
1.4 Mito biográfico do poema “Pequenos Pés de Criança” .....	27
1.5 Crise da história e progresso como decadência do passado histórico .....	31
1.6 Poesia na reconstrução do arquivo e memória mistralianos.....	33
1.7 Prosa na reconstrução do arquivo e memória mistralianos .....	37
<b>2. Enunciação, discurso político e escrita livre pensante mistralianos</b> .....	39
2.1 Introdução .....	39
2.2 Literatura e subjetividade na prosa mistraliana .....	41
2.3 Enunciação e discurso político .....	47
2.4 Escrita livre pensante em Gabriela Mistral: o conflito entre a letra e a posição de Gabriela Mistral.....	55
<b>3 Análise do discurso político no cronotopo de Gabriela Mistral em duas décadas: 1920 e 1930</b> .....	67
3.1 Introdução .....	67
3.2 Seleção das fontes .....	68
3.3 Discurso Político de Gabriela Mistral .....	69



3.4 Cronotopo Mistraliano nas décadas de 1920 e 1930 .....	70
3.5 Justificativa sociocultural do cronotopo Mistraliano .....	71
<b>3.6</b> Década de 1920: Gabriela Mistral e a Recusa do Feminismo .....	72
3.6.1 Organização das mulheres e a recusa do feminismo burgûes .....	72
<b>3.7</b> Década de 1930: Gabriela Mistral e o Latino-americanismo hispano-americano .....	82
3.7.1 Simon Bolívar e a escrita de Gabriela Mistral .....	82
3.7.2 A ambição de Bolívar .....	83
3.7.3 Bolívar através de seu corpo .....	88
3.7.4 A Língua de José Martí na visão de Gabriela Mistral .....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	115

## INTRODUÇÃO

Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga é a pessoa atrás de Gabriela Mistral, a primeiro Prêmio Nobel de Literatura em Iberoamérica, um ícone sem dúvida nenhuma. Contudo, a Mistral levava uma pesada carga com ela, na sua escrita, na sua biografia, na sua política, qual seja, a de Lucila, aparentemente uma simples campesina mestiça de um povo perdido nas zonas rurais do Norte do Chile. Mesmo assim, Lucila tinha consigo uma carga histórica, política, filosófica e literária de grande importância para o qual é considerada ser mais um relato da história não consignada na historiografia, a história da subalternidade. Todavia, embora a Mistral também em aparência parece ser esse sujeito objetivado sob aceite canônico universal, ao ser ela mesma uma ponte de Lucila, tem muito mais de Lucila do que era imaginado até hoje. Assim, o mito<sup>1</sup> de Gabriela Mistral foi gerado, durante o período da República do Chile, a partir de uma hipótese que negava a pré-história de Lucila, um erro que na atualidade coloca em perigo a estabilidade do arquivo Mistraliano. Nesta linha, Ana Pizarro (2005, p. 10) afirma que:

Gabriela Mistral é a construção de um sujeito que a crítica quis ver em termos monolíticos, como apontado por Grínor Rojo – o clássico modelo do sujeito centrado e unificado no qual os novos dispositivos teóricos têm permitido reconhecer a estruturação de uma personalidade muito mais complexa<sup>2</sup> (tradução nossa<sup>3</sup>).

Diante dessa observação de Pizarro, depreendemos duas questões: a primeira é que o sujeito monolítico, unificado e centrado deixa de ser um sujeito e, portanto, converte-se em um objeto. Já a segunda, não explicitada nas palavras de Pizarro, tem a ver com o porquê e o como dessa leitura sobre a Mistral. O primeiro motivo deve

---

<sup>1</sup> O mito será entendido como a imposição de um significante sobre Gabriela Mistral que nada tem a ver com a verdadeira Mistral, figura censurada para ser transformada numa pessoa agradável ao republicanismo do Chile do século XX.

<sup>2</sup> Gabriela Mistral es la construcción de un sujeto que la crítica quiso ver en términos monolíticos, como ha señalado Grínor Rojo – el clásico modelo del sujeto centrado y unificado y en donde los nuevos dispositivos teóricos han ido permitiendo atisbar la estructuración de una personalidad bastante más compleja.

<sup>3</sup> Todas as traduções realizadas são de nossa responsabilidade. Sempre que traduzirmos, o original constará em nota.

responder a interesses da crítica, neste caso a crítica literária, e o segundo deles deixa em evidência que essa leitura sobre a vida e obra de Gabriela Mistral foi feita desde um púlpito para ser lá embaixo aceitado e acreditado pela população. Essa última questão é uma consequência com o sentido da República e da verticalidade da política no espaço público. Todavia, esse contexto, longe de consolidar uma imagem da autora, o que supostamente aconteceu, gerou uma constante tensão entre um mito mistraliano e subjetividade censurada dela.

Era difícil conceber uma Mistral politicamente autônoma na era republicana sem sofrer o rechaço imediato. Por uma parte, as mulheres não eram consideradas sujeitos políticos durante grande parte da vida da escritora. Por outro lado, se existisse uma possibilidade de agir politicamente, isto é, de se involucrar nos aspectos sociopolíticos e históricos da época, isto devia ser feito nos termos republicanos existentes e aceites até na atualidade, desde uma política partidária. Aquilo foi todo contrário à natureza política da autora, quem sempre defendeu a individualidade de seu discurso.

Alejandra Castillo (2014, p. 153) estabelecerá a seguinte contradição da manifestação política republicana ao dizer que “é sabido que a ação política de Gabriela Mistral manteve-se à margem da figuração política, embora ela tivesse claras suas opções políticas”<sup>4</sup>. Castillo referia-se à ação política no contexto de partidos políticos de mulheres na primeira década de século XX. Assim, embora desprende-se o afastamento de Mistral da ordem na participação política da República, ela reconhece a existência de “opções políticas”, as quais eram conhecidas. Isto significa que ela desafia o modelo da participação política para agir desde outro campo, que era aparentemente apolítico, o da caneta. Daí que tenha havido uma luta constante com a Crítica Literária, a qual negará uma condição que não devia existir dentro dos estudos literários da época e, ao não conseguir calar a escrita da Mistral, simplesmente decidirá fazer uma seleção biográfico-literária da escritora, a qual calçará com o modelo republicano da não individualidade dos sujeitos e da sub-condição da mulher como cidadã.

Porém, a imposição dessa metonímia sobre Gabriela Mistral não podia ser eterna e, mais cedo do que tarde, devia aparecer o sujeito descentrado que se rebelará ante à subjugação de uma política elitista que calava a verdadeira natureza da caneta política

---

<sup>4</sup> Es sabido que la acción política de Gabriela Mistral normalmente se mantuvo al margen de la figuración pública, no obstante tener claras sus opciones políticas.

na literatura mistraliana, a de Lucila, esta última não sendo a personagem dialética<sup>5</sup> que a Mistral foi para irromper no difícil espaço público da época, senão como esse membro da comunidade que dava conta de uma relação de dominação entre uma burguesia letrada e um povo que também queria se manifestar e agir no espaço público e não só mirar a um púlpito acima deles, como símbolo da condição primeira da República. Basicamente, a caneta política será essa reivindicação de poder que Lucila, um símbolo da classe operária, feminina e de uma forte origem indígena-mestiça, reivindicará, através de Gabriela Mistral, a poeta e escritora que poderá ingressar no espaço público do mundo letrado – entendendo-se à Mistral como uma figura que fazia acreditar à burguesia que ela não carregava a história do povo nos seus ombros. Essa reivindicação será essa referida por José Guadalupe Gandarilla (2012, p. 4), na qual,

O poder é exercido ou não é exercido pela comunidade política, mas nela reside; se seu modo de agir chegasse a se converter em fetiche ou a ser reificado; evidentemente, converte-se condição autorreferente de aqueles que governam e responde, portanto, a uma lógica de dominação e não de potencialidade para comparecer na reprodução da vida humana<sup>6</sup>.

Essa lógica de dominação se faz evidente com a subjetivação de Gabriela Mistral e da relação intersubjetiva que ela tinha com o(s) outro (s) e com o mundo político ao seu redor. Desde essa subjetividade estabeleceu-se a tensão dicotômica da Mistral desde sua situação de alteridade com o sentido de dominação política da República e da Burguesia Letrada que a dominava não só no campo político partidário, senão também no mundo letrado, o da literatura, o qual negava o discurso político dentro da unicidade de um contexto criativo reservado só para a estética da criação colonial.

---

<sup>5</sup> Produto que um processo de mestiçagem que é prova da falta de raça pura na República do Chile, o qual destrói o mito da burguesia e da exclusão da barbárie da polis e da subordinação dos trabalhadores dentro da cidade.

<sup>6</sup> El poder se ejerce o no se ejerce por la comunidad política, pero en ella reside; si su modo de actuación se llega a fetichizar o reificar; evidentemente, se vuelve condición auto-referente de aquellos que gobiernan y responde, por lo tanto, a una lógica de dominación y no de potencialidad para comparecer en la re-producción de la vida humana.

## CAPÍTULO 1

### RECONSTRUÇÃO DO ARQUIVO E MEMÓRIA MISTRALIANOS: MITO COLONIAL, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

#### 1.1 Introdução

Gabriela Mistral é ainda uma figura desconhecida para a maioria da população chilena, mesmo que hajam cidadãos no Chile que creem nela como uma importante poeta<sup>7</sup> nacional devido a seus Prêmios Literários, tanto Nobel como Nacional, e graças a seus poemas para crianças e para educação escolar primária. Porém, há muito mais para ser conhecido. Nesse sentido, lançamos nosso problema de pesquisa: por que uma pessoa com uma contribuição tão grande não só ao Chile, mas também à América Ibérica e ao mundo ocidental, tem sido afastada de seu sentido global, em troca, tem sido metonimicamente universalizada desde uma postura tradicional, conservadora, mãe e educadora, desde de poeta infantil à poeta educativa, o qual escondia a sua escrita livre e sempre pensante? É basicamente essa subjetividade mistraliana a que tem sido focada ao serviço de uma cultura rígida, que responde a determinadas estruturas sócio-políticas.

Neste capítulo, traremos um percurso acerca da constituição do mito fundador acerca da figura pública de Gabriela Mistral. Objetivamos explicar o porquê da importância na reconstrução do Arquivo e da Memória de Gabriela Mistral, o qual começou com o mito da mãe do Chile, uma mulher conservadora e preocupada com a educação das crianças para servir à República. Nesse viés, há o entendimento de uma biografia monolítica, pautada em um mito que não só se estabelece através da razão, senão como uma imposição colonial: primeiro pelo republicanismo universal, o qual irá monumentalizar Mistral como poeta; e logo pela ditadura militar de Augusto Pinochet, a qual consolidará a imagem de uma Gabriela Mistral apolítica, conforme o conceito de história republicana sujeitada à vontade do poder do governo totalitarista.

---

<sup>7</sup> Usamos o termo “poeta” ao invés de “poetisa” devido a carga negativa do segundo significante em termos de igualdade entre homens e mulheres na Literatura.

A imposição colonizadora do mito mistraliano, baseada sobretudo no poema “Pequenos pés de criança”, vai se enfrentar a novos olhares da vida e obra de Gabriela Mistral. Contrário a este trabalho, já tem se feito outros trabalhos sobre a prosa íntima, a exemplo das cartas de Mistral. Porém, aqui o olhar vai ser dado desde a antologia do seu discurso político, o qual desde o ponto de vista autoral é diferente à prosa íntima, porque o primeiro não precisa de uma desconstrução para estudar uma história oculta, desde o silêncio. O discurso político Mistraliano, ao longo do século XX, foi publicado e por isso autorizado pela autora nas diferentes publicações que ela fez em variados jornais e revistas espalhados pelo mundo inteiro. A partir disso, o discurso-político será fundamental para fazer essa reconstrução histórica do pensamento político censurado pelo mito colonizador sobre ela imposto no Chile até hoje, ainda até mais de 70 anos desde que a autora ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. O anterior vai dar conta dessa biografia incompleta que precisa de novas narrativas com base na sua escrita para dar sentido ao arquivo e à memória de Gabriela Mistral.

## 1.2 Gabriela Mistral e o desafio de seu entendimento

O reconhecimento nacional de Gabriela Mistral não se deu quando recebeu o Prêmio Nacional de Literatura, em 1951, mas somente após a conquista do Prêmio Nobel de Literatura. Autora de poesia e prosa, não é só o primeiro Prêmio Nobel de Literatura para o Chile, mas se converteu na primeira pessoa em receber tal reconhecimento na Iberoamérica, no ano de 1945.

Mistral vem do mundo rural. Nasceu na cidade de Vicuña, no ano de 1889, e morreu nos Estados Unidos, em Nova Iorque, no distrito de Long Island, no ano de 1957. A Academia Sueca destacou que o Prêmio Nobel de Literatura lhe foi outorgado devido a “sua poesia lírica ser inspirada em poderosas emoções e devido ao fato de ter feito seu nome um símbolo das aspirações idealistas de todo o mundo latino-americano.”<sup>8</sup>. Os seus livros mais importantes durante o tempo em que esteve viva, segundo a crítica literária<sup>9</sup>, são *Desolación*, *Ternura*, *Tala* e *Lagar*. O primeiro deles foi publicado no Instituto das Espanhas, em Nova Iorque, no ano de 1922. O segundo deles foi publicado em Madrid, Espanha, no ano de 1924. Já o terceiro, publicado em Buenos

---

<sup>8</sup> “... su poesía lírica inspirada en poderosas emociones y por haber hecho de su nombre un símbolo de las aspiraciones idealistas de todo el mundo latinoamericano”. Citado em Quezada, Jaime (2014, p. 10).

<sup>9</sup> Jaime Concha (2015, p. 59) expressa que esses livros são os livros magistrais de Gabriela Mistral.

Aires, no ano de 1938. E, finalmente, o último deles, *Lagar*, publicado em Santiago do Chile, no ano de 1954. Após a sua morte, houve a publicação do *Poema de Chile*, em Barcelona da Espanha, no ano de 1967.

Em *Desolação*, Jaime Quezada afirma que “mais que amargos, os poemas deste livro têm o verso íntimo, conversacional e emotivo, desvelado de êxtases e interrogações em humano tratamento de existência e vida, situações que darão traço e caráter a esta obra, depois de tudo, reveladora de amores, ciúmes e romantismo” (QUEZADA, 2014, p. 11)<sup>10</sup>. Todavia, até que ponto é possível fazer uma análise da dor mistraliana nesse livro sem cair em uma exagerada fusão de vida e obra? Nessa perspectiva, Jaime Concha expressa:

sem dúvida, a lenda do namorado suicida – esse ferroviário que explodiu a sua cabeça por causa de problemas de dinheiro – tem prejudicado e deformado a imagem desta poesia. Os “Sonetos da Morte”, que pouco tem a ver com essa lenda, tem ajudado a consolidar essa imagem de turva paixão, num jeito sensacionalista. (CONCHA, 2015, p. 55)<sup>11</sup>

Diego del Pozo (2015), além de concordar com a visão de Concha, que considera a morte do suicida (Romelio Ureta) como a grande dor e inspiração de *Desolação*, compreende que essa tragédia serve tanto de inspiração para os “Sonetos da Morte” (1914), como “é o início de uma longa lista de perdas de grandes amores; humanos, divinos, íntimos, históricos e fictícios” (DEL POZO, 2015, p. 27)<sup>12</sup>.

Jaime Concha, por outro lado, entende essa dor como um motivo criativo, podendo não ser o único. Por causa disso, essa dor ser a única causa e explicação dos “Sonetos da Morte”. Assim, nosso olhar<sup>13</sup> vai ao encontro das posições de Concha e de Claudia Cabello Hutt, que, ao se referir a Jaime Concha, (2015, p. 15 – 16), pondera:

---

<sup>10</sup> Más que amargos, los poemas de este libro tienen el verso íntimo, conversacional y emotivo, desvelado de éxtasis e interrogaciones en humano tratamiento de existencia y vida, situaciones que darán huella y carácter a esta obra, después de todo, reveladora de amores y celos y romanticismo.

<sup>11</sup> Sin duda, la leyenda del enamorado suicida – ese ferroviario que se destapó las sienes por razones de dinero – ha perjudicado y deformado la imagen de esta poesía. Los Sonetos de la Muerte, que poco tienen que ver en el fondo con esa leyenda, han contribuido a consolidar esa imagen de turbia pasión, de halo más bien sensacionalista.

<sup>12</sup> ... es el principio de una larga lista de pérdidas de grandes amores; humanos, divinos, íntimos, históricos y ficticios.

<sup>13</sup> Adotamos uma perspectiva menos desde uma autobiografia mítica e monolítica e mais global do processo criativo de Mistral.

O crítico enfrenta Mistral com independência, ouvindo-a, rechaçando mitos e lugares comuns”, como, por exemplo, “as leituras de vitimização que tem relacionado as tragédias da vida de Mistral como inspiração direta de seus poemas. O exemplo mais comum é o caso do suicídio de Romelio Ureta e os “Sonetos da Morte”, mito que o mesmo Concha rechaça.<sup>14</sup>

*Ternura*, o livro que teve futuras edições, principalmente a partir do ano de 1945, traz o famoso poema “Pequenos Pés de Criança”<sup>15</sup>, o qual foi fundamental para o conhecimento que há de Mistral no Chile, em cuja base intencional descansou o mito que foi gerado no Chile republicano no século XX<sup>16</sup>. Porém, a respeito desse livro, Mistral disse:

Quando escrevo uma cantiga de roda meu dia banha-se verdadeiramente de Graça, minha respiração passa a ser mais rítmica e minha face acaba por recuperar o sorriso perdido em trabalhos desgastantes. Talvez o esforço seja o mesmo que me coloco quando escrevo uma composição de outro tema, mas algo, que eu insisto em chamar de sobrenatural, lavava meus sentidos e refrescava minha velha carne.<sup>17</sup>

Um poema representativo e bem conhecido do livro *Ternura* é “Miedo” (Quezada, 2014, p. 84). Nele, a poeta fala sobre a importância da infância das crianças como um espaço de simplicidade e criatividade, afastado do mito da princesa, o qual proíbe a uma menina de viver uma infância simples perto da mãe. É uma mistura entre um sentimento de proteção próprio da maternidade e ao mesmo tempo garantir a liberdade para a criança, a qual não deve ser submetida a padrões estabelecidos para as

---

<sup>14</sup> “El crítico se enfrenta a ella con independencia, escuchándola, rechazando mitos y lugares comunes”, como, por ejemplo, “las lecturas de victimización que han visto las tragedias de la vida de Mistral como inspiración directa de sus poemas. El ejemplo más común es el caso del suicidio de Romelio Ureta y los “Sonetos de la Muerte”, mito que el mismo Concha rechaza”.

<sup>15</sup> Este poema será sujeito à reflexão na seção intitulada Mito biográfico do poema “Pequenos Pés de Criança”.

<sup>16</sup> A explicação desse mito Mistraliano vai ser dada no sub-capítulo Mito biográfico do poema “Pequenos Pés de Criança”.

<sup>17</sup> “Cuando he escrito una ronda infantil, mi día ha sido verdaderamente bañado de Graca, mi respiración como más rítmica y mi cara ha recuperado la risa perdida en trabajos desgraciados. Tal vez el esfuerzo fuese el mismo que se puso en escribir una composición de otro tema, pero algo, que insisto en llamar sobrenatural, lavaba mis sentidos y refrescaba mi carne vieja” (espanhol). Citado em Quezada, Jaime (2014, p. 11 – 12).



mulheres, como, por exemplo, a visão de que uma princesa deva se afastar do mundo natural<sup>18</sup> para responder ao que a sociedade espera dela. O poema em extenso diz assim:

Yo no quiero que a mi niña  
golondrina me la vuelvan;  
se hunde volando en el Cielo  
y no baja hasta mi estera;  
en el alero hace nido  
y mis manos no la peinan.  
Yo no quiero que a mi niña  
Golondrina me la vuelvan.

Yo no quiero que a mi niña  
la vayan a hacer princesa.  
Con zapatitos de oro  
¿cómo juega en las praderas?  
Y cuando llegue la noche  
A mi lado no se acuesta.  
Yo no quiero que a mi niña  
La vayan a hacer princesa.

Y menos quiero un día  
me la vayan a hacer reina.  
La subirían al trono  
Adonde mis pies no llegan.  
Cuando viniese la noche  
yo no podría mecerla  
¡Yo no quiero que a mi niña  
me la vayan a hacer reina!

O livro *Tala* é considerado pela crítica e até por ela mesma como a sua obra mais importante, “sobretudo porque em suas páginas está a raiz do indo-americano” (Quezada, Jaime, 2014, p. 12)<sup>19</sup>. Saudade, a palavra que ela utiliza na língua portuguesa,

---

<sup>18</sup> Mundo natural tal como entendido em a *Dialética do Esclarecimento*. Aí o mundo natural, isto é, a natureza, com suas variáveis ilimitadas, é rejeitada pela ciência pela anarquia existente nela, que não se deixa controlar.

<sup>19</sup> ... sobre todo porque en sus páginas está la raíz de lo indoamericano.

denota o período da escrita do livro em que Mistral frequentava diversos lugares ao redor da América e Europa, no seu autoexílio do Chile.<sup>20</sup> No entanto, *Tala* é considerado um livro complexo e difícil para analisar em comparação com *Desolação*.<sup>21</sup>

Entre as peças americanas em *Tala*, um dos poemas mais destacados que dará conta dessa Mistral já centrada num espírito latino-americanista é o poema “Sol do Trópico”. O máximo resgate encontrado é o dos povos pré-colombianos juntos em um só hino. Aqui o sentimento latino-americano é similar a essa mitologia comum que com tanta paixão Claude Levi-Strauss<sup>22</sup> procura nos povos indígenas da América. O espírito indigenista latino-americano de Mistral consolida-se desde o seu acordar no México pós-revolução.

*Lagar* foi escrito dezesseis anos depois de *Tala*. O conceito de guerra, e particularmente a Segunda Guerra Mundial, é uma fonte de inspiração criativa e de manifestação. Quezada (2014, p. 14) diz que “um ar denso e sujo mancha os céus da humanidade. E enquanto soa o inferno dos tanques e os aviões caem em enviesada vergonha, Gabriela Mistral escreve o seu manifesto pela causa da paz”<sup>23</sup>. Em efeito, o período de *Lagar* e da prosa da década dos anos cinquenta, destacam uma voz pela paz mundial. Assim, por exemplo, Jaime Concha (2015, p. 57) escreve que o *Lagar* é o livro de poesia onde Mistral consegue a “sua mais decantada expressão”<sup>24</sup>. A maturidade da escritora, que tem como fonte de inspiração tudo o que tinha vivido e escrito até esse momento, fez de *Lagar* um livro de consolidação de sua escrita subjetiva, intersubjetiva e livre-pensadora antes de sua morte no ano de 1957.

---

<sup>20</sup> Quezada, Jaime (2014)

<sup>21</sup> Concha, Jaime (2014, p. 55)

<sup>22</sup> Presente em *A Oleira Ciumenta*, de Claude Lévi-Strauss (2010). Nessa obra, a cultura dos povos pré-colombianos da América Latina e suas práticas culturais comuns são tematizadas, as quais parecem pertencer a um passado compartilhado por todos eles. Daí que esse tratamento seja uma importante contribuição ao mito da origem latino-americano, de uma história que existe, apesar da colonização europeia que nega a existência dele.

O mito da origem latino-americana opõe-se ao mito colonial, o qual estabelece uma história a partir de uma hipótese de uma história que começa com a colonização. O mito da origem tem a ver com a verdadeira identidade latino-americana.

<sup>23</sup> Un aire denso y sucio mancha los cielos de la humanidad. Y mientras suena el infierno de los tanques y caen los aviones en sesgo de vergüenza, Gabriela Mistral escribe su manifiesto por la causa de la paz...

<sup>24</sup> ... su más decantada expresión.

Um importante poema de *Lagar* é “Morte do Mar” (Quezada, 2014, p. 190 – 193), que foi dedicado a Doris Dana<sup>25</sup>. A seleção do poema “Morte do Mar” é a seguinte<sup>26</sup>:

Se murió el mar una noche  
de una orilla a la otra orilla;  
se arrugó, se recogió,  
como manto que retiran.

(...)

Los pescadores bajamos  
a la costa envilecida,  
arrugada y vuelta como la vulpeja consumida.

(...)

Pescadores de ojos fijos  
le llamamos todavía,  
y lloramos abrazados  
a las barcas ofendidas.

Y meciéndolas, meciéndolas,  
tal como él se las mecía,  
mascamos algas quemadas  
vueltos a la lejanía,  
o mordemos nuestras manos  
igual que esclavos escitas.

Y cogidos de las manos  
cuando la noche es venida  
aullamos viejos y niños  
como unas almas perdidas.  
¡Talassa, viejo Talassa...!

---

<sup>25</sup> Talvez não seja exagero em afirmar que foi a pessoa mais importante na vida de Gabriela Mistral, a mulher que a acompanhou até o momento de sua morte.

<sup>26</sup> Usaremos a seleção feita por Jaime Concha (2015, p. 58 – 59).

A respeito do poema citado acima, Concha (2015, p. 59) afirma que “poucas vezes a poesia lírica pode alcançar este sentido cosmogônico, esta vasta olhada metafísica à realidade. E unir, agora, o símbolo metafísico com a profecia histórica”<sup>27</sup>. É essa basicamente a importância da obra tanto poética como prosaica de Gabriela Mistral, o fato de ela poder ser relida à luz dos acontecimentos atuais.<sup>28</sup>

Um presente que o Chile ganhou, apesar da indiferença sofrida pela Mistral de seu país, o livro póstumo chamado *Poema de Chile*, o qual foi publicado em Barcelona, na Espanha, no ano de 1967. Neste ocorrerá um caminho espiritualmente concretizado na escrita mistraliana, baseada em suas experiências de viagens passadas ao longo do Chile e da sua força criativa de uma viagem através do Chile com uma descrição e caracterização poética do país que acabou sendo uma verdadeira apologia à nação que a escritora miticamente amava. Ela escrevia sobre esse Chile geográfico, desde a mesma poesia, mais do que sobre esse Chile que não tinha se importado com ela. Acerca do livro *Poema do Chile*, Jaime Quezada (2014, p. 15) diz o seguinte:

A autora aqui se faz acompanhada de um menino atacamenho e diaguíta, além de um pequeno veado ou cervo chileno, ao percorrer o território pátrio na sua extensa e longa geografia: sua natureza física e humana, seus vales e seus rios, suas cordilheiras andinas e seus metais, seu deserto e seu mar, sua flora e fauna, seus arquipélagos austrais e a sua extensa e verde Patagônia. O vivo e o vivente da terra natal num redescobrir a mesma entranha do longo país.<sup>29</sup>

O livro apresenta-se como a aporia de Gabriela Mistral na relação com seu país. O mesmo país do qual teve que fugir e sobre o qual tinha mais lembranças ruins do que agradáveis sobre as pessoas, também representa um amor profundo que ela tem pela

---

<sup>27</sup> Pocas veces la poesía lírica puede alcanzar este sentido cosmogónico, esta vasta ojeada metafísica a la realidad. Y unir, ahora, el símbolo metafísico con la profecía histórica.

<sup>28</sup> Em 2016, ocorreu um fenômeno ambiental no mar de Chilo, no sul do Chile. A fauna marinha um dia apareceu morta e o mar com quase nulas possibilidades de melhoras a longo prazo. Aquilo não só resulta num problema ambiental como tal, mas também na possibilidade concretizada do acabamento dos recursos marinhos, aparentemente provenientes de uma fonte inesgotável, mas que, sem os cuidados necessários, pode eventualmente deixar de abastecer a humanidade.

<sup>29</sup> La autora se hace acompañar aquí de un niño atacameño y diaguíta, además de un huemulillo o ciervo chileno, en un recorrer el territorio patrio en su extensa y larga geografía: su naturaleza física y humana, sus valles y sus ríos, su cordillera andina y sus metales, su desierto y su mar, su flora y su fauna, sus archipiélagos australes y su extensa y verde Patagonia. Lo vivo y lo viviente del suelo natal en un redescubrir la entraña misma del largo país.

geografia nacional e suas raízes indo-americanas e mestiças. A respeito desse ponto, um interessante poema, que será explicado após a sua apresentação aqui, é “Montanhas Minhas”:

En montañas me crié  
Con tres docenas alzadas.  
Parece que nunca, nunca,  
aunque me escuche la marcha,  
las perdí, ni cuando es día  
ni cuando es noche estrellada,  
y aunque me vea en las fuentes  
la cabellera nevada,  
las dejé ni me dejaron  
como a mi hija trascordada.

Y aunque me digan el mote  
de ausente y de renegada,  
me las tuve y me las tengo  
todavía, todavía,  
y me sigue su mirada.

Em efeito, as montanhas que nunca abandonaram Mistral e que a mesma teve que abandonar depois do seu autoexílio para se liberar da opressão, da mistura de desprezo pela figura dela e a imposição numa construção que não era sua verdadeira, significaram uma eterna nostalgia nesse constante percorrer de países que a poeta e escritora visitou.<sup>30</sup>

Assim, esse abandono que Mistral faz às montanhas queridas de seu Chile tem o objetivo de libertar-se da opressão do mito que dela estava sendo criado no Chile e que a obrigava a abraçá-lo.<sup>31</sup> É por causa desse contexto que a maioria da sua prosa não é considerada na consolidação posterior do mito colonizador que dela é feito. A sua escrita prosaica era livre e contestaria esse status-quo, a qual não tinha possibilidade

---

<sup>30</sup> Utilizamos os substantivos de poeta escritora para reconhecermos a Gabriela Mistral suas produções poéticas e prosaicas, esta última muito censurada, principalmente sua prosa política.

<sup>31</sup> Isso não significa que as montanhas a encarceravam. Ela precisava sair do Chile e o custo não agradável dessa decisão era abandonar as montanhas.

alguma de continuar sendo aceita numa sociedade cujas expectativas eram uma mulher submetida e ‘madre eterna’,<sup>32</sup> educadora republicana da nação.

### 1.3 Mitologia, modernidade e colonização

A maioria das vezes quando fazemos referência ao conceito de mito, duas imagens mentais poderiam cobrar sentido. A primeira delas tem a ver com esse mito cosmogônico da criação do universo e de tudo o que existe na face da terra, mas não como uma possibilidade de existência quanto tal senão uma contribuição para a história da literatura do que alguma vez foi tomado como verdadeiro.<sup>33</sup> Assim, esse mito nos faz lembrar de seres sobrenaturais e deuses cujo poder estava além das possibilidades do ser humano, essa representação da natureza como inalcançável, onipotente, da qual nós não temos controle algum.

A segunda imagem mental está relacionada com o obscurantismo que o mito assumiu ao pertencer ao mundo da literatura. Ao começo, no tempo da mitologia como crença da existência das coisas, o mito não era uma literatura, mas depois lhe foi concedido essa natureza por causa do nascer da ciência como modo de pensamento hegemônico após o fim da idade média. Assim, foi dito (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 35) que “no mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana. A existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assumiram em sua pura naturalidade o caráter mitológico que o mundo de outrora atribuía aos demônios”. Dessa forma o esclarecimento é equivalente a essa substituição que sofreu o mito, o esclarecimento que, baseado na ciência, prometia a verdade de tudo aquilo que existe e nega a existência de tudo aquilo que o ser humano não precisa saber.

A mitologia da era moderna, escondida atrás do esclarecimento e amparada pela ciência, defende o progresso histórico, aquele mito que mais que um modo de historiar os acontecimentos é uma imposição de como o mundo e os seus acontecimentos devem

---

<sup>32</sup> Sintagma da feminista Amanda Labarca e retomado por Alejandra Castillo (2014) para explicar uma ideia tradicional de mulher associada e restringida apenas à família e à maternidade.

<sup>33</sup> Tomado do conceito de mitologia de Mircea Eliade em *Mito e Realidade* (1972). A mitologia é entendida como um conceito que, embora seja o reflexo de uma quimera quase-romântica de uma realidade desejada, ela foi alguma vez assumida como uma realidade por um grupo de pessoas num lugar e tempo específicos.

ser historiados. A respeito, Adorno e Horkheimer dizem que “a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição de progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (2006, p. 41). Então, esse progresso que provoca a crise da história e que o esclarecimento valida e nos faz acreditar no fato que há uma única saída para o sucesso, acaba sendo a nossa perdição. Mas, o porquê da sua irrefreável reversão deixa algo mais para compreender, a violência com que a alternativa do progresso passa de ser uma opção à uma única opção. Sem dúvida alguma, existe uma imposição de um mito que não quer só argumentar nem persuadir sobre a sua eficácia senão se estabelecer pela força.

Na linha anterior, José Guadalupe Gandarilla (2012) fez uma interessante citação a Fernando Pessoa para explicar que alguns governam o mundo quanto outros são esse mundo governado. Assim, essa dominação do progresso pode ser entendida como uma forma de governar as pessoas. Então que não seja só a razão imposta nem a falta de autoconsciência<sup>34</sup> as únicas respostas para a aceitação do progresso senão também um tipo de violência tanto epistêmica quanto literal. Porém, a falta de autoconsciência também acaba sendo uma consequência da imposição desse esclarecimento em forma de progresso.<sup>35</sup>

Assim, os indivíduos são considerados como meras peças de xadrez num sistema cientificista que desumaniza os humanos. Guadalupe Gandarilla (2012, p. 38) diz o seguinte: “A racionalização provoca o predomínio dos meios socialmente organizados sobre os fins particulares, nas palavras de Vincent, ‘a racionalidade impõe-se aos indivíduos como algo exterior e que os ultrapassa, como algo que ordena o caleidoscópio dos fins sem que possam influir os atos de vontade pessoais’ (Vincent, 1977, p. 173)”<sup>36</sup>. O mito da modernidade que nega o seu caráter mítico é antes de tudo uma coerção social.

---

<sup>34</sup> Conceito formulado no prefácio da *Dialética do Esclarecimento* como a falta de vontade das pessoas para desmitificar o próprio esclarecimento.

<sup>35</sup> “Os homens aguardam que este mundo sem saída seja incendiado por uma totalidade que eles próprios constituem e sobre a qual nada podem”. (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 36)

<sup>36</sup> La racionalización provoca el predominio de los medios socialmente organizados sobre los fines particulares, en palabras de Vincent, “la racionalidad se impone a los individuos como algo exterior y que los sobrepasa, como algo que ordena el kaleidoscopio de los fines sin que influyan las voliciones personales”.

No mito de Ulisses, Adorno e Horkheimer (2006) deixam claro que a falta de autoconsciência também, além de ser uma consequência da dominação, é um mecanismo de defesa que usa o progresso para esquecer da miséria.<sup>37</sup>

O caráter violento e grave do esclarecimento é dito explicitamente por Adorno e Horkheimer nesta expressão (2006, p. 45): “Enquanto órgão de semelhante adaptação, enquanto mera construção de meios, o esclarecimento é tão destrutivo como o acusam seus inimigos românticos. Ele só se reencontrará consigo mesmo quando renunciar ao último acordo com esses inimigos e tiver ousadia de superar o falso absoluto que é o princípio da dominação cega”. Essa falsidade contém um mito assumido por verdade mais imposto antes que assumido. A ciência do esclarecimento não se importa em demonstrar verdades senão em impô-las.

Em sua introdução (2012), José Guadalupe Gandarilla concebe a modernidade, com suas violências atrás da máscara do esclarecimento, ligado à colonização. Já a fusão das duas corresponde ao processo civilizatório da burguesia. Assim, a burguesia, a qual representa uma minoria, governa o mundo que é vivenciado pela maioria. Uma situação paradoxal ao mesmo tempo que soterrada. Sobre o aspecto escondido de tal verdade, Adorno e Horkheimer (2006) afirmam que “todo progresso da civilização tem se renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento. Contudo, enquanto a história real se teceu a partir de um sofrimento real, que de modo algum diminui proporcionalmente ao crescimento dos meios para sua eliminação, a concretização desta perspectiva depende do conceito”. Por causa disso, é preciso começar em breve com o projeto descolonizador que José Guadalupe Gandarilla propõe. Ele diz (2012, p. 8) que o paradigma descolonizador aspirará a alcançar uma nova epistemologia para a crítica do programa sociocultural da modernidade ocidental, o qual vai além do capitalismo. Desta forma, esse projeto descolonizador não só considerar os aspectos de luta de classes devido à sujeição dos trabalhadores pelo capitalismo como resposta totalizadora, mas também considera detalhes relativos a como o projeto da modernidade colonial tem se estabelecido na mente das pessoas, e conseguindo eliminar a autoconsciência delas por causa da sua complexidade.

---

<sup>37</sup> “Quem quiser vencer a provação não deve dar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o alcançará se conseguir não ouvi-lo. Disso, a civilização sempre se cuidou. Alertas e concentrados, os trabalhadores têm de olhar para a frente e esquecer o que foi posto de lado”. (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 39)



Para conseguir o entendimento epistemológico que o projeto descolonizador requer, é necessário entender como a colonização colocou determinados mitos para o entendimento sobre o mundo e lhes outorgou o caráter de universal. Para começar, Gandarilla (2012) mostra que a geografia tem jogado um papel fundamental na construção de mitos, que uma vez impostos, ajudam à história universal positivista a ser abraçada sem maiores problemas.

O autor expressa que a descoberta do Novo Mundo, a América, deu fim ao predomínio das crenças religiosas para explicar aspectos tais como a origem ou a forma do mundo. A partir disso a modernidade estabeleceu um novo conceito de verdade o qual esteve entrelaçado à sujeição da humanidade a novas crenças mais críveis, em que gostaríamos de citar o autor em extenso:

Ao fazer crise o antigo modo de entender o mundo, emergirá uma nova visão da experiência-mundo e novos ângulos desde os quais enfocar as questões humanas, tanto geográfica quanto cronologicamente. A mudança de perspectiva, porém, seguirá conservando de forma mais sutil e desvanecidas (menos patéticos) determinadas formas de produzir invisibilidade de territórios e práticas humanas sobre as que a modernidade foi sustentado seus dispositivos de domínio e sujeição, o qual é preciso desvelar e descobrir. (GANDARILLA, 2012, p. 17)<sup>38</sup>

O novo modo geográfico de opressão mítica da modernidade colonial foi considerar a Europa como o centro do mundo. Assim, Gandarilla afirma que a linha do Equador foi movida para o Sul e desta forma “duas terças partes do mapa foram utilizadas para o norte geográfico e só um terço pelo sul geográfico” (2012, p. 18)<sup>39</sup>. Isto corresponde a um modo cartográfico da representação do mundo.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Al hacer crisis el antiguo modo de entender el mundo, emergerá una nueva visión de la experiencia-mundo y nuevos ángulos desde los cuales enfocar las cuestiones humanas, tanto geográfica como cronológicamente. El cambio de perspectiva, sin embargo, seguirá conservando de modos más sutiles y desvanecidos (menos patéticos) determinadas formas de producir invisibilidad de territorios y prácticas humanas sobre las que la modernidad va montando sus dispositivos de dominio y sojuzgamiento y que es necesario de-velar y des-encubrir.

<sup>39</sup> ... dos terceras partes del mapa son utilizadas para presentar al norte geográfico y sólo un tercio es ocupado por el Sur geográfico...

<sup>40</sup> Essa cartografia chama-se Mercator e é usada desde o século XV. Foi criada por Gerhard Kremer e, embora a UNESCO apoie o desenvolvimento do mapa de Arno Peters, ainda se prefere o eurocentrismo na descrição cartográfica do mundo.

No âmbito meta-geográfico, em nosso juízo, três têm sido os mais importantes mitos impostos pela modernidade colonial e mencionados por Gandarilla. O primeiro deles foi o critério com o qual lhes foi concedido o caráter de continentes a Europa, Ásia e África, quando eles foram basicamente uma só massa de terra dividida com fins geopolíticos, mas cuja divisão foi explicada de forma ambígua. A mais moderna explicação para isso poderia ser o Tratado de Tordesilhas no século XV, o qual dava um caráter hegemônico à Península Ibérica representada por Espanha e Portugal. Porém, ele sinaliza que, ainda antes do século XV, essa divisão já existia e estava amparada numa alegoria bíblica. Os três continentes eram uma cruz que representava os três filhos de Noé, dos quais o mais respeitado era Europa, o Jafet, a quem eram atribuídas a expansão e a visão de futuro. Logo estava Ásia, o Sem, que possuía esperança e signos de bom comportamento, finalmente, África era o Cam, o filho desprezado. Além disso, José Gandarilla (2012, p. 21 – 22) diz o seguinte:

Segundo o relato bíblico de Gênesis no episódio em que Cam “olha a nudez de seu pai” (cuja conotação, segundo Levítico, é sexual e incestuosa) ele é amaldiçoado e as suas futuras gerações também, Noé amaldiçoa Canaã, isto é, os filhos (africanos) de Cam, a serem escravos de seus irmãos, isto é, de Sem e de Jafet, que além de ter como escravos aos filhos de Cam, pode habitar as terras de Sem.<sup>41</sup>

Também, a linha de Yalta cumpre um papel fundamental metageográfico na divisão do mundo bipolar na Guerra Fria. O terceiro dos principais mitos metageográficos ocorre com o mito da raça ariana como a cor principal do que os humanos dessa localidade geográfica têm em oposição a habitantes de outros continentes. Assim, ao citar ao filósofo alemão Horst, Gandarilla pretende clarificar um dado até desconhecido para Freud. Ele faz a seguinte citação (Gandarilla, 2012, p. 19 – 20):

... o herói grego Édipo e o faraó egípcio Ekhnatón eram um mesmo personagem. Devemos este conhecimento ao trabalho de Immanuel Velikovsky, quem tem demonstrado a identidade na história da vida do faraó egípcio com o mito do Édipo, até nos detalhes... Ekhnatón casa-

---

<sup>41</sup> Según el relato bíblico del Génesis en el episodio en que Cam “mira la desnudez del padre” (cuya connotación, según Levítico, es sexual e incestuosa) éste es maldecido en él y en sus generaciones venideras, Noé maldice a Canaán, esto es, los hijos (africanos) de Cam, a ser siervos de sus hermanos, esto es, de Sem, y de Jafet, quien además de tener por siervos a los hijos de Cam puede habitar las tierras de Sem.

se com a sua mãe Tiy, abandona Tebas aos cinco anos de idade, funda uma nova cidade, Akhet-Atón, junto ao rio Nilo, e ao mesmo tempo faz da religião do Sol (Atón) a religião oficial do Estado. (Kurnitzky: 1978, 78)<sup>42</sup>

Então, fica explícito que a cor dos gregos não era branca porque as suas ascendências eram, em sua maioria, semítica e egípcia, o qual Gandarilla diz que era completamente aceito antes do século XIX.<sup>43</sup> Para esclarecer este ponto, é preciso referir-se ao que aconteceu ao final do século XVIII. Como consequência de grupos colonialistas de pesquisa ligados à Asiatic Society e que trabalhavam na East India Company, começou ser imposto o mito colonizador da supremacia da raça ariana. Tomado de Gandarilla (2012, p. 19), tradicionalmente acredita-se que “são os povos arianos do Norte (descendentes nos relatos mitológicos daqueles que questionaram os desígnios zoroástricos), os que nutrem cultural e linguisticamente aos povos persa e hindu.” Aquilo seria não só uma mentira, um mito colonizador com objetivos expansivos por parte do Norte da Europa, senão que faria da Índia, em termos meta-geográficos, um subcontinente.<sup>44</sup>

#### **1.4 Mito biográfico do poema “Pequenos Pés de Criança”**

No caso de Gabriela Mistral, também há a existência de um mito colonial, o qual além de ser incorporado ao pensamento racional foi imposto conforme a concepção do pensamento lógico republicano o qual abraçava a ideia de uma população que devia aceitar supostos por verdades.<sup>45</sup> Contudo, a natureza dessa verdade metonimicamente realizada acontece na forma de um mito cosmogónico que deu origem a um universo mistraliano, mas que agora tem a força de ser recriado com os aspectos censurados. Esse

---

<sup>42</sup> ... el héroe griego Edipo y el faraón egipcio Ekhnatón eran un mismo personaje. Debemos este conocimiento a la labor de Immanuel Velikovsky quien ha demostrado la identidad en la historia de la vida del faraón egipcio con el mito de Edipo, hasta en los detalles... Ekhnatón se casa con su madre Tiy, abandona Tebas a los cinco años, funda una nueva ciudad, Akhet-Atón, junto al Nilo, y al mismo tiempo hace de la religión del Sol (Atón) la religión oficial del Estado.

<sup>43</sup> Neste aspecto, Gandarilla cita a Bernal (1993).

<sup>44</sup> Assim, Gandarilla (2012, p. 19) duvida da veracidade da “linguagem indo-europeia como matriz de quase todo o conjunto de línguas existentes.”

<sup>45</sup> Isto será tratado em profundidade no segundo capítulo, especialmente na tensão latino-americana entre a imposição de uma “letra” e a rebeldia de uma “escrita”.

mito é o poema “Pequenos Pés de Criança”<sup>46</sup>, poema presente na formação escolar das crianças, fundamental para entender a imagem feita de Gabriela Mistral no Chile do século XX. O poema (Quezada, 2014, p. 91) é o seguinte:

Piececitos de niño,  
azulosos de frío.  
¡cómo os ven y no os cubren,  
Dios mío!

¡Piececitos heridos  
por los guijarros todos,  
ultrajados de nieves  
y lodos!

El hombre ciego ignora  
que por donde pasáis,  
una flor de luz viva  
dejáis;

que allí donde ponéis  
la plantita sangrante,  
el nardo nace más  
fragrante

Sed, puesto que marcháis  
por los caminos rectos,  
heroicos como sois  
perfectos.

Piececitos de niño,  
dos joyitas sufrientes,  
¡cómo pasan sin veros  
las gentes!

Basicamente, esse poema, mal interpretado e mítico, tem sido o principal responsável pelo fato de as pessoas terem se afastado de um entendimento mais amplo sobre a poeta e escritora. Nessa linha, é preciso citar as importantes palavras de Diego del Pozo (2015, p. 25):

Há 70 anos do Nobel para Mistral, a impressão que fica é que ainda existe uma distância entre os chilenos e a nossa insigne poeta, ainda falta nos apropriarmos dela, é preciso conhecê-la em profundidade e entender Mistral como um dos pilares fundamentais da nossa cultura. Além do conhecido poema “Pequenos pés” (Pequenos pés de criança, azuis de frio, como eles os olham e não os cobrem, Meu Deus!...) que comumente tem sido lido como um poema de caráter pueril, apesar de

---

<sup>46</sup> “Pececitos de Niño”

seu forte discurso crítico sobre a pobreza infantil, o resto da obra de Mistral ainda permanece distante dos escassos leitores nacionais.<sup>47</sup>

Assim, esse mito foi uma imposição de um modo de raciocínio para pensar esse poema, o qual se afasta do entendimento da subjetividade mistraliana, para ser imposto a modo de mito colonial – num Chile pós-colonial – na base de uma necessidade nacional. Essa necessidade começa com uma questão pedagógica. Essa educação republicana do Chile do século XX, arma positivista que criou uma imagem nas consciências dos cidadãos chilenos. No Chile antes da ditadura militar, foi a história que criou um mito da monumentalização da poeta, o qual virou, após o Golpe de Estado de 1973, um mito pedagógico.<sup>48</sup> E é esse mito pedagógico que consolidou esse monumento republicano prévio. O irônico desse monumento é que tem uma origem estrangeira, sem má intenção, mas rapidamente assimilado pelo Chile com o objetivo de criar uma imagem amigável da poeta, afastada da crítica social que a mesma fez tanto em sua poesia como em sua prosa. A respeito, Jaime Concha (2015, p. 31-32) conta que “*A Divina Gabriela* foi intitulada uma das primeiras biografias a ela dedicada; e próximo ao fim da sua existência, o ensaísta equatoriano Benjamín Carrión publicou *Santa Gabriela*, livro bem-intencionado, inspirado num difuso credo americanista, mas que ao canonizar prematuramente a mulher, a situava em grande parte fora da realidade”<sup>49</sup>.

Assim, foi relativamente fácil não só criar senão impor o mito colonizador<sup>50</sup> sobre a Mistral no Chile, quer pelas razões a respeito já escritas em tais biografias, quer pela inspiração criativa para aplicar essa imagem da poeta e escritura no mundo sócio-

---

<sup>47</sup> A 70 años del Nobel para Mistral, la impresión que queda es que aún existe una distancia entre los chilenos y nuestra insigne poeta, aún falta apropiarnos de ella, conocerla a fondo y entenderla como uno de los pilares fundamentales de nuestra cultura. Aparte del conocido poema “Piececitos” (Piececitos de niño, / azulosos de frío, / ¡cómo os ven y no os cubren, / Dios Mío! ...) que mayormente ha sido leído como un poema de carácter pueril, a pesar de su fuerte discurso crítico ante la pobreza infantil, el resto de la obra de Mistral aún permanece distante de los escasos lectores nacionales.

<sup>48</sup> A respeito de criar novos olhares sobre a figura de Gabriela Mistral, Claudia Cabello Hutt vai dizer que “era necessário deixar para trás a figura escolar da poeta que nos tinha sido herdada pela ditadura militar no Chile”. (Cabello Hutt, 2015, p. 15)

<sup>49</sup> *La Divina Gabriela* se tituló una de las primeras biografías a ella dedicada; y hacia el fin de su existencia, el ensayista ecuatoriano Benjamín Carrión publicaba *Santa Gabriela*, libro bien intencionado, inspirado en un difuso credo americanista, pero que al canonizar prematuramente a la mujer, la situaba en gran medida fuera de la realidad.

<sup>50</sup> Esse conceito sobre o caráter colonizador do mito é baseado em José Guadalupe Gandarilla (2012) e na história da ditadura militar no Chile, a qual vai impor uma forma de pensar na sociedade chilena através da violência explícita. Daí que o mito não seja só uma imposição de tipo racional senão também colonial.

político. Esse mundo sócio-político é o que deve ser mantido conforme o Chile Republicano e o papel que a mulher deve cumprir nesse contexto.

O Chile Republicano, cuja origem remonta ao ano de 1810, teve a sua consolidação com a Carta Fundamental do ano de 1833. A república do Chile, aparentemente inspirada nos valores do ‘vivere civile’ da época Florentina do século XV e dos Direitos Humanos da Revolução Francesa, embora ensombrecidos atrás o poderio da Burguesia que formou esse Chile republicano, deu acesso aos cidadãos na participação tanto social como política. Assim, nessa esperança de emancipação, um grupo de mulheres reclamaram os seus direitos para votar em eleições no ano de 1875, argumentando que eram cidadãos do mesmo jeito que os homens eram. Porém, os chilenos não especificavam se o conceito cidadão referia-se a homens e mulheres, tinha uma clara intenção de universalização masculina para referir-se tanto a cidadãos como a chilenos. Então, com o objetivo de impedir as mulheres de gozarem de direitos políticos, foi criada a lei de eleições no ano de 1884, a qual afastou definitivamente por uma extensa quantidade de anos o direito das mulheres de votarem. Esse contexto foi fortemente resistido e contestado pelas feministas do final do século XIX e começos do século XX, as quais pediram direitos sociais e logo políticos. Contudo, a máxima conquista desse feminismo da época em que viveu Gabriela Mistral foram os direitos sociais traduzidos em direitos educacionais para as mulheres. Os direitos políticos não foram considerados uma grande preocupação, sendo só um privilégio de umas poucas, aquelas que tiveram uma educação de elite e dinheiro para sustentar os seus protestos para ingressar na carreira política.<sup>51</sup>

No Chile republicano, portanto, foi incorporada essa monumentalização inicial de Gabriela Mistral, a qual vai ao encontro com a imagem que uma república espera de uma mulher, isto é, afastada do âmbito político e enfocada no âmbito socioeducativo e maternal, e a qual vai ser definitivamente imposta posteriormente num processo colonizador pela ditadura militar de Augusto Pinochet, quem reforçará este poder do controle republicano pelo aparato estatal.

---

<sup>51</sup> Este contexto é contado e explicado em profundidade pela filósofa e Doutora em Filosofia Política da Universidade do Chile e professora da Universidade Metropolitana de Ciências da Educação, Alejandra Castillo (2014). Também, uma análise mais detalhada e contextualizada no contexto de Gabriela Mistral e a sua escrita prosaica será exposta na análise do corpus de sua prosa política na década de 1920, presente na *Antología Política de Gabriela Mistral*, editada por Diego del Pozo (2015).

## 1.5 Crise da história e progresso como decadência do passado histórico

Neste subcapítulo, traremos reflexões da assertiva trazida por alguns estudiosos acerca de uma crise na história, ancorados na ideia de progresso como decadência do passado histórico. Para começar, vamos nos referir a essa crise histórica que estamos vivendo na atualidade.

A história tem tradicionalmente se importado com o estudo do nosso passado histórico, lhe dando forma como passado historiográfico. E é precisamente nessa construção historiográfica do passado que a história tem universalizado a história global de forma metonímica<sup>52</sup>, isto é, só considerando uma parte e fazendo dela a história universal de nosso mundo.<sup>53</sup> Esse será o primeiro mito colonizador da história universal.<sup>54</sup> Assim, o passado foi construído, narrado de uma maneira tão rígida, na construção de um mito, que aquele já tinha perdido sua razão de ser, o que importava era o futuro. Nesta linha, Boaventura de Sousa Santos (2010) defende esta postura:

Comum às diferentes teorias da história foi a desvalorização do passado e o hipostasiar do futuro. O passado foi visto como consumado e, portanto, como incapaz de fazer a sua aparição, de irromper no presente. Pelo contrário, o poder de revelação e de fulguração foi todo transposto para o futuro. Foi neste quadro que a transformação social, a racionalização da vida individual e coletiva e a emancipação social passaram a ser pensadas. (Santos, 2010, p. 52)

Segundo a citação anterior, o passado já estava ultrapassado, não podia ser sujeito a novas análises, e o aprendizado fixo sobre ele era suficiente para pensar sobre o futuro, o qual era o que realmente devia importar. O problema era que o futuro devia ser pensando desde uma ansiedade constante, isto é, um futuro que sempre ia acontecer, mas que nunca ocorria. O passado, assim, deveria ser aceito do jeito em que nos era mostrado. Ele não podia ser questionado e o nosso trabalho era continuar avançando para frente, sem olhar para trás. É basicamente acreditar num mito que nos foi imposto no decorrer da história.

---

<sup>52</sup> Isto é tratado no conceito de “Crítica da Razão Metonímica” de Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 97 – 102).

<sup>53</sup> Nesta perspectiva, José Guadalupe Gandarilla (2012) vai preferir falar de História Mundial ao invés de História Universal.

<sup>54</sup> Mito e colonizador tomados de Adorno&Horkheimer e Gandarilla respectivamente.

Sobre a decadência desse mito que já não é suficiente para explicar o caminho da história, Walter Benjamin, na sua alegoria da história, reflete sobre o seguinte:

Há um quadro de Klee chamado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece estar a afastar-se de alguma coisa que contempla fixamente. Os olhos estão arregalados, tem a boca aberta e as asas estendidas. É este, seguramente, o aspecto do anjo da história. Ele tem a face voltada para o passado. Onde vemos perante nós uma cadeia de acontecimentos, vê ele uma catástrofe sem fim que incessantemente amontoa ruínas sobre ruínas e as vai arremessando aos pés. Ele bem gostaria de ficar, de acordar os mortos e de voltar a unir o que foi destruído. Mas, do paraíso sopra uma tempestade que lhe enfuna as asas e é tão forte que o anjo já não é capaz de as fechar. Esta tempestade arrasta-o irresistivelmente para o futuro, para o qual tem as costas viradas, enquanto o montão de ruínas à sua frente cresce até o céu. Esta tempestade é aquilo a que chamamos progresso. (Benjamin, 1980, p. 697 – 698)<sup>55</sup>

Desta forma, na eterna promessa do progresso e de um futuro melhor a esse passado que já fechou, acreditamos que num futuro o problema moderno da emancipação social vai se resolver por si mesmo. O problema é que a emancipação ainda não aconteceu e não vai acontecer enquanto as pessoas ficarem só aguardando para ela ocorrer. Tudo isso terá como consequência uma contínua decepção na sociedade tardia-moderna.<sup>56</sup> Isso pode gerar um descontentamento massivo na população, cuja possibilidade teve uma resposta da teoria da história desde a burguesia, a qual defende, desde uma postura pós-moderna, o fim da história.<sup>57</sup> Desta forma, o descontentamento, produto de uma ansiedade de um futuro não acontecido, terá uma transformação em que as pessoas se importarão mais com o presente do que com os seus futuros.

Embora o conceito de progresso tenha sido criticado pelo perigoso que é para a emancipação social, a qual não acontecerá desse modo, foi a burguesia quem, também acreditando no perigo do progresso, mas de outra maneira, encontrou a solução de simplesmente eliminar esse futuro. Ainda o passado continua sem ser tomado a sério.

---

<sup>55</sup> A tradução ao português é feita por Santos (2010, p. 53).

<sup>56</sup> A respeito, Santos (2010, p. 53) diz: “Para vastas populações do mundo a relação entre experiências e expectativas inverteu-se, ou seja, as expectativas quanto ao futuro são hoje mais negativas que as experiências atuais, por mais difíceis ou precárias que sejam”.

<sup>57</sup> Como a burguesia, em termos gerais, sente que sua vitória histórica está “consumada”, então poderia ser perigoso estar constantemente alimentando o conceito de progresso nas pessoas (Santos, 2010, p. 52).



Como bem afirma Santos (2010, p. 51), a “ideia da repetição é o que permite ao presente alastrar ao passado e ao futuro, canibalizando-os”. Assim, olhar sem crítica alguma para o futuro ou nos mantermos no presente pela eternidade não ajudarão encontrar uma saída. A solução reside em aquilo cuja importância foi esquecida ou mumificada.

A solução é o passado porque, ao questionar ele continuamente, é possível enfrentar nosso presente e estar preparados para o futuro. Sobre isto, as palavras de Santos (2010, p. 54) são esclarecedoras, ao dizer que “reposicionar o anjo da história, reinventar o passado de modo a restituir-lhe a capacidade de explosão e de redenção”. Na constante rescrita do passado, como subversão das narrativas míticas colonizadoras, é possível saber como a história tem sido manipulada e como é possível a reconstruir para chegarmos a essa tão esperada emancipação.

### **1.6 Poesia na reconstrução do arquivo e memória mistralianos**

Com a imposição do mito colonizador sobre Gabriela Mistral tem-se criado uma biografia sobre ela. Mas, também, com essa biografia mítica, foi esquecido a natureza do real significado de uma biografia, isto é, uma narrativa, aquilo que não só se pode alterar à vontade, do mesmo jeito como foi criado um mito biográfico, mas a partir de uma releitura contínua da vida de uma pessoa a que nos leva a rescrever essa biografia. Aqui, o trabalho de Mikhail Bakhtin (1993) é tanto necessário como fundamental. Gostaríamos de citar algumas palavras suas em extenso:

... temos em vista o romance biográfico, e entretanto, na Antiguidade, não foi criado tal romance, isto é, uma grande obra biográfica que, de acordo com nossa terminologia, poderíamos chamar de romance. Porém, nela desenvolveu-se uma série de formas biográficas e autobiográficas notáveis que exerceram enorme influência não só para o desenvolvimento da biografia e da autobiografia europeias, mas também para o desenvolvimento de todo romance europeu. Essas formas antigas estão baseadas em um novo tipo de tempo biográfico e em uma nova imagem especificamente construída do homem que percorreu o seu caminho de vida.

Nessa citação há duas questões que serão matéria de discussão. A primeira delas é que ele não faz distinção entre biografia e romance. Poderia se interpretar que ele

escreveu isso porque incluiu a biografia como uma categoria de romance sem outra intenção. Seja consciente ou não, o interessante é que a biografia nem sempre é criada como uma forma de romance e que, se consideradas as suas características, é impossível afastá-la de um romance. Disso, embora as intencionalidades atrás de suas criações sejam diferentes entre elas, as características narrativas ficcionais, tanto pela biografia como pelo romance, são compartilhadas. Esse esclarecimento de uma biografia nos ajudará a entender ainda mais o caráter mítico da biografia de Gabriela Mistral. Porém, aquilo pode nos fazer acreditar que qualquer narrativa sobre Gabriela Mistral é uma ficção. Não é assim. Se considerarmos que a construção do mito mistraliano é feito a partir de uma universalização metonímica de uma parte de sua vida e obra, então essa construção mítico-biográfica não é uma ficção, mas uma versão da história de Gabriela Mistral.

O fato de uma biografia ser uma versão histórico-narrativa, ou romanceada, do ‘caminho de vida’ de uma pessoa está também conectada ao fato da crise da história. Negar a existência da história seria negar as possibilidades de olhares sobre o passado. Nesse sentido, uma compreensão das possibilidades de passados históricos poderia nos ajudar a entender como funciona o relato biográfico. Assim, desde os novos estudos históricos, historiadores como Jacques Le Goff, entre outros, tentarão reivindicar o entendimento do passado como uma longa idade média, com o objetivo de baixar o efeito da Renascença e pensar várias formas de Renascença.<sup>58</sup>

A segunda questão a ser discutida sobre a citação de Bakhtin é o ‘caminho de vida’. Para entender a que ele se refere ao expressar esse sintagma nominal, é preciso contextualizar com base no seu texto:

No classicismo grego notamos dois tipos importantes de autobiografias. Denominaremos convencionalmente o primeiro tipo de platônico, pois se manifestou primeiro e mais nitidamente nas obras de Platão, como A Apologia de Sócrates e Fédon. Esse tipo de conscientização autobiográfica do homem está ligado às formas rígidas de metamorfose mitológica, em cuja base encontra-se o cronotopo “o caminho e vida do indivíduo que busca o verdadeiro conhecimento”. (BAKHTIN, 1993, p. 250)

---

<sup>58</sup> Aquilo é referido por Gandarilla (2012, p. 31) e é consequente com seu pensamento de que a modernidade não começa com os descobrimentos do novo mundo, porque, até o século XIX, ou finais do século XVIII, a supremacia científico-tecnológica não era do Ocidente senão do Oriente.

Nessas palavras, o autor não faz uma distinção fundamental entre biografia e autobiografia. É o ponto de enunciação o que varia mais do que a narrativa que vai contar sobre esse caminho de vida. O importante é a definição de cronotopo como conceito que vai nominar em uma palavra o sintagma – composto de um substantivo pós-modificado por o sintagma preposicional ‘de vida’. Nominação que entenderá a vida em consonância a um tempo determinado, um lugar cronológico, porém, não semelhante ao tempo da vida real senão àquele do tempo narrativo, do romance.

Também, o cronotopo como metamorfose será entendido, conforme às novas narrativas históricas mencionadas anteriormente, não como um conceito lineal nem facilmente previsível. O cronotopo das biografias contemporâneas, como, por exemplo, a biografia de Gabriela Mistral, será, a nosso olhar, entendido como uma metamorfose complexa e em constante rescrita. A biografia é essencialmente uma escrita incompleta no olhar global e só encontrará completude dentro do mesmo relato. Para entender esse paradoxo, mais uma vez serão necessárias as próprias palavras de Mikhail Bakhtin:

O tempo biográfico não é reversível em relação aos próprios acontecimentos da vida que são inseparáveis dos acontecimentos históricos. Mas em relação ao caráter, esse tempo é reversível: um ou outro traço do caráter, tomado separadamente, poderia aparecer mais cedo ou mais tarde. Os próprios traços do caráter não têm cronologia, sua aparição muda de lugar com o tempo. O próprio caráter não cresce e não se altera. Ele apenas *completa-se*: incompleto, não revelado e fragmentário de início, ele torna-se *completo* e arredondado no final. Consequentemente, o caminho que revela o caráter não conduz à sua alteração e à sua formação em relação com a realidade histórica, mas ao seu *acabamento*, ou seja, apenas ao arremate da forma que foi esboçada desde o início. (BAKHTIN, 1993, p. 259, *grifos* do autor)

Os acontecimentos históricos já são conhecidos assim como o tempo em que eles aconteceram. O importante será a posição de Mistral em relação a esses acontecimentos. A dicotomia entre completude e incompletude será uma constante confrontação segundo objetivos iniciais aos quais será colocada a procura desse ‘caráter’ ou ‘traços de caráter’. Na medida do relato mistraliano como mito baseado no poema “Pequenos Pés de Criança”, a completude será entendida conforme a como esse mito biográfico foi inicialmente estruturado. No caso deste trabalho, a completude terá lógica na medida em que sejam analisados os traços de caráter no discurso da autora que mostrem sua postura política de acordo com a sua versão da história, cuja subjetividade

contará tanto com traços autobiográficos como nos ajudará na construção biográfica da autora. A completude do objetivo inicial deste estudo dependerá do grau de entendimento que tenhamos a respeito da incompletude que rodeia a vida da autora, uma incompletude que não existe pela falta de dados, mas pela falta de novos acabamentos na construção de novos relatos biográficos que contenham dados anteriormente censurados sobre Mistral.

A conexão entre uma constante rescrita biográfica e de versões dos acontecimentos históricos, em oposição à aceitação de um mito colonizador, tem a ver com o conceito de memória. A memória luta incessantemente contra o mito. O esclarecimento desse mito aparentemente positivo acaba significando a morte da nossa memória, e o acordar dessa memória poderia resultar no apagamento desse mito. Nesta contínua briga entre ambos, Ana Pizarro (2009, p. 353) expressa o seguinte:

A memória, essa capacidade de conservar informações, escreve Le Goff, remete antes de tudo a um complexo de funções psíquicas com as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele imagina como passadas. Na sua forma coletiva e em suas expressões diversas, a memória – étnica, biológica, cibernética – tem um desenvolvimento e uma história. “A partir de homo sapiens – afirma Leroi-Gorham –, a constituição de um aparato da memória social domina todos os problemas da evolução”. É assim como o controle da memória social e suas expressões, seus depósitos – os arquivos, os monumentos – constituíram historicamente, às vezes de forma aberta, como no caso a que nos referimos, às vezes encoberta, com o controle da informação e a comunicação, uma luta permanente nos espaços onde se dirime o poder.

A memória constitui-se no espaço público, no sentido de disputar com o poder político. A memória é coletiva, então representa o poder do povo. Porém, o poder do controle como limitador da memória está intimamente relacionado com esse conhecimento-regulação que pretende impedir a nossa emancipação.<sup>59</sup> Só iremos discordar com a função da memória social como dominadora da evolução humana. A nosso entender, o conceito de evolução está mais relacionado com a ideia de progresso, com o pensamento de que o que está vindo é melhor do aquilo que já aconteceu. É parte de um paradigma dominante e entendemos o conhecimento da memória é tão complexo

---

<sup>59</sup> A memória seria o ‘conhecimento-emancipação’ Santos (2010, p. 32) devido a que ela vai a contramão da imposição de um conhecimento regulatório de ordem colonial para as pessoas serem facilmente controladas.

como ao que Le Goff, na citação, faz referência. O interessante é que, além de ser complexa ou variada, segundo Le Goff, citado por Pizarro, a memória nos ajudar a evitar considerar o passado como ultrapassado com o objetivo de ir rescrevendo os acontecimentos históricos e biográficos, combatendo a consolidação do mito imposto de uma forma colonizadora, como o que aconteceu com o mito mistraliano no Chile republicano.

Todavia, assim como a história é plasmada em forma historiográfica, a qual pode e deve ser atualizada e reatualizada constantemente, a memória toma a forma de arquivo, como um intento de oficializar o trabalho histórico a contramão no resgate de acontecimentos históricos ou biográficos esquecidos de propósitos ou simplesmente censurados pelo mito colonizador. Nesse sentido, Ana Pizarro (2009, p. 354) estabelece:

... a reconstituição do passado já é um gesto de oposição ao poder. É por isso que o arquivo, agora no sentido clássico da palavra, no sentido da constituição de um conjunto orgânico de documentos e suas relações, é um ato permanente de resistência, em geral silenciosa, é de colocar em evidência a validade da memória, uma luta contra o esquecimento.

Segundo a citação e com base no objetivo deste trabalho – reconstruir a memória e o arquivo de Gabriela Mistral através da análise do discurso-político presente na sua escrita prosaica não ficcional –, a nossa luta será contra o esquecimento de Mistral, não a Mistral do poema “Pequenos Pés de Criança”, mas sim de uma não universalizada metonimicamente através de um aspecto de sua vida e obra. Uma Mistral considerada desde a globalidade de sua diversidade de pensamento livre, que eminentemente tem sido e continuará sendo uma reivindicação à subjetividade de uma escrita que goza de plena consciência e autonomia.<sup>60</sup>

### **1.7 Prosa na reconstrução do arquivo e da memória mistralianos**

É evidente que o mito mistraliano, o qual se baseia num poema de um dos livros não considerados dentro dos três mais importantes das obras poéticas que a autora escreveu durante sua vida, ao ser imposto na população chilena como um mito

---

<sup>60</sup> Autoconsciência no entendimento pessoal do ser humano além do esclarecimento assumido por verdade.

colonizador, isto é, através do controle de aparato estatal, amparado na instrução própria da educação e reforçado pelo autoritarismo do período ditatorial de Augusto Pinochet, escondeu muita informação sobre a autora. Por causa disso, atualmente, as pessoas desconhecem muitos aspectos importantes da vida e obra de Gabriela Mistral. Para isso acontecer, foram deixadas de lado a maioria das obras, tanto poética, após a publicação de *Ternura*, como, e sobretudo, de sua escrita ensaística, a qual é considerada a mais pura expressão do discurso de seu pensamento político livre pensante, uma postura política livre, que busca a justiça e a emancipação da classe operária e indígena, mas sem uma militância político-partidária. Isto ocorre quando a produção escrita escapa ao campo das regras do mito cientificista e assim começa a criar escrita com a beleza da estética e ao mesmo tempo com a força política que procura irromper e alterar o espaço público. Neste último sentido entre estética e política, gostaríamos de citar a Herbert Marcuse (2007, p. 10):

... uma obra de arte pode denominar-se ‘revolucionária’ se, em virtude da configuração estética, apresentar a ausência de liberdade do existente e as forças que se rebelam contra isso no destino exemplar do indivíduo, romper a realidade mistificada (e reificada) e der a ver o horizonte de uma transformação (libertação).

Neste sentido, toda a verdadeira obra de arte seria revolucionária, na medida em que subverta as formas dominantes da percepção e da compreensão, apresente uma acusação à realidade existente e deixe aparecer a imagem da libertação.

Desde essa postura entende-se que a prosa, em sua maioria, seja censurada. Esse mito de Gabriela Mistral mãe e educadora do Chile, exemplo de tradição e de republicanismo, que foi até útil para representar uma figura importante para as mulheres chilenas como mães e nos seus papéis como educadoras de suas respectivas famílias, não tem como aceitar uma Gabriela Mistral rebelde, que pretende subverter formas dominantes em seus artigos escritos ao jornal “El Mercurio”, e que liam a classe alta do Chile, a burguesia dominante, e que ela, como escritora, nunca fez nada em defesa do matrimônio, algo sagrado para a Ditadura de Pinochet.

Por causa disso que o nosso objetivo será, no próximo capítulo, fazer uma análise da importância da sua prosa como discurso político para o resgate da memória, e conseqüentemente, do arquivo de Gabriela Mistral, que terá como objetivo destruir esse mito que nos foi imposto de maneira tão violenta.

## CAPÍTULO 2

### ENUNCIÇÃO, DISCURSO POLÍTICO E ESCRITA LIVRE PENSAnte MISTRALIANOS

#### 2.1 Introdução

O fato de indagar a escrita prosaica como manifestação do Discurso Político de Gabriela Mistral significa interrogar a memória, essa alteridade ao arquivo que institucionaliza um olhar considerado universal sobre a poeta e escritora. Um olhar objetivo sobre uma ideologia, um discurso metonimicamente universalizado que se impõe na sociedade como razão de ser e como modelo de conhecimento a seguir. Contudo, a Mistral não canônica, a Mistral rebelde, descentrada, periférica, indígena, mestiça, mulher, traidora à República está morta. Morreu sim, mas não seu legado. Sua escrita, a literatura que nos deixa parece ser a oportunidade de reivindicar sua figura complexa, sua escrita livre e libertadora, de uma mulher que pensava e nos convidava a pensar quando a regra era calar e obedecer. Uma reivindicação que não está isenta de polêmica porque ser calado não é só ser privado de se expressar livremente desde o âmbito privado ao plano público, ser silenciado é sofrer violência e a consequência daquilo que é uma mistura de emoções: tristeza, raiva, impotência e desejo de vingança. Entenda-se esta última como a vontade de fazer justiça pelas próprias mãos, no caso específico de Mistral, através da própria escrita. Todavia, é inerente ao sujeito a falha, a frustração pela incapacidade em dar conta de todas essas emoções ao longo do tempo. É constitutivo de sua história, memórias que retratam frustrações, mas que podem evocar reivindicação. Uma copulação entre lágrima e memória que se poderia esclarecer nestas palavras do reconhecido historiador chileno Miguel Valderrama:

A memória desta lembrança é uma memória enlutada, dividida entre passado e futuro, mantida à promessa de uma supervivência mais aqui ou mais para lá do presente de sua inscrição. Tears of Remembrance,<sup>61</sup> é o nome que Arendt dá a essas lágrimas de dor de si mesmo e do outro. “Lágrimas de lembrança”, lágrimas de luto pela memória

---

<sup>61</sup> Em português: Lágrimas de Lembrança.

passada e futura de uma desapareição que não termina de encontrar um lugar no presente. (Valderrama, 2016, p. 21)<sup>62</sup>

A memória tem a ver com a dor tanto do sujeito que sofre quanto do sujeito que interatua como ela. Além disso, a memória encontra-se perdida no tempo devido ao fato de nunca ter pertencido ao tempo do sujeito reprimido nem de pertencer ao tempo daqueles que trabalham na sua recuperação. Porém, na contínua busca ao passado, a memória atualiza-se e reatualiza-se no presente de quem a recupera e projeta-se no futuro em sua relação com um passado perdido no tempo. Cada reivindicação é uma catarse que faz justiça de uma memória que através de cada lágrima demonstra ao arquivo não atualizado que este carece de verdade, não aquela objetiva, senão dessa verdade subjetiva que esse arquivo em particular silencia num processo de opressão que pretende o extermínio da memória tanto individual quanto coletiva.<sup>63</sup> Por causa disso é importante deixarmos as lágrimas se expressarem. Nesse sentido:

Sua queda expressa uma experiência dolente congregada sobre si mesma, reunida na afirmação e luto do próprio presente. A morte ingressa no presente como luto do presente, como memória presente da morte e do passado. Ao ser introduzida a memória da perda no presente, a lágrima cumpre uma função memorial da existência, rasto ou monumento de luto. (Valderrama, 2016, p. 20)<sup>64</sup>

O luto do passado, referido por Valderrama, é também o luto do presente, o qual sente falta daquilo que não aconteceu.<sup>65</sup> Ou melhor, aconteceu, mas no plano do silêncio, como algo não concretizado ou que uma vez concretizado foi logo censurado. Daí que a memória não seja só uma catarse verbalizada em um chorar sem sentido, mas

---

<sup>62</sup> La memoria de esta recordación es una memoria enlutada, dividida entre pasado y futuro, aferrada a la promesa de una supervivencia más acá o más allá del presente de su inscripción. Tears of Remembrance, es el nombre que Arendt da a esas lágrimas de dolor de sí y del otro. “Lágrimas del recuerdo”, lágrimas de duelo por la memoria pasada y futura de una desaparición que no termina de encontrar un lugar en el presente.

<sup>63</sup> O arquivo entendido como um contínuo em constante atualização é a ponte entre a memória e a reivindicação do que foi censurado numa época passada.

<sup>64</sup> Su acaecer expresa una experiencia doliente congregada sobre sí misma, reunida en la afirmación y duelo del propio presente. La muerte ingresa en el presente como duelo del presente, como memoria presente de la muerte y del pasado. Al introducir la memoria de la pérdida en el presente, la lágrima cumple una función memorial de existencia, de huella o monumento de duelo.

<sup>65</sup> Valderrama entende o luto quanto a saudade do que poderia ter acontecido, mas que não aconteceu por causa da censura. A memória é a possibilidade de o luto ser reivindicado.



tem por função mostrar e reivindicar a alteridade como subjetividade dentro de um processo intersubjetivo no plano mundo, tanto sincrônico-geográfico, quanto diacrônico e variável. A memória nos faz dialogar sobre as nossas perspectivas da realidade e sobre nossas posturas a respeito dela. Nesta função das lágrimas como memória dialógica, é preciso resgatar o seguinte:

Gramsci adverte na catarse o ponto de partida de toda filosofia da práxis. “Pode-se empregar o termo ‘catarses’ – ele escreve – para indicar o trânsito (passagem) do momento meramente econômico (ou de paixão egoísta) ao momento ético-político, ou seja, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa também o trânsito (passagem) do ‘objetivo ao subjetivo’ e da ‘necessidade de liberdade’. (...) A fixação do ‘momento catártico’ converte-se desse jeito, acredito, no ponto de partida para toda a filosofia da práxis; o processo catártico coincide com a cadeia de sínteses que são o resultado processo dialético. (Valderrama, 2016, p. 24)<sup>66 67</sup>

Graças à memória, o nosso trabalho será reivindicar a escrita livre pensante de Gabriela Mistral como discurso político constituído pela sua subjetividade em relação com um diálogo tanto com outros sujeitos quanto com o mundo no qual ela escrevia. Fazer justiça da escritura periférica calada e sujeitada a uma vontade de poder colonizador é não só uma postura pessoal senão também um valor ético-político na luta pela igualdade na nossa sociedade na América Latina.

## 2.2 Literatura e Subjetividade na Prosa Mistraliana

Embora não acreditamos na modernidade como ultrapassada e acreditamos, por outro lado, numa pós-modernidade em termos relativos, consideramos importante nos referir às consequências da transição das tradicionais às novas aproximações na

---

<sup>66</sup> ... Gramsci advierte en la catarsis el punto de partida de toda la filosofía de la praxis. “Se puede emplear el término “catarsis” – escribe – para indicar el paso (passaggio) del momento meramente económico (o egoístico-pasional) al momento ético-político, o sea la elaboración superior de la estructura en superestructura en la conciencia de los hombres. Esto significa también el paso (passaggio) de lo “objetivo a lo subjetivo” y de la “necesidad a la libertad”. (...) La fijación del “momento catártico” se convierte así, me parece, en el punto de partida para toda la filosofía de la praxis; el proceso catártico coincide con la cadena de síntesis que son resultado del desarrollo dialéctico”.

<sup>67</sup> Valderrama cita a Gramsci, Antonio. “Il termine di ‘catarsi’”. In: Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce. Editori Riuniti, Roma, 1971, p. 46.

produção de conhecimento e nos processos de criação. Nesse sentido, parece necessário citar ao filósofo argentino Ernesto Laclau:

Tal transição deve ser entendida, todavia, não como dissolução generalizada (que só seria concebível como preâmbulo da emergência da categoria tipicamente moderna de “novo”), mas, precisamente como hibridação – isto é, como conformação de novas áreas de indecidibilidade no conjunto social/institucional e como base para o desdobramento de jogos de linguagem mais radicais, que colocam em questão os pontos de referência da certeza. (Laclau, 2010, p. 10)

Assim, estas “novas áreas de indecidibilidade” e “o desdobramento dos jogos de linguagem mais radicais” significarão, na prática, uma ameaça à tradição tanto à Epistemologia como às Políticas, em suas configurações sociais e da linguagem. Ao ser questionado o paradigma científico e técnico que não considera ao ser humano desde sua individualidade e, desde aí, às diversas realizações da linguagem, também aparece “o questionamento do sujeito autônomo, autocentrado e transparente da metafísica moderna e a correlativa noção de um sujeito descentrado...”. (Laclau, 2010, p. 10). Elimina-se a metafísica do sujeito, que o transforma em um objeto fixo, e o cânone da língua.<sup>68</sup>

Nesse sentido, o sujeito e os sujeitos começam a se tornar importantes; e a língua, mais do que ser definida através de categorias inerentes a ela, passa a ser definida pela subjetividade presente nela. Com isto, toma relevância tanto a vida das pessoas como o relato dessas vidas contados desde as diversas subjetividades. Aparece o lugar da vida das pessoas, único e intransferível, como uma versão da língua usada por elas:

A noção de espaço biográfico” que “tenta dar conta de um terreno em que as formas discursivo-genéricas clássicas começam a se entrecruzar e hibridizar; a categoria de valor biográfico adquire um novo caráter de protagonista no traçado narrativo que dá coerência à própria vida; e a apelação a uma referencialidade estável como ponto de ancoragem é deslocada em relação às diversas estratégias de autorrepresentação. (Laclau, 2010, p.10 – 11)

---

<sup>68</sup> Esta crise da língua como um paradigma fixo e metafísico, em um cânone, será discutido desde duas visões, uma linguística desde um conceito de Enunciação e Discurso, e uma outra Linguístico-cultural, entendido desde a língua como instauração de um projeto político-cultural e de imposição de poder.

Não é, dessa forma, só o aparecimento dos sujeitos e de novas formas de linguagem que entrarão a lutar com o paradigma clássico da metafísica moderna, mas também as categorias de gêneros discursivos começaram a se hibridizar e, com isto, os limites que ajudam a dar um marco referencial de definição deles tornam-se difusos. O nosso ponto aqui remete ao que é geralmente entendido por Literatura. Se antigamente aquela área de processos de criação estava integralmente relacionada com a ficção, hoje não poderíamos ter mais certeza a respeito.

Os limites entre o entendimento de Literatura e História são tênues. Matos (2016)<sup>69</sup> explica que a clássica distinção entre, por exemplo, História, supostamente objetiva, e Literatura, como uma criação completamente subjetiva e, como consequência, rejeitável desde um ponto de vista científico, apresentada por Aristóteles em sua *Poética*, não se sustenta mais. Isto veio acontecer pela consideração da subjetividade como parte essencial tanto do processo de produção de conhecimento quanto nos processos de criação tradicionalmente considerados subjetivos, como no caso da Literatura. Graças a contribuição do Grupo de História das Mentalidades, com a participação do historiador Le Goff, por exemplo,<sup>70</sup> a história tem começado a ser considerada já não mais uma representação escrita objetiva de fatos senão como uma versão da História. Aquilo poderia entender-se, muitas vezes, como a versão de vencedores que silencia a grupos subalternos.<sup>71</sup> Após este contexto, aconteceria um ponto de indecidibilidade sobre quanto de realidade e quanta ficção existe tanto na História quanto na Literatura. As duas apresentam traços de certezas e traços de criatividade narrativas as quais coabitam em harmonia dentro do relato escritural. Assim, esta subversão do binarismo diferencial entre ambas trará um ponto de não retorno. Laclau (2010, p. 12) dirá que “essa série de démarches teóricas – descentramento do sujeito, inscrição do mesmo num espaço dialógico (e, portanto,

---

<sup>69</sup> Na disciplina Tópicos Especiais sobre Autoria, Biografia e Leitor do Mestrado em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, no segundo semestre do ano 2016.

<sup>70</sup> A contribuição de Le Goff e outros historiadores sobre a manipulação temporal e racional da história tem sido tratada no capítulo anterior no caso da imposição do Mito Colonial.

<sup>71</sup> No caso da subalternidade, citamos a Gayatri Spivak (1998), pioneira no uso do termo para se referir ao caso de grupos de pessoas como as mulheres pobres e orientais, por exemplo, que estão numa situação de subjugação com respeito a outros grupos que possuem voz na história oficial ao contrário delas. Nesse sentido, a subalternidade estabelece uma relação de outridade/alteridade vertical, na qual o outro inferior é silenciado na história oficial, isto é, aparentemente não existe, embora pode-se fazer uma reconstrução da história dos grupos subalternos através do preenchimento de vazios com base em pistas que permitam nos desconstruir a versão que a história oficial dá desses grupos, a de uma caricatura.

social), falta constitutiva inerente a esse último – não pode senão subverter as distinções clássicas entre o público e o privado”. Segundo isto, a História, vinculada ao público, e a Literatura, vinculada ao privado, perderam sua razão de ser tradicional e metafisicamente constituídas. Uma hibridação, neste sentido, segundo Matos (2016), seria o relato (auto)biográfico, o qual, por sua natureza, compreende fatos reais e situações e características próprias do processo criativo do relato, do ponto de vista de quem narra a história. É aí onde, de maneira inegável, a História torna-se subjetiva e, portanto, mais literária, e a Literatura, pode-se tornar mais História, pela presença de realidade contida no seu relato.

Leonor Arfuch, na sua pesquisa sobre discurso (auto)biográficos, chegará ao seguinte entendimento:

De tanto observar, confrontar variáveis, foram se perfilando alguns eixos e tendências prioritárias: a subjetividade que os relatos punham em jogo vinha em geral “atestada” pela admissão de “eu”, pela insistência nas “vidas reais”, pela autenticidade das histórias na voz de seus protagonistas, seja na transmissão ao vivo das câmeras ou na inscrição da palavra gráfica, pela veracidade que o testemunho impunha ao terreno escorregadio da ficção. Aquela compulsão de realidade assinalada pelo célebre conceito de “simulacro” de Baudrillard ([1978] 1984)<sup>72</sup> – resguardo efêmero da devoração midiática – parecia se plasmar aqui sem descanso no nome próprio, no rosto, no corpo, na vivência, na anedota oferecida à pergunta, às retóricas da intimidade. (2010, p. 21)

O denominado “Espaço Biográfico” (Arfuch, 2010) será a tríada perfeita entre História, Literatura e Subjetividade. Daí que já não seja mais possível dizer que a História não é um relato, mas, na nossa preocupação, já não seja mais possível dizer de maneira irresponsável que um relato, embora não tenha sido criado originalmente como um processo literário, isto é, de ficção, não é Literatura. Enquanto tenha uma presença importante de subjetividade nele, o discurso poderá estar sob análise, com a certeza de que é Literatura.

Neste momento, o nosso foco será a prosa não ficcional e política de Gabriela Mistral, a qual consideramos como criação literária que contém, desde uma postura biográfica, isto é, altamente subjetiva, um olhar da sociedade de sua época e dos

---

<sup>72</sup> Baudrillard, Jean. Cultura y Simulacro. Kairós, Barcelona, 1984 [1978].

processos sócio-históricos e políticos desde a versão do relato pessoal. Assim, na subjetividade contida em seus relatos prosaicos, Pedro Luis Barcia dirá:

... do criador do ensaio<sup>73</sup> toma algo mais<sup>74</sup>: a atitude egotista frente a quanto há de ser abordado em seus escritos. Há pessoas que para falarem de si mesmas precisam falar de outras coisas; e há outras que para falar de qualquer coisa precisam falar de si mesmas. Gabriela fala desde si mesma e de si mesma, por causa de sua estimativa que nunca renega de sua subjetividade. (BARCIA, 2010, p. XC – XCI)<sup>75</sup>

Gabriela Mistral reivindicará uma Literatura que não só se manifesta na poesia, mas que se valerá da sua subjetividade em todo processo criativo escritural, quer na poesia, quer na prosa, tanto poética quanto política. Será uma luta pelo reconhecimento da subjetividade no seu processo escritural, a qual representa o lugar de enunciação da autora, sua origem mestiça, de mulher, de campesina. Será uma literatura que se apresenta como desafiante à alta cultura.<sup>76</sup> Nesta tensão, Mistral incluirá na cena literária “a oralidade espontânea de sua língua, e, ao mesmo tempo, a ruralidade dessa língua, que devem insistência de arcaísmos, inflexões peculiares, concorrência de imagens e, ‘o tono mais meu’, de lembranças e profunda identidade” (Barcia, 2010, p. LXXXIII). Isto fará a sua escrita prosaica se tornar, embora um motivo de orgulho para ela, numa literatura periférica, ergo, perigosa.

Todavia, mesmo periférica e perigosa, a prosa de Mistral foi canonicamente consagrada no momento de receber o Prêmio Nobel de Literatura no ano 1945. A respeito, o seguinte fato não poder passar inadvertido:

Estimamos que deve se prestar atenção a uns dos fundamentos pelos quais foi lhe outorgado o Prêmio Nobel: “Tem feito de seu nome um símbolo das aspirações idealistas de todo o mundo latino-americano”. Claramente, isto tem a ver com a difusão de seu trabalho e abundante prosa, e não a sua lírica. (Barcia, 2010, p. LXXIII)<sup>77</sup>

---

<sup>73</sup> Refere-se a Michel de Montaigne.

<sup>74</sup> Algo mais do que mera inspiração literária.

<sup>75</sup> ... del creador del ensayo toma algo más: la actitud egotista frente a cuanto ha de abordar en sus escritos. Hay personas que para hablar de sí necesitan hablar de otras cosas; y hay otras que para hablar de cualquier cosa necesitan hablar de sí. Gabriela habla desde sí y de sí, por su estimativa que nunca reniega de su subjetividad.

<sup>76</sup> Isto será discutido em profundidade no subcapítulo seguinte, no conflito entre a letra e a escrita.

<sup>77</sup> Estimamos que debe prestarse atención a uno de los fundamentos por los que se le otorgó el Premio Nobel: “Ha hecho de su nombre un símbolo de las aspiraciones idealistas de todo el mundo latinoamericano”. Claro está que esto alude a su labor difundida y abundante prosada, y no a su lírica.

O anteriormente exposto dará conta da consideração oficial da Literatura como processo criativo na qual os relatos não devem ser necessariamente ficcionais a priori. Ao ser reconhecido canonicamente o componente subjetivo como parte da literatura, expressões escriturais livre pensantes como a prosa política sobre acontecimentos sócio-históricos, desde um olhar participante de quem narra e se inclui no relato narrado, têm uma subjetividade que as convertem em criação artístico-literária.

Porém, a literatura prosaica não ficcional de Gabriela Mistral não descansa na oficialidade do cânone Nobel, devido ao fato de, embora ter recebido esse reconhecimento, não houve garantia de sua literatura sair do lugar periférico no qual se encontrava. A respeito dos elementos periféricos presentes em sua prosa política há, por exemplo, o que podemos chamar de gênero discursivo “recado”<sup>78</sup>. Serão esses recados os quais representarão a fala de Mistral através de sua escrita um sentir próprio que está ao mesmo tempo relacionado com esse outro tradicionalmente calado na literatura. Embora não pretenda ser a voz dessa alteridade, a sua escrita será uma voz entre tantas vozes subalternas que conseguirá ter lugar no mundo letrado. Para Mistral, a literatura, com minúscula, das pessoas não pertencentes à classe social privilegiada era tão digna de ser considerada Literatura, com maiúscula, como aquela produzida pela caneta azul. Neste sentido, importante será citar as palavras de Pedro Luis Barcia:

A concorrência destes elementos em uma mensagem faz que ele seja visto como “plebeu” ou “de terceira categoria”, mestiço, e também não digno de lidar em igualdade com o sangue azul que corre pela prosa de qualidade, nascida dos livros. Porém, a autora e a mão sabem quem são seus filhos e, afirma com Quevedo: “Todo sangue, senhor, é vermelho”. E lá vão os “recados” para os periódicos, embora estejam condenados aos arrabaldes e subúrbios da murada cidade da literatura. Fora do muro. (2010, p. LXXXIII)<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> Embora Pedro Luis Barcia (2010, p. LXXX- LXXXI) não reconheça a existência dos recados na década de 1920 e só se refira a “crônicas de viagens” e a “semblanza” (a qual é um resumo biográfico sobre outra pessoa), a realidade é que os Recados, como escritos político-literários, já existiam na década de 1920, o qual pode ser facilmente comprovado em Del Pozo (2010). Isto pode ser comprovado na análise feita no capítulo 3 deste trabalho nos textos políticos mistralianos – recados – na década de 1920.

<sup>79</sup> La concurrencia de estos elementos en un mensaje hace que se lo vea como “plebeyo” o “tercerón”, mestizo, incluso, indigno de codearse con la sangre azul que corre por la prosa de calidad, nacida de los libros. Pero la autora y madre, sabe que son hijos suyos y, afirma con Quevedo: “Toda sangre, señor, es colorada”. Y allá van a los periódicos los “recados” aunque estén condenados a los arrabales y suburbios de la murada ciudad de la literatura. Fuera di muri.

O sarcasmo da cor do sangue implica que não há tal coisa como uma Literatura superior, mais digna de reconhecimento.<sup>80</sup> Porém, Mistral sabia que a literatura rebelde estava destinada à censura por causa dessa cidade murada da literatura descrita na citação anterior.<sup>81</sup> Todavia, como foi possível ela conseguiu atravessar o muro que resguarda a Literatura com maiúscula? A escritora sabia que uma postura radical dentro do mesmo terreno dessa cidade murada não daria certo. Era necessária outra estratégia, uma dialética que desde outro lugar de publicação pudesse dialogar com o mundo literário e, ao mesmo tempo, conseguir recepção em círculos de leitores. Assim, esse lugar “fuera di muri” em que a prosa política dialogará com o difícil mundo literário serão esses “periódicos” referidos acima por Barcia. O periodismo será esse lugar de luta em que a reivindicação de prosa política como literatura tomará lugar e será um lugar de tensões que até hoje tem sido objeto de censura.<sup>82</sup> A seguir, centrar-nos-emos nessa tensão entre uma letra, entendida como criação literária burguesa, e uma escrita, entendida como criação literária periférica.

### **2.3 Enunciação e Discurso Político**

Ao falarmos de Enunciação e Discurso Político, é preciso estabelecer o marco teórico e estabelecer a aplicação dos conceitos referidos. Não é uma surpresa que a teoria enunciativa e discursiva, desde um contexto interdisciplinar em conexão com literatura, história, filosofia política e ciências sociais, sustentará nossa análise do discurso político contido no corpus da seleção feita desde três fontes diferentes.

O marco teórico-metodológico de nossa investigação neste subcapítulo, baseado sobretudo na linguística da enunciação de Émile Benveniste, centrar-se-á em termos como Enunciação e Discurso Político, sintagma composto de dois núcleos unidos pela conjunção “e”, que, finalmente, acaba sendo um sintagma de três núcleos, dois dos quais serão trabalhados em associação, embora ao começo a palavra discurso será

---

<sup>80</sup> Isto será o motivo de discussão no subcapítulo seguinte.

<sup>81</sup> Essa cidade murada será apresentada como “a letra” no próximo subcapítulo. A literatura rebelde será apresentada como “a escrita”.

<sup>82</sup> O capítulo anterior trata sobre esse mito colonial imposto sobre Gabriela Mistral, no qual sua prosa política é censurada.

compreendida separadamente. Assim, contamos com a tríade Enunciação, Discurso e Política, cuja relação entre Discurso e Política dará origem ao Discurso Político. Todavia, a relação entre os substantivos não é incerta. Tem um ponto de união entre todos eles, o qual entrega a coerência e coesão necessárias tanto para o tratamento dos conceitos quanto da aplicação dos mesmos. Desta maneira, enquanto, por exemplo, Santo Agostino “condensará e transmitirá à Idade Média a equação republicana entre pátria, república e Deus em comum” (Castillo, 2014, p. 25), a nossa equação será a subjetividade, a qual compreenderá Enunciação, Discurso e Política.

Em nosso trabalho, a Enunciação será entendida através do Discurso<sup>83</sup>, e este último, no caso de Gabriela Mistral, no contexto de seu Discurso Político, o qual representa a máxima expressão da subjetividade e intersubjetividade contidas como conceitos na Enunciação. Contudo, para começar a falar sobre a Enunciação, o causante do Discurso e da relação deste último com a Política, apropriamo-nos dos fundamentos trazidas por Émile Benveniste, ao conceber a existência da Enunciação em contraste com a Semiótica do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. Cavalheiro observa que, ao examinar

os sistemas não-linguísticos, Benveniste encontra, para a língua, um lugar particular no universo dos sistemas semióticos e isso porque, se os signos dos outros sistemas podem ser interpretados integralmente pelos signos da língua, o inverso jamais acontece (2006, p. 55).<sup>84</sup> A língua tem a capacidade de falar dela mesma, criando um segundo nível de enunciação pela faculdade metalinguística, isto é, a possibilidade de falar sobre si mesma. Em outras palavras, a língua difere dos outros sistemas semióticos porque nela a significância se articula em duas dimensões: a do signo e a da enunciação. (2010, p. 33)

O que Cavalheiro deixa em evidência é que a cena da língua envolve muito mais ao anteriormente mostrado no *Curso de Linguística Geral* de Saussure, mostrando a língua como um sistema só cientificamente constituído.<sup>85</sup> Isto é, além de existir o campo

---

<sup>83</sup> Juciane Cavalheiro definirá, a partir de Émile Benveniste, o Discurso como o produto da Enunciação (2010).

<sup>84</sup> O livro citado indiretamente é Benveniste, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

<sup>85</sup> Isto dará origem ao universalmente conhecido como Estruturalismo. Todavia, segundo Cavalheiro (2010, p. 30), “Saussure nunca usou a denominação ‘estrutura’” e que a mesma já tinha sido originalmente utilizada como conceito linguístico “pela primeira vez em 1929 pelo Círculo Linguístico de Praga”. Mas a visão, quer no primeiro caso, quer no segundo, continua sendo estruturalista.



semiótico da língua, também existe o campo da enunciação. Mas, o que isso significa na prática? Primeiro, significa que no primeiro caso “a língua é estudada ‘como um sistema organizado por uma estrutura que é preciso desvendar e descrever (...)’, pois ‘a maneira de ser de cada elemento depende da estrutura do conjunto e das leis que o regem’” (Benveniste, 2005, p. 102-3)<sup>86</sup>. Segundo, o caso da enunciação tem a ver com contextos linguísticos em que tomam lugar, ou seja, “práticas discursivas, sócio-históricamente constituídas” (Souza et al, p. 151), e nas quais os textos discursivos<sup>87</sup> são “um processo que se manifesta na interação, com sujeitos sócio-históricos e cognitivamente constituídos” (Souza et al, p. 150). Daí que o requerimento para a existência da Enunciação é, antes de mais, a existência de subjetividade, e como resultado da interação, isto, é, com o outro, de intersubjetividade.<sup>88</sup>

A língua, dessa forma, será definida “opondo nela dois níveis de significação: um semiótico e outro semântico” (Cavalheiro, 2010, p. 31). O primeiro deles incluirá o componente metalinguístico da língua denominado signo, enquanto o segundo nível compreenderá a dimensão da enunciação. Tudo aquilo, segundo Benveniste (2006, p. 225)<sup>89</sup>, será resultado do “duplo ponto de vista da forma e do sentido”.

O primeiro dos níveis de significação linguístico, Benveniste, assim, o compreende:

Significar é ter um sentido, nada mais. (...) É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. (...) tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. (Benveniste, 2006, p. 227)<sup>90</sup>

Aquilo reforça a ideia cientificista da objetivação da língua como sistema a qual já está estabelecida a priori e os falantes só podem fazer uso dela mediante uma escolha

---

<sup>86</sup> Citado em Juciane Cavalheiro (2010, p. 30).

<sup>87</sup> Tanto orais quanto escritos.

<sup>88</sup> Isto será fundamental para logo analisar o mito da Letra como projeto da língua como sistema puro, devido a que, na interação, a língua constitui-se como uma mistura de línguas realizadas em diversos contextos sócio-históricos, geográficos e por diversos falantes. Daí a importância do Discurso que literariamente será definido como “escrita” (Sánchez, 2013).

<sup>89</sup> Citado por Cavalheiro (2010, p. 31).

<sup>90</sup> Citado por Juciane Cavalheiro (2010, p. 31).

daquilo que já existe. Assim, língua e sociedade não só são conceitos completamente diferentes senão que, ao mesmo tempo, não estão interrelacionados. Benveniste, quem não acreditava nessa concepção unicista da língua, e claramente pensava que havia uma relação língua-sociedade, adicionou o segundo nível de significação linguística, a saber, o semântico, o qual:

... tem por função linguística a de comunicar. A noção de semântica introduz o sujeito no domínio da língua em emprego e em ação, a língua adquire uma função de mediadora entre o homem e o homem, entre homem e o mundo, organizando, assim, toda a vida os homens. Percebemos que essa noção amplia a concepção saussuriana. Nessa acepção, a língua passa a se referir ao sujeito que enuncia. (Cavalheiro, 2010, p. 32)

O definido por Cavalheiro, além de confirmar a subjetividade e intersubjetividade no nível linguístico-semântico da dimensão da enunciação, não nega a contribuição de Saussure aos estudos da língua, senão que, após reconhecer suas limitações, graças a Benveniste, entendemos que é impossível objetivar a língua sem considerar o contexto social, histórico e a postura dos falantes envolvidos no processo de produção de linguagem, isto é, no processo enunciativo.

Consideramos, dessa forma, que a contribuição desta análise de Cavalheiro, de origem saussuriano na nova linguística enunciativa de Benveniste – que tomando o primeiro, o modifica –, será o reconhecimento da língua como sistema negativo. Para compreender isto, gostaria de citar o professor da Universidade de Yale, Paul Fry (2012, p. 101), quem, ao definir a língua em termos saussurianos, expressará que “a linguagem (...) pode se propor a si mesma como um campo, organizada em torno dos dois conceitos guias de Saussure: a arbitrariedade dos signos e a identidade negativa dos signos em relação a outros signos”. A arbitrariedade da língua, como realização concreta da linguagem, enquanto sistema objetivo de uma estrutura de signos linguísticos que os humanos utilizam através de uma escolha para se expressarem linguisticamente e que, portanto, anula o processo criativo, será descartado na linguística da Enunciação de Benveniste devido a ser incorporadas tanto a Subjetividade como a Intersubjetividade, isto é, o estabelecimento de sujeito(s) em interação com um outro (ou outros). Todavia, a arbitrariedade da negatividade dos signos linguísticos será utilizada como metodologia para o reconhecimento dos elementos do processo

enunciativo. Assim, desde o ponto de vista semiótico, baseado em Saussure,<sup>91</sup> Fry definirá a negatividade da seguinte forma:

Os signos são arbitrários, então, eles são também diferenciais. Devo poder distinguir entre todos os signos em uso em qualquer sequência comunicativa. Como eu posso fazê-lo? Mediante a eleição de signos que não sejam outros signos. Eu não conheço nenhuma unidade constitutiva positivamente; não a aponto e falo que nela e sobre ela mesma, a unidade é um signo X, embora sintá-se como se eu estivesse fazendo isso. Eu conheço o signo negativamente. Eu o conheço devido a que ele não é nada mais. Sua relação direta com o signo que está mais perto dele devido a quer similaridade, quer dissimilaridade, nunca poder ser uma relação de identidade. (2012, p. 102 - 103)<sup>92</sup>

O interessante da reflexão que Cavalheiro faz na análise da Enunciação de Benveniste é que, ao ser a Enunciação uma extensão da Semiótica, há certas aporias que, mesmo assim, coabitam em harmonia. A questão paradoxal é que, apesar de haver uma extensão da arbitrariedade negativa da língua nos componentes da Enunciação, o que significa que a relação entre signos não é positiva,<sup>93</sup> no caso da Enunciação, também há campos binários na conceitualização dos componentes da Enunciação, porém, de acordo com a diferença expressada por Fry na citação acima, há uma relação de identidade. É uma relação de identidade que utiliza a metodologia negativa de binarismo. Para explicar esta aparente aporia na Enunciação de Benveniste, é preciso referir-se à explicação dada por Cavalheiro. A pesquisadora, ao analisar a Teoria da Enunciação de Benveniste (2010, p. 29), centra-se em oposições tais como “forma e sentido”,<sup>94</sup> “semiótico e semântico”, “Língua / sistema e língua / discurso”,<sup>95</sup> “Análise intralinguística e análise translinguística”, “Linguística das formas e linguística da

---

<sup>91</sup> Saussure, Ferdinand de. Seleções do “Course in General Linguistics”. In: *The Critical Tradition*, pp. 842 – 847.

<sup>92</sup> Signs are arbitrary, then, and they’re also differential. I have to be able to distinguish among all the signs I use in any communicative sequence. How do I do it? By choosing signs that are not other signs. I don’t know any constitutive unit positively; I don’t point to it and say that, in and of itself, it is sign x, even though it feels as though that is what I am doing. I know it negatively. I know it only because it is not everything else. Its direct relationship with the sign that’s most closely adjacent to it owing either to similarity or dissimilarity can never be a relationship of identity.

<sup>93</sup> Isto é, o significado dos signos linguísticos não é inerente neles senão que é baseado em um significado definido em oposição a outro, segundo Fry (2010, p. 102 – 103).

<sup>94</sup> Sentido foi explicada anteriormente na diferenciação entre a dimensão da forma (do nível semiótico) e a dimensão da enunciação (do nível semântico). O sentido pertence à enunciação do semântico na linguagem.

<sup>95</sup> A única oposição não binária.

enunciação”. Contudo, antes de nos referir a essas oposições em termos conceituais, é preciso aclarar a que se deve o caráter binário delas. Cavalheiro afirma: “quando me refiro a oposições não as entendo como dicotômicas, mas como dialéticas” (2010, p. 27). Daí que, embora tenha negatividade na metodologia de apresentação dos componentes binários da enunciação de Benveniste, há, a diferença da negatividade em Saussure, uma relação negativa dialética, isto é, existe uma relação de identidade. Disso resulta um fato muito importante para o reconhecimento da alteridade.

A alteridade, princípio das relações intersubjetivas, será entendida da seguinte forma por Cavalheiro:

Benveniste afirma que “não se poderia descartar a ideia do signo linguístico sem suprimir o caráter mais importante da língua; não se poderia estendê-lo ao discurso inteiro sem contradizer sua definição como unidade mínima” (2006, p. 67). E, ao mesmo tempo, afirma que “o signo é puramente idêntico a si mesmo, pura alteridade em relação a qualquer outro, base significante da língua, material necessário da enunciação (Benveniste, 2006, p. 65)<sup>96</sup>

Embora, segundo a citação acima, reconheça-se a extensão da negatividade do signo linguístico quanto alteridade no caso da enunciação, isto é, na interação comunicativa entre sujeito num contexto sócio-histórico, ainda há, no caso da enunciação, e a diferença da negatividade do signo linguístico na semiótica de Saussure, uma relação dos sujeitos em termos de identidade. A oposição entre signos linguísticos garante significados, mas a oposição entre falantes, portanto sujeitos, garante identidades. Uma identidade de um sujeito estabelece em uma intersubjetividade com outros sujeitos e o mundo em termos de oposição, uma negatividade que, no caso da enunciação, chama-se de alteridade. Também, é muito importante que, a diferença da semiótica que tem significados fixos com base a um sistema ordenado e imposto em forma de hipótese linguística, a identidade dos sujeitos, como na alteridade, é variável através do contexto espaço-tempo. Assim, o cronotopo bakhtiniano também joga um papel fundamental no processo de subjetividade, intersubjetividade e alteridade.<sup>97</sup>

Em linhas sintéticas, compreendemos, a partir das contribuições trazidas a partir de Benveniste, a distinção entre a linguística das formas e a da enunciação. A primeira

---

<sup>96</sup> Citado em Juciane Cavalheiro (2010, p. 35).

<sup>97</sup> O conceito do cronotopo e sua importância no entendimento da identidade variável de Gabriela Mistral tendo por base a uma biografia incompleta foi explicado ao final do capítulo anterior.

entendida como a Linguística da tradição semiótica do *Curso de Linguística Geral*; e a da enunciação, como a nova Linguística apresentada por Benveniste, que considera a linguagem à sua forma concreta, a língua, como sistemas que significam na medida em que são usados por sujeitos em relações com outros sujeitos, em contextos sócio-históricos e variações diacrônicas numa dinâmica espaço-tempo.

O binarismo “análise intralinguística e análise translinguística” tem a ver com a consideração do componente formal da língua como sistema estrutural organizado e objetivo e seu componente discursivo, o qual tem a ver com os componentes da enunciação descritos acima que estão sempre acompanhando a língua na sua realização contínua pelos seus falantes. Desta maneira, temos deixado para o final a descrição do trinômio “Língua / sistema e língua / discurso”, porque, devido a ele não ser uma oposição binária, rompe com essa oposição de corte cartesiano em que os componentes de tais binarismos parecem pertencer a mundos diferentes, devido ao tradicional conceito de binarismo diferencial da era moderna. No caso do conjunto Língua, sistema e língua, e discurso se estabelece uma interrelação entre esses elementos de maneira dialética, como explicado. Assim, a dialética estabelecida por Cavalheiro se dá em plenitude nesse trinômio. Aqui, o trânsito dialético começa numa concepção unitária da língua, logo estabelece-se esse duplo entendimento da língua desde seu entendimento como sistema semiótico e também desde um olhar benvenistiano. Esse novo olhar da língua como enunciação, segundo Cavalheiro:

... pode ser estudado desde diversos aspectos. O autor apresenta três: 1) realização vocal da língua – o mais perceptível de todos; 2) semantização da língua – como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação; 3) definição de enunciação no quadro formal de sua realização. (2010, p. 36)

Finalmente, o quadro formal da enunciação trará um produto textual, a mistura de língua e as múltiplas relações de subjetividades e contextos sócio-históricos, além de variações espaço-tempo (cronotópicas). Esse produto será o discurso. Cavalheiro dirá explicitamente que o produto da enunciação, isto é, o enunciado, será finalmente o discurso (2010, p. 36). Assim, a nossa preocupação será uma dupla relação dialética entre as condições de enunciação e o discurso da escrita em artigos de Gabriela Mistral.

Contudo, está faltando um elemento que deve ir junto com a Enunciação e o Discurso, e principalmente junto com o Discurso, este último como produto sujeito a

uma análise político-discursiva. Ela é a Política. Então, é preciso contextualizar um pouco a origem que o Político teria não no discurso, senão na mesma enunciação. Para isto é preciso citar as palavras de Benveniste:

... a linguagem é também um fato humano; é, no humano, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos desse trinômio: língua, cultura, personalidade. (2005, p. 17)<sup>98</sup>

A língua seria o meio em forma de sistema linguístico específico para concretizar a comunicação da linguagem falada – além de entendê-la como enunciação com o marco categorial que aquilo implica, ou escrito; e a personalidade, como a subjetividade individual dos sujeitos. Porém, é a cultura que nos interessa no aspecto da política em relação ao discurso. Para entender este aspecto, gostaríamos de nos referir aos Estudos Culturais e à Crítica Cultural Latinoamericana. Neles – sem desconhecer a contribuição dos Estudos Culturais Europeus –, a cultura deixa de ser vista como uma alta cultura em que, por exemplo, a Literatura é um meio de divertimento mais do que um instrumento político que pretende reforçar um paradigma sócio-político dominante. Por causa disso, citaremos uma das referências dos Estudos Culturais no Chile, Nelly Richard. Na relação política e cultura, diz o seguinte:

... acredito que a análise cultural, a crítica cultural e os Estudos Culturais, têm a capacidade de explorar as margens do que as racionalizações científicas do social e do político tem costume de jogar em forma de restos ou excedentes de um sentido não integrável: o simbólico-cultural e o crítico-estético são dimensões valiosas para rastrear aquelas zonas mais fraturadas e escurecidas dos discursos da comunicabilidade dominante. Suas linguagens obliquas e suas figurações indiretas nos ajudam a vislumbrar as opacidades do que a razão social e política descartam como materiais refratários a uma operabilidade da ordem que se dá mal com o trágico ou o utópico. (2010, p. 76)<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> Citado em Cavalheiro (2010, p. 29).

<sup>99</sup> ... creo que el análisis cultural, la crítica cultural y los Estudios Culturales, tienen la capacidad de explorar los márgenes de lo que las racionalizaciones científicas de lo social y lo político suelen desechar como restos o excedentes de un sentido no integrable: lo simbólico cultural y lo crítico-estético son dimensiones valiosas para rastrear aquellas zonas más fraturadas y oscurecidas de los discursos de la comunicabilidad dominante. Sus lenguajes oblicuos y sus figuraciones indirectas nos ayudan a vislumbrar las opacidades de lo que la razón social y política descarta como materiales refractarios a una operatividad del orden que se lleva mal con lo trágico o lo utópico.

Assim, a “função de mediadora” da língua “entre homem e o homem, entre o homem e o mundo”<sup>100</sup> não estará livre de tensões no plano cultural de realização da língua. A cultura da língua e o espelho de uma filosofia do mundo e de relações entre homens que não são de reciprocidade senão de imposição de poder. Aí descansa o caráter político tanto da enunciação quanto do discurso. Por uma parte, esse mundo onde expressam-se os sujeitos é um campo de disputa de poder político, o qual acaba “organizando, assim, toda a vida dos homens”.<sup>101</sup> Por outra parte, os sujeitos separam-se em hegemônicos e periféricos. Por causa disto, o discurso político será entendido como o produto do ato de enunciação no qual há uma luta entre diferentes discursos, tanto de colonizadores como daqueles que oferecem resistências à colonização dos primeiros. Assim, no caso do discurso político de Gabriela Mistral e do contexto político-discursivo Latino e Iberoamericano, a realização político-literária desse discurso político como produto de enunciação histórica e cronotópica – dentro de um relato<sup>102</sup> –, será entendida em termos de uma Letra dominante e uma Escrita periférica, e Mistral, através de sua prosa e discurso, falará através de uma escrita que será sua arma de resistência.<sup>103</sup>

#### **2.4 Escrita Livre Pensante em Gabriela Mistral: o conflito entre a letra e a posição de Gabriela Mistral**

Para analisarmos a escrita livre pensante de Gabriela Mistral, é preciso irmos além da natureza subjetiva de sua escrita, pois tem variações ao longo de seu cronotopo biográfico, segundo as diferentes épocas e contextos sociopolíticos e geográficos nos quais ela escreveu artigos. Também, é preciso ir além do fato que não aderiu a nenhum partido político, o qual fazia a sua escrita estar livre de compromissos eleitorais ou ideologias fixas. Aqui o fundamental será fazer uma contextualização histórica, literária e político-filosófica do projeto da imposição da letra como parte do processo

---

<sup>100</sup> Cavalheiro (2010, p. 32).

<sup>101</sup> Cavalheiro (2010, p. 32).

<sup>102</sup> O relato será a seleção de prosa política de Gabriela Mistral desde diferentes fontes.

<sup>103</sup> O conceito Arma de Resistência é inspirado a partir do Seminário a “Caneta como Arma de Combate”, acontecido na Universidade do Estado do Amazonas em abril de 2017 e organizado pelos estudantes do curso de graduação em Letras, com a participação de destacados professores e pesquisadores.

universalizador na formação de cidadãos no período pós-colonial republicano. Assim, a escrita de Gabriela Mistral, entendida como escrita e não como letra, será livre enquanto rebelde, mas sem uma oposição refratária. A escrita da Mistral será capaz de conceber as debilidades da letra num processo republicano em que o mestiço não pode ser uma cópia fiel do letrado europeu.

#### *2.4.1 O conflito entre a letra e a escrita e a posição de Gabriela Mistral*

O conflito entre uma letra, enquanto fixa e universal, e uma escrita, enquanto livre e criativa, tomará lugar por aquilo que Cecilia Sánchez (2013, p. 107) chamará de “projeto de instalação moderna de uma comunidade da língua”<sup>104</sup>. Esse projeto, segundo a autora, terá como objetivo erradicar tudo aquilo que se opõe a ele, isto é, variáveis regionais da língua, uso da língua desde uma diferenciação sexual, estrangeirismos, entre outros, serão inimigos de uma ordem letrada da língua espanhola em Hispanoamérica. Assim, esses inimigos são chamados de “babelização” por Andrés Bello, “algaravia” por Simón Rodríguez, e “corrupção” por Sarmiento (Sánchez, 2013, p. 107).

A ordem letrada responderá ao contexto republicano e a seus alcances universalizadores da sociedade. Todavia, isto será desafiado “ao final do século XIX, quando aparecem os/as escritores/as com estilo no período da crise da letra”<sup>105</sup>. Esta crise se entenderá como uma luta pela liberdade numa escrita não letrada, ao contrário a “unidade da linguagem” do “escritor clássico” referida pelo Roland Barthes (Sánchez, 2013, p. 109). Assim, em um olhar para trás, é preciso fazer uma distinção histórica entre a letra e a escrita referidas acima.

Para referirmos a essa distinção, Cecilia Sánchez dirá que “o conflito se estabelece entre uma língua letrada universal, cujo domínio é o espaço público e as memórias, ritmos e rememorações locais que dificultam o ideal de clareza da

---

<sup>104</sup> “... proyecto de instalación moderna de una comunidad de la lengua” (Espanhol). Embora o projeto moderno compreenda tanto o período colonial quanto o período pós-colonial, o nosso foco será o segundo, sobre o qual, quando seja preciso, iremos tomar o primeiro conceito para fazer uma conexão entre eles.

<sup>105</sup> O escritor letrado será um escritor sem estilo, cuja escrita será sujeita ao princípio universalizador do republicanismo.



comunidade republicana” (2013, p. 89)<sup>106</sup>. Assim, e baseados nos conceitos de arquivo e memória tratados no capítulo anterior deste trabalho, afirmaremos que em uma diacronia histórica, o processo letrado será aquilo que conformará o arquivo, enquanto a desordem da escrita terá a ver com a conformação da memória composta de múltiplas subjetividades e intersubjetividades de processos escriturais.

Sánchez (2013, p. 89) acredita que o melhor exemplo para retratar o conflito entre a letra e a escrita é o livro *Facundo*,<sup>107</sup> escrito por Domingo Faustino Sarmiento, porque nele a letra será associada com um homem civilizado, enquanto a escrita será própria de um homem bárbaro. Assim, a dicotomia civilização e barbárie irá ao encontro da dicotomia letra e escrita. Isto trará consequências no âmbito da memória porque o arquivo da letra será colocado sob questionamento com personagens como Facundo, os quais irão aparecer constantemente como uma reivindicação dessa barbárie da escrita enquanto alteridade de uma civilização letrada que tem o domínio do republicanismo. A respeito, Cecilia Sánchez expressará que “como se sabe, Facundo é o nome de um dos mortos-vivos da América Hispânica, cuja forma de vida tem o caráter espectral. O caráter espectral carece de presença viva, apesar dele ter a capacidade de circular como um molde desde um corpo a outro”. (Sánchez, 2013, p. 89 - 90)<sup>108</sup>.

Baseado no anterior, poder-se-ia dizer que o discurso Mistraliano também tem um caráter espectral. É uma escrita que foi calada e impedida de existir, mas que aparece para fazer justiça de sua subjetividade, a de uma Mistral política. Assim, a Mistral política seria uma morta-viva que aparece para mostrar o lado da escrita barbárica da escritora, por exemplo.<sup>109</sup> Assim, essa “Guerra Social”<sup>110</sup>, que é objetivo de preocupação de Domingo Faustino Sarmiento, tentará enaltecer a civilização em

---

<sup>106</sup> El conflicto se establece entre una lengua letrada universal, cuyo dominio es el espacio público y las memorias, ritmos y rememoraciones locales que dificultan el ideal de claridad de la comunidad republicana.

<sup>107</sup> Publicado por primeira vez no ano 1845.

<sup>108</sup> Como se sabe, Facundo es el nombre de uno de los muertos-vivos de la América Hispana, cuya forma de vida tiene un carácter espectral. La espectralidad carece de presencia viva, pese a que tiene la capacidad de circular como un molde de un cuerpo a otro.

<sup>109</sup> A Mistral poeta não é uma morta-viva senão uma personagem da autora metonimicamente realizada pelo mito colonial dela imposto no Chile, como é mencionado no capítulo anterior. Porém, é preciso esclarecer que dentro da Mistral Poeta, também há uma subjetividade morta-viva devido a que a Mistral poeta é aceita dentro de um tipo de poeta maternal e de educadora. Com isso, a metonímia da poeta, como foi mencionado no capítulo anterior também, é o da poeta do poema “Pequenos Pés de Criança”.

<sup>110</sup> Sánchez (2013, p. 92)

contraste com a decadência da barbárie, cuja escrita está mais associada ao caráter anárquico da oralidade babélica, ou corrupta.

Mas, ao voltarmos para o livro *Facundo* (2000), veremos que as palavras de Sánchez, que dizem que “... o conflito mencionado – da dicotomia civilização e barbárie – é o que controla o corpo de Facundo, cujos signos podem se ler alegoricamente como uma representação do corpo da Argentina, são uma analogia do conflito sob o qual é representado o corpo de Gabriela Mistral, devido a que o corpo escritural da Mistral, representado nos textos políticos dela apresentados e analisados no capítulo 3 deste trabalho, é uma alegoria do menosprezo existente a um modo de falar político de uma figura que é representativa da barbárie, isto é, que não pertence à classe alta.<sup>111</sup>

O anterior é devido ao fato de tanto Facundo quanto Gabriela Mistral não serem representativos da cidade, símbolo da era republicana. Nesta perspectiva, a letra da cidade republicana, própria da civilização burguesa, irá ao encontro do *logos* aristotélico que tem a ver com uma vida boa dentro da *polis*, tudo aquilo em contraposição com a oralidade, a qual pode “desencadear um mal governo” (Sánchez, 2013, p. 93).<sup>112</sup> Desta forma, e retomando a semelhança do contexto clássico com a consideração da Mistral política enquanto barbárica e escritural, essa subjetividade da autora deve ser calada em virtude dela ser uma voz campesina que convive com a República do Chile e a sua cidade, base dos cidadãos, desde o estrangeirismo. Daí que essa voz subjetiva, diferente à unicidade da voz cidadã, tenha relação com a voz fônica de Aristóteles.

A respeito da cidade republicana, inspirada na *polis* grega, José Ortega y Gasset (1996, p. 183) dirá que ao ser a República um espaço, entendido como a *ágora*, a *polis* é a invenção de um novo espaço dentro da projeção da República. E esse espaço é o que tem relação com a construção do projeto republicano, da unicidade de um discurso, dessa letra fixa e burguesa, própria da imposição de uma cultura civilizada. É por causa disto, e como já temos visto no Facundo, que o homem de campo será, segundo Ortega y Gasset (1996, p. 183), “ainda vegetal”. Desta maneira, Gabriela Mistral seria, segundo

---

<sup>111</sup> O corpo escritural será entendido como a representação na escrita das vivências da autora, desde seu olhar subjetivo.

<sup>112</sup> Aristóteles, “Livro I”. In: Política. Centro de Estudios Constitucionales, Madrid, 1983.

o contexto republicano, uma figura pré-vegetal, devido a sua condição de campesina e ao fato dela ser mulher.<sup>113</sup>

Além do anterior, a ideia de República é entendida como um trânsito desde um estado inicial de organização a um mais moderno. Nesse sentido, gostaríamos de citar em extenso as palavras de Cecilia Sánchez:

Após se converter em civitas e logo em societias, a comunidade deixa de se chamar polis. Arendt adverte que as diferenças entre a polis e o oikos foram se nivelando sob o denominador comum de societias.<sup>114</sup> Primeiro, sob as coordenadas do pensamento de Tomás de Aquino, para quem o ordo bem fundado não se rege pela liberdade dos cidadãos, senão pela “tranquilidade” deles. Na modernidade, o Estado será, enquanto princípio, um ponto de fuga, um princípio variável voltado ao futuro e negador do passado.<sup>115</sup> Apesar da exigência de unidade que o define, é consubstancial nele uma dualidade de fundo entre dominantes e oprimidos.

Em Hispanoamérica, Sarmiento e Bello promovem a unidade do espaço público mediante a recepção das dicotomias, equivalências verbais, espaciais e culturais provenientes do helenismo e da cultura romana. (Sánchez, 2013, p. 94)<sup>116</sup>

---

<sup>113</sup> O homem rural pode, eventualmente, reclamar sua inclusão dentro da ordem da cidade através de atravessamento das fronteiras entre o campo e a cidade. É no ingresso à cidade que ele automaticamente converte-se num cidadão. No caso da mulher, já na cidade ela é relegada ao espaço da família e da maternidade, o qual a afasta da possibilidade de ser uma cidadã. No caso do campo, ela, sozinha, não pode tomar a decisão de atravessar a fronteira e virar uma cidadã. A mulher campesina tem uma dupla impossibilidade, ela não tem a promessa da inclusão no espaço republicano que para si reclama a mulher da cidade, nem tem a possibilidade de atravessar a fronteira sem ela depender de outro homem. Apenas ela, em sua condição de mulher rural não tem voz própria em nenhum dos dois contextos. Assim, o homem vegetal do campo tem uma possibilidade que lhe é negada à mulher campesina. O caráter pre-vegetal dela é uma aparente condenação ao silêncio. Porém, Mistral, desde uma estratégia da escritura **fora do muro** – a prosa literário-política através do periodismo cultural – lhe permite ganhar uma voz e, como consequência disso, sair do estado pré-vegetal.

<sup>114</sup> Sanchez baseia-se em La Condición Humana de Hanna Arendt da Editorial Paidós (Barcelona), edição de 2001 (p. 38).

<sup>115</sup> É interessante a analogia entre as palavras de Sánchez e o Angelus Novos explicado no capítulo anterior.

<sup>116</sup> Tras convertirse en civitas y luego en societias, la comunidad deja de llamarse polis. Arendt advierte que las diferencias entre la polis y el oikos se fueron nivelando bajo el común denominador de societias. Primero, bajo las coordenadas del pensamiento de Tomás de Aquino, para quien el ordo bien fundado no se rige por la libertad de los ciudadanos, sino por la “tranquilidad”. En la modernidad, el Estado pasa a ser, en tanto principio, un punto de fuga huidizo, un principio variable vuelto al futuro y negador del pasado. Pese a la exigencia de unidad que lo define, le es consustancial también una dualidad de fondo entre dominantes y dominados.

En Hispanoamérica Sarmiento y Bello promueven la unidad del espacio público mediante la recepción de las dicotomías, equivalencias verbales, espaciales y culturales provenientes del helenismo y de la cultura romana.

Desta forma, a República não só se inspira na polis e na organização geral da época clássica, ela também é uma imposição sociopolítica e cultural negadora do passado considerado pré-histórico da barbárie para, assim, conseguir o prezado estado de civilização. Mas, para isto acontecer, deve-se acreditar numa concepção de progresso, cuja a qual entendemos como o passo de uma sociedade mais arcaica a uma social e republicanamente constituída. Esse trânsito será a ideia de progresso que a República trará consigo. Todavia, o que isso significa? Será a barbárie incluída nesse trânsito? Parece ser que a visão de progresso tem a ver com um olhar não inclusivo da sociedade. Assim como no período colonial, o Novo Mundo era considerado uma folha em branco sobre a qual escrever a história da América, do mesmo jeito a nova sociedade pós-colonial, isto é, a República, se entenderá como uma nova história a ser escrita pelo grupo hegemônico da sociedade, o qual seria a burguesia que ostenta o caráter de civilização a modo de imposição de mito colonial. Desde essa postura, e desde o poder da letra que escreverá a história republicana, o qual, numa analogia com o preenchimento dos espaços de Alexander von Humboldt,<sup>117</sup> o espaço será a folha em branco a ser escrita com a letra da nova história da República, e, desde essa história que não considera passado senão que só olha para o futuro, o progresso da sociedade acontecerá, mas da sociedade entendida como civilização. Isto não será muito diferente da visão de mundo da Idade Média, na qual o progresso não existia. Na era Republicana, o progresso existe só porque há uma história nova em ascensão, mas os participantes dessa história continuam sendo os mesmos. Não há progresso para a barbárie. Basicamente, no contexto da instauração da letra republicana da civilização, a ideia de progresso é uma neocolonização da alteridade barbárica. Neste contexto, Sánchez dirá que “neste horizonte de sentido pode se entender a famosa frase “governar é povoar” (...) é pertinente conotar a palavra povoar sob o sentido da erradicação daqueles que se encontram marcados pela denominação de barbárie”. (Sánchez, 2013, p. 102)<sup>118</sup>

Embora, desde o conceito da letra, progresso e erradicação possam ser sinônimos, a escrita não entenderá isso do mesmo jeito. Gabriela Mistral, por exemplo, quem adscrive à escrita desde sua condição de campesina, mestiça com fortes traços

---

<sup>117</sup> Sánchez, Cecilia (2013, p. 102).

<sup>118</sup> En este horizonte de sentido puede entenderse la famosa frase “governar es poblar”. (...) es pertinente conotar la palabra “poblar” bajo el sentido de la erradicación de quienes se encuentran marcados por la barbarie.

indígenas, e mulher, vai escrever no espaço da cidade desde a alteridade de uma escrita bárbara, estrangeira, e com o perigo, se não de uma erradicação, de uma clara censura.<sup>119</sup> O mito letrado de uma Mistral conservadora é uma mostra evidente daquilo. Isto vai lhe colocar num outro extremo ao do Domingo Faustino Sarmiento.

O parágrafo anterior dá conta de uma outra dicotomia, além da dicotomia civilização e barbárie, a saber: a de letra e escrita. Desta vez a dicotomia será entre Sarmiento a Gabriela Mistral. Por uma parte, “na leitura de Facundo, aprecia-se que a maioria dos sinais civilizatórios estimados por Sarmiento tem conotações unicamente masculinas” (Sánchez, 2013, p. 96)<sup>120</sup>. Além disso, na mesma obra, “o menosprezo pela ‘vestimenta americana’, segundo a denominação para se referir às roupas não civilizadas, o delatam no seu rechaço contra o mundo indígena” (Sánchez, 2013, p. 96)<sup>121</sup>. Deste modo, enquanto Sarmiento é parte de uma civilização letrada e contrário à identidade indígena ou das pessoas do Pampa (ou o campo), Mistral é uma escritora livre, identificada pela escrita de sua identidade campesina, indígena, mestiça, e na sua condição de mulher. É evidente que, de acordo com o exposto, Mistral é impossível de se encaixar com o ideal republicano. Daí que, sobretudo pelo fato de receber o Nobel de Literatura em 1945, seja preciso rotulá-la como uma figura maternal, conforme o rol da mulher na República. No último caso, Alejandra Castillo (2014, p. 14) afirma que o ingresso da mulher na ordem republicana desde o papel maternal será “o fato de descrever a prática política das mulheres sob a figura de uma ‘política do cuidado’ ”.<sup>122</sup>  
<sup>123</sup> Porém, apesar de todo o componente político-filosófico da instauração das repúblicas e as consequências disso para os neo-colonizados no contexto pós-colonial, o qual substitui os escravos pelos subalternos, há também um componente econômico

---

<sup>119</sup> A escrita política da Mistral é censurada quando, por ordem do então presidente do Chile Gabriel González Videla, Mistral não conseguirá que seus escritos sejam aceitos pelo jornal “El Mercurio”, onde ela já escrevia há muitos anos.

<sup>120</sup> En la lectura de Facundo se aprecia que la mayoría de las señales civilizatorias estimadas por Sarmiento tienen connotaciones únicamente masculinas.

<sup>121</sup> ... el menosprecio por el “traje americano”, según la denominación genérica empleada para referirse a los atuendos no civilizados, lo delatan en su animadversión contra el mundo indígena...

<sup>122</sup> ... el hecho describir la práctica política de las mujeres bajo la figura de una “política del cuidado”.

<sup>123</sup> A luta das mulheres no espaço republicano para se constituírem como cidadãs vê no Chile de finais do século XIX o obstáculo jurídico, o qual impedirá elas serem cidadãs (Castillo, 2014, p. 30) com direito a voto até quase o final da primeira metade do século XX. Aquilo significa a maior parte da vida de Mistral, que além de ter de sair do Chile para fazer uma vida com sucesso no estrangeiro, sofre a imposição de uma biografia fixa, acorde com as “políticas do cuidado” (papel de mãe, educadora, etc.) do Chile Republicano.

importante que tem a ver com a Revolução Industrial, a qual exigirá a supremacia da cidade – onde estão as fábricas com respeito às zonas campestres. Neste aspecto, Sánchez, baseada na análise da obra de Faustino Sarmiento, afirma que “... ‘os progressos da civilização acumulam-se em Buenos Aires’; mas ‘o Pampa’ é compreendido por Sarmiento como um ‘péssimo condutor para levá-la e distribuí-la nas províncias’. A tradicional oposição natureza/cultura se faz presente mediante a relação entre natureza e economia, de acordo com as novas projeções do capitalismo industrial” (2013, p. 98)<sup>124</sup>. Por causa disso, a escrita campesina mistraliana é um obstáculo ao progresso republicano que se apoia na Revolução Industrial,<sup>125</sup> e que culturalmente influencia através da unificação cidadã da letra. Contudo, ter uma escrita de origem campesina é ao mesmo tempo a possibilidade de liberdade.<sup>126</sup> Sánchez dirá que “o Pampa possui a dupla condição de ser obstáculo e possibilidade, similar à concepção humboldtiana da folha em branco e também ao ideal da terra virgem dos românticos” (2013, p. 98)<sup>127</sup>. Assim, Gabriela Mistral, que vem do campo do Chile, e irrompe na cena cultural e literária do Chile, ao não desconhecer e ao mesmo reconhecer publicamente a sua condição de escritora campesina assume-se como uma pessoa livre, devido ao fato de, à diferença da alteridade campesina, a alteridade do povo na cidade estar sendo subjugada pela classe burguesa nas indústrias. Escrever desde uma posição campesina livre lhe permite alcançar o Nobel de Literatura, o qual reconhece o valor de sua escrita pelo fato de ser uma escrita livre-pensadora, inovadora e identitária.

Apesar da existência aparentemente infranqueável da dicotomia entre civilização e barbárie, como era possível para a barbárie poder ingressar no espaço público da

---

<sup>124</sup> ... “los progresos de la civilización se acumulan en Buenos Aires”; en cambio, “la pampa” es signficada por Sarmiento como “un malísimo conductor para llevarla y distribuirla en las provincias”. La tradicional oposición naturaleza/cultura se hace presente mediante la relación entre naturaleza y economía, de acuerdo a las nuevas proyecciones del capitalismo industrial.

<sup>125</sup> Período da verdadeira modernidade entendida como hegemonia europeia e norte-americana pela introdução do capitalismo em oposição a uma nova introdução do colonialismo na fase de republicanismo. Nesse sentido Gandarilla (2012, pag. 66) dirá que “será através de um processo paulatino como Europa logre remontar sua condição periférica, e depois de três séculos posteriores à incorporação do Novo Mundo (evento que produz a colonialidade do poder) lhe será possível já como ocidente euro-norteamericano (mediante revolução industrial) arrancar a hegemonia do sistema mundial ao gigante chinês”.

<sup>126</sup> Isso está contrário ao pensamento de Tomás de Aquino referido anteriormente, o qual estabelece a ordem dos cidadãos por meio da tranquilidade. No caso da literatura, essa tranquilidade será dada pela imposição cultural de uma letra que só pertence a uma classe social privilegiada.

<sup>127</sup> ... la pampa posee la doble condición de ser obstáculo y posibilidad, similar a la condición humboldtiana de la página en blanco y también al ideal de la tierra virgen de los románticos.

República através da escrita em um contexto de hegemonia da letra? Para responder a esta questão é preciso mostrar duas posições sobre esta situação. Para começar, Noé Jitrik dirá que “embrionariamente, *La Cautiva*<sup>128</sup> contém os postulados de Facundo, sobretudo neste aspecto: em uma como na outra obra, entre homem e natureza, entendendo-se por homem o tipo que Echeverría e Sarmiento representam, e por natureza ou deserto ou o pampa, tal como são, não há possibilidade de integração” (1970, p. 164)<sup>129</sup>. Isto é, a civilização e a barbárie são irreconciliáveis. Mas, se dissermos que o suposto da não integração é um mito, o que poderia ser dito a respeito? É impossível negar que o discurso de não integração existia, que a república se instituiu como um processo neo-colonizador. A aparente tábua rasa que considera o Novo Mundo pós-colonial e republicano como uma folha em branco, desta vez não para os colonizadores europeus, senão para os crioulos escreverem através da letra uma nova história, que negasse a história campesina e indígena, e relegando-as a um estado pré-histórico, isto é, sem registro. Todavia, o interessante é a diferença nos lugares de enunciação de quem escreve através de letra. Na época colonial, o colonizador é europeu, sem relação nenhuma com os povos originários de América. No processo republicano, a história é diferente. A suposta civilização republicana latino-americana é realmente mestiça. Daí que seja interessante citar o seguinte fato:

Jorge Luis Borges ironiza esta condição inescapável em relação a um triste acontecimento vivido pelo argentino Narciso Laprida, um ilustrado do século XIX morto em uma partida de gaúchos nos combates da guerra civil. Em seu “Poema Conjetural”, Borges imagina os últimos pensamentos de Laprida do seguinte modo: ‘Eu que desejei ser outro, ser um homem de sentenças, de livros, de opiniões, a céu aberto vou morrer entre pântanos; mas me endeusa o peito inexplicável um júbilo segredo. Finalmente, me encontro com o meu destino da América do Sul’. (Sánchez, 2013, p. 105)<sup>130</sup>

---

<sup>128</sup> Echeverría, Esteban. *La Cautiva. El Matadero*. Editorial Planeta, Buenos Aires, 2007.

<sup>129</sup> Embrionariamente, *la Cautiva* contiene los postulados de Facundo, sobre todo en este aspecto: en una como en otra obra, entre hombre y naturaleza, entendiéndose por hombre el tipo que Echeverría y Sarmiento representan, y por naturaleza el desierto o la pampa tal como son, no hay posibilidad de integración (español). Citado em Sánchez (2013, p. 100).

<sup>130</sup> Jorge Luis Borges ironiza esta condición inescapable en relación a un triste suceso vivido por el argentino Narciso Laprida, un ilustrado del siglo XIX muerto en una partida de gauchos en los combates de la guerra civil. En su “Poema Conjetural”, Borges imagina los últimos pensamientos de Laprida del siguiente modo: “Yo que anhelé ser otro, ser un hombre de sentencias, de libros, de dictámenes, a cielo abierto yaceré entre ciénagas; pero me endiosa el pecho inexplicable un júbilo secreto. Al fin me encuentro con mi destino sudamericano.

Esse destino de América do Sul que representa a origem calada das pessoas ‘civilizadas’ que, mediante o método da folha em branco no contexto republicano, pretendem escrever uma história letrada a partir do zero acabam finalmente por desconhecer sua realidade, seu americanismo autêntico, o qual não é uma mera identificação negativa em contraposição à alteridade da barbárie, senão uma hibridação dessa última, embora negada na prática. Assim, essa culpa por causa de ter jogado um papel de pureza e civilização aparece no último momento de honestidade que as pessoas têm, a morte. Gabriela Mistral tem as palavras precisas para essa ocasião em seu discurso “Como escrevo meus versos”, no qual expressa: “me falaram que a maioria das pessoas que estão morrendo, quando chegarem ao final, deixam cair uma lágrima, uma estranha lágrima que cai muito lenta.”<sup>131</sup>. Aquilo é interpretado pelo filósofo chileno e acadêmico da Universidade do Chile Pablo Oyarzún (2012, p. 16) como uma rendição a seguir aceitando a exterioridade da filosofia de Hegel. Isto é um instante de honestidade no qual as pessoas, sem importar o discurso da diferença negativa entre civilização e barbárie, acabam se rendendo a sua natureza racial misturada, destino original e não inventado como aquela hipótese cientificista da tábua rasa e da nova história letrada republicana.

Um símbolo da história da Torre de Babel no projeto letrado na América é a história mexicana da Malinche. Gostaríamos de citar em extenso a Sánchez, quem evidencia o ocaso da letra e o mito dela desde antes da era republicana:

De modo equivalente a como o Ocidente enfrentou o mito da maldição bíblica que multiplicou a confusão das línguas, na América-Hispano a barbárie associa-se à maldição de uma dispersão que foi provocada pela abertura ao Outro, um de cujos símbolos foi aquela figura de intercâmbio conhecido pelo nome de “Malinche”. Segundo os relatos conhecidos, esta figura mítica mexicana foi acusada de traidora depois de ela ter se submetido às ideias e à língua do conquistador na sua qualidade de intérprete e amante. A respeito desta figura, é importante recalcar que seu triplo nome (Malintzin, Malinche, Marina) sintomatiza o rompimento de uma suposta origem unívoca e plena da língua. (...) ... poderia se dizer que falamos e somos falado(a)s por mais de uma língua, adscritos a mais de uma filiação sem termos completa certeza. (2013, p. 105 - 106)<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> Citado por Pablo Oyarzún (2012, p.16)

<sup>132</sup> De modo equivalente a como Occidente enfrento el mito de la maldición bíblica que multiplicó la confusión de las lenguas, en la América Hispana la barbarie se asocia a la maldición de una dispersión que fue provocada por la apertura al Otro, uno de cuyos símbolos fue aquella figura de intercambio



O anterior entrega determinadas certezas sobre a falsidade de uma letra cujo verbo escrito e falado é atuado por falantes de raça pura, provenientes de uma burguesia com relação nenhuma com as pessoas que devem ser erradicadas pelo progressismo republicano por causa delas serem membros da barbárie, com uma escrita campesina, livre, anárquica, mais própria do setor rural. Desta forma, tipos de escrita como a de Gabriela Mistral terão como missão não só recuperar senão também reivindicar as verdades escondidas atrás do Republicanismo, a mestiçagem da sociedade. Assim, por uma parte Sarmiento luta pelo poder da suposta civilização e Andrés Bello chama à Musa da Europa a inspirar aos escolhidos para escrever (significando letrar, ordenar) a nova história da América em sua “Alocução à Poesía”,<sup>133</sup> e, por outro lado, Mistral encarnará uma escrita mais endógena, americana, desde a natureza indígena, mestiça, feminina e de aliança ibero-americana,<sup>134</sup> além das diferenças linguísticas entre Brasil e o resto dos países. Essa última questão remonta a um problema que preocupava muito os letrados, como Bello, que lutavam pela unificação linguística dos povos e, por causa disso, falavam de Hispanoamérica na sua preocupação por América Latina, o qual deixava o Brasil de lado.<sup>135</sup>

Contudo, apesar da primeira contradição da ordem letrada devido à origem mestiça dos expoentes da Letra Republicana, há uma outra contradição, a qual está na mesma letra. Embora tenha muito cientificismo na configuração da linguagem através da língua monolítica, as paixões literárias ao momento de escrever sempre existem. Essa individualidade, ou subjetividade, ao momento de escrever uma nova história, embora provenha de um sentimento compartilhado, sempre conterà traços de individualidade escritural. Daí que, mesmo sem colocar a escrita em contraposição à letra, é por si mesma uma contradição, um mito sem sustentação na prática.

---

conocida con el nombre de “Malinche”. De acuerdo a los relatos que se conocen, esta mítica figura mexicana fue acusada de traidora tras haberse sometido a las ideas y a la lengua del conquistador en su calidad de intérprete y amante. Respecto de esta figura, es importante recalcar que su triple nombre (Malintzin/Malinche/Marina) simboliza el quiebre de un supuesto origen unívoco y pleno de la lengua. (...)... podría decirse que hablamos y somos hablado(a)s por más de una lengua, adscritos a más de una filiación sin saberlo del todo.

<sup>133</sup> “A Musa Européia encarna a cultura, a civilização e a possibilidade de escrever na América.” (Sánchez, 2013, p. 103)

<sup>134</sup> “Intercâmbio Cultural Ibero-americano”, artigo escrito por Gabriela Mistral (Del Pozo, 2015, p. 166 – 175).

<sup>135</sup> Isto será tratado em profundidade na análise do corpus Mistraliano da década de 1940.

Segundo o anterior, parece ser que o discurso letrado está cheio de contradições. Além das duas já nomeadas, os escritores letrados devem jogar o papel de estrangeiros que escrevem a história de uma terra nova. A realidade é que eles não são colonizadores senão nascidos em terra americana. Porém, a introdução da subjetividade na escrita letrada fará esta última ser menos letrada do que parecia ser devido a aspectos tais como a identidade estética no caso da poética e da individualidade enquanto fama no caso da política.<sup>136</sup> Assim, uma letra não tão letra, cuja origem é mestiça, terá mais em comum com a suposta algaravia babélica da escrita do que pensado. Assim, Mistral, mais que se projetar como completa alteridade desde a sua escrita, se conceberá como alteridade em intersubjetividade, isto é, em contato com o aporte cultural dos letrados para se diferenciar mais que em completa oposição. Daí que a escrita não deixe de incorporar o componente político, causa também da ordem letrada. Desta forma, a escrita da prosa não ficcional de Gabriela Mistral será tanto subjetiva como política.

---

<sup>136</sup> Entendendo-se como a voz da ordem letrada, querer sobressair dentro da massa pela causa dessa massa.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO NO CRONOTOPO MISTRALIANO NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

#### 3.1 Introdução

O terceiro capítulo consiste em fazer uma análise crítica sobre o Discurso Político de Gabriela Mistral desde a descolonização do mito sobre ela conhecido, o qual abrirá novos olhares ao entendimento de nossa Primeiro Prêmio Nobel de Literatura, tanto do Chile quanto do restante da Ibero-américa. Estas novas perspectivas de análise serão inseridas no reconhecimento de diversas subjetividades nela presentes na seleção do discurso política dela para este trabalho.

A ideia é que possa ser compreendido que essa diversidade subjetiva é um cúmulo de contradições ou mudanças de opinião segundo novas experiências ou contextos conjunturais no momento da escrita, tudo aquilo próprio de um sujeito descentrado. Assim, essa reflexão do cronotopo político biográfico de Mistral mostrará uma nova narrativa sobre ela, o que ajudará a mostrar uma globalidade alternativa da autora, mas desde essa faceta censurada na sua escrita literária, a política. Porém, essa nova narrativa será uma dinâmica de um cronotopo em constante inacabamento, o que suspenderá essa biografia monolítica de uma Mistral apolítica e conservadora, imposta desde o mito colonial do Chile Republicano.

Todavia, mesmo sendo respeitada a ordem das décadas, faremos um esclarecimento da metodologia a ser utilizada para a análise do discurso político de Gabriela Mistral. A respeito disso, nos focamos nos aspectos subjetivos, enunciativos, biográficos, cronológicos, socioculturais e das fontes dos escritos prosaicos a serem utilizados. Assim, num reordenamento desses aspectos, primeiro a seleção das fontes e sua descrição serão consideradas. Segundo, referimo-nos ao discurso, o qual engloba os aspectos subjetivo e enunciativo. Terceiro, a escolha dos períodos será justificada em termos da biografia mistraliana descolonizada através do cronotopo bakhtiniano. Finalmente, os aspectos socioculturais serão tratados para justificar a escolha dos períodos históricos na biografia política de Gabriela Mistral. Assim, a apresentação das

partes da metodologia de análise (3.2) é a seguinte: seleção das fontes, discurso político de Gabriela Mistral, cronotopo mistraliano nas décadas de 1920 e 1930 e justificativa sociocultural do cronotopo mistraliano. Já em 3.3 e 3.4 trataremos a análise do discurso político em prosa de Gabriela Mistral sobre dois temas relevantes na escrita dela: as mulheres e o entendimento sobre o feminismo no Chile no começo do século XX e a relevância de uma América Latina desde a identidade hispano-americana desde o resgate ético-político tanto de Simón Bolívar quanto de José Martí.

### **3.2 Seleção das fontes**

Para contarmos com uma variedade acadêmica de fontes, embora há um escasso acervo de material disponível que contenha prosa política de Gabriela Mistral – acreditamos que isto tenha a ver com a falta de disposição de mostrarem uma Mistral com mais independência política que tenha como consequência uma Prêmio Nobel afastada do mito colonial republicano que dela tem sido criado –, uma seleção de três fontes tem sido feita. Essas fontes são rigorosas compilações da prosa política de Gabriela Mistral, as quais ainda são um oásis nos estudos existentes da autora, que apenas consideram a compilação, edição e análise da produção poética. Nesse sentido, estas fontes têm a ver com material da autora eminentemente político, não material poético que seja acrescentado com algumas seleções de prosa mistraliana. Assim, nessas três fontes, todos os textos são inteiramente feitos de prosa política escrita por Mistral.

A primeira das fontes, da qual é tomado o texto sobre a situação da mulher no Chile, é o livro *Por la Humanidad Futura* (2015), do jovem pesquisador chileno da Literatura Diego del Pozo Ségure. Esse texto responde a uma seleção de textos políticos realizada pelo editor como parte de sua pesquisa de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade de Helsinki, Finlândia. Tanto a pesquisa dos textos políticos quanto a publicação do livro recebem financiamento do Conselho para a Cultura e as Artes do Governo do Chile.

A segunda delas, da qual são escolhidos os dois textos sobre Simón Bolívar, é um livro de seleção de textos políticos de Gabriela Mistral, chamado *Gabriela Mistral: Escritos Políticos* e publicado em 1994 pelo Fondo de Cultura Económica. O editor da obra, Jaime Quezada, é um reconhecido poeta chileno e pesquisador da obra poética e

prosaica de Mistral. Além disso, ele é Presidente da Fundação Prêmio Nobel Gabriela Mistral. O livro é publicado tanto no Chile quanto no México.

A terceira das fontes corresponde ao livro *Gabriela anda La Habana:... A medio caminar el olvido y la memoria* (1998) do historiador Jorge Benitez. O livro é produto das pesquisas realizada por Benítez na coordenação dele no Centro de Pesquisas Sociais da Universidade de Artes e Ciências Sociais (ARCIS) no Chile. Ele é especialista em José Martí, Cuba, e nas relações entre Cuba e o Chile. Sua trajetória no âmbito de pesquisa mencionado acima tem como resultado o Prêmio Internacional de Periodismo pela Agência Latino-americana “Prensa Latina” e a União de Periodistas de Cuba (UPEC) na área do Gênero de Testemunha em 1995. Desse livro é tomado o único texto sobre José Martí analisado neste trabalho sobre Gabriela Mistral.

### **3.3 Discurso Político de Gabriela Mistral**

O Discurso Político de Gabriela Mistral será entendido como a produção discursiva escrita cujo conteúdo principal é o político. Ainda o texto sobre José Martí, o qual era aparentemente um escrito literário, revela-se como um escrito poético no texto assim que ele é pronunciado pela escritora em Cuba como parte de uma conferência. É também preciso especificar que, embora Mistral tenha apresentado oralmente esse texto, ele foi inicialmente produzido na escrita para logo ser falado (esse texto é posteriormente publicado no seu formato escrito original).

Sendo esclarecido o discurso quanto produção discursiva textual, é preciso entender o discurso quanto a mensagem produto de um processo de enunciação, isto é, de enunciado produzido por um sujeito, Gabriela Mistral, a respeito de um contexto temático – neste caso um contexto nacional na década de 1920 e outro internacional no caso da década de 1930 – a um (a) receptor (a), isto é, os (as) leitores (a) do jornal *El Mercurio*, a *Revista Repertorio Americano* e os assistentes à conferência de Gabriela Mistral na Instituição Hispano-Cubana de Cultura, como também ao leitores de dita conferência (Mistral, 1934, p. 84 – 96) no seu texto escrito na edição de Ana Cairos Ballesteros.<sup>137</sup>

Esse discurso será político devido a que por ser constituído por signos linguísticos é de natureza ideológica, o qual realiza-se semanticamente pelo processo

---

<sup>137</sup> Mistral, Gabriela (1934). *La Lengua de Martí*. In: Cairos Ballesteros, Ana. *Cultura en Cuba*. Editorial Pueblo y Educación, La Habana, 1989.

enunciativa no qual ele é concebido. Assim, este discurso envolve uma intencionalidade além dos aparentemente ditos nos enunciados. Eles têm uma carga valorativa por parte da autora e respondem a processos históricos determinados. Nessa linha da realização semântica da prosa política Mistraliana, Carlos Alberto Faraco diz o seguinte sobre a semântica e sua historicidade:

... cada uma dessas várias semânticas se articula, organiza sua arquitetônica (aproveitando um termo e conceito do Bakhtin dos primeiros textos), nos processos de atribuição de diferentes valores aos entes e aos eventos, às ações e às relações do vasto espectro das experiências históricas de qualquer grupo humano e decorrem da heterogeneidade dessas experiências. (Faraco, 2017, p. 52)

Do anterior, desprende-se que, além do processo enunciativo e das características semânticas do discurso político de Mistral, o qual responde a um contexto histórico, esse discurso é subjetivo e heterogêneo, isto é, ele varia segundo os temas, os receptores, experiências de vida do (a) emissor (a), do tempo histórico em que esse discurso é apresentado e do lugar no qual ele é expressado. Daí que seja preciso entender esse discurso político Mistraliano no decorrer de um cronotopo.

### **3.4 Cronotopo mistraliano nas décadas de 1920 e 1930**

A consideração de tempos históricos na construção do nosso relato de uma biografia política de Gabriela Mistral, através do estudo de seu discurso político que considera uma subjetividade descentrada, isto é, variada e, devido àquilo, nunca objetiva ou estática, é feita graças ao conceito chamado cronotopo e criado pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Embora esse conceito tenha sido anteriormente referido na teoria comentada neste trabalho, é útil lembramos dele graças à didática referência do comentador da obra bakhtiniana, José Luiz Fiorin. A respeito da natureza do cronotopo, ele explica que,

Para estudar a natureza das categorias de tempo e espaço representados nos textos, Bakhtin cria o conceito de cronotopo, formado das palavras gregas *crónos* (tempo) e *topos* (espaço). Os textos literários revelam-nos os cronotopo de épocas passadas e, por conseguinte, a representação do mundo que tinha a sociedade em que eles surgiram. Figura-se o mundo por meio de cronotopo, que são,

pois, uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, que estão em interação mútua. O cronotopo brota de uma cosmovisão e determina a imagem do homem na literatura. A relação entre espaço e tempo é indissolúvel. O cronotopo é uma categoria conteudístico-formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais, representadas nos textos, principalmente literários. Cabe acrescentar que seu princípio condutor é o tempo. (Fiorin, 2017, p. 145)

A partir das palavras na citação acima, é preciso estruturar a nossa narrativa de Gabriela Mistral quanto sujeito político em um tempo determinado ligado a lugares e contextos determinados. Nesse sentido, foram escolhidas duas décadas que dão conta de uma mudança substancial entre uma Mistral que ainda olhava para o Chile na década de 1920, embora desde a experiência internacional, e logo uma Mistral, já na década de 1930, que tinha um olhar e uma preocupação latino-americana desde uma concepção hispano-americana.

### **3.5 Justificativa sociocultural do cronotopo Mistraliano**

Assim como foi mencionado acima, a escolha das duas décadas não é aleatória. É bem sabido que Gabriela Mistral tem tanto poesia quanto prosa produzida anterior à década de 1920, como também produz importante poesia e prosa nas décadas de 1940 e 1950. Então, por que foi feita a escolha das décadas de 1920 e 1930?

Acontece que o objetivo deste trabalho, cuja natureza de pesquisa é qualitativa e indutiva – devido que uma hipótese colocaria um centro em um sujeito que queremos resgatar da prisão em que o mito colonial republicano a tem –, é liberar Gabriela Mistral da concepção clássica, monolítica e conservadora em que se encontra com o objetivo de servir aos propósitos de um sistema do qual ela teve que fugir para se realizar na escrita livre e pensante que demonstrou ao redor do mundo. Neste sentido, não interessa para o objetivo mencionado falar mais a respeito dela dentro dos limites geográficos do Chile. O relevante para este trabalho é o estudo do discurso inicial que ele desenvolve após suas primeiras experiências fora do Chile.

Acreditamos que para derrubar o mito colonial de tipo republicano, o qual emula uma colonização de corte europeu desde uma réplica discursiva pela classe alta nacional, é preciso retornarmos à nossa origem, fonte de nossa identidade democrática, isto é, a nossa independência. Apenas a libertação de nossa identidade dialética,

enunciativa, isto é, a latino-americana e não uma nacionalista. Por causa disso, é preciso focarmos em uma Mistral que, embora nunca deixa de se importar com o Chile, tenha um olhar latino-americano e uma perspectiva mundial, o qual liberte-a do status quo da política republicana chilena e, junto com aquilo, da censura que o discurso letrado republicano e as políticas repressivas da época impuseram na sua escrita dentro do território chileno.

Nessa escolha cronotópica, não são consideradas as décadas de 1940 e 1950, cuja complexidade em ambos os casos, além de se afastarem do mito de origem latino e hispano-americano, lidam com cenários bem diferentes entre eles. A primeira década entre elas responde a uma superação do mito de origem desde uma expansão de uma América Latina de tipo Hispano-americana a um Continente Latino-americano que seja pensado desde o Ibero-americanismo, isto é, desde a superação do divórcio linguístico entre o Brasil e os países de língua espanhola. No segundo caso, Gabriela Mistral entra num amadurecimento escritural e espiritual, daí que seu discurso vai além do continente americano. Ela agora importa-se com as guerras mundiais, a educação democrática ao redor do mundo e com a promoção de um discurso pela paz mundial e a militância pacífica, a qual muda o discurso amigável que ela tinha pela guerra, no caso das independências latino-americanas expressadas na sua prosa da década de 1930. Em ambas as décadas, podem se fazer interessantes pesquisas a partir dos insumos trazidos nesta pesquisa.

Após a apresentação da metodologia de análise do corpus do discurso político de Gabriela Mistral a ser utilizado aqui, o índice analítico dessa análise é o seguinte: 3.6 compreende a década de 1920 e 3.7 a década de 1930.

### **3.6 Década de 1920: Gabriela Mistral e a Recusa do Feminismo**

#### **3.6.1 Organização das mulheres e a recusa do feminismo burguês**

Na década de 1920, Gabriela Mistral escreve um importante artigo para o jornal *El Mercurio*. Publicado em 1925, ele é intitulado “Organização das mulheres”<sup>138</sup>. Esse artigo não representa uma escolha caprichosa da temática senão postura enunciativa a

---

<sup>138</sup> Em espanhol, *Organización de las Mujeres*



respeito de uma preocupação de grande parte das mulheres no Chile pós-colonial desde finais do século XIX, a de serem consideradas no espaço público. Contudo, especificamente o ano da primeira publicação é o ano em que aconteceu a reforma constitucional cuja natureza faria as mulheres se afastarem novamente do âmbito público ou se incorporarem definitivamente.

A respeito do artigo “Organização das mulheres”, é interessante a percepção de Mistral quanto à organização das mulheres no Chile: “hay una fuerza enorme, y una confusión no menor que esa fuerza.” (Mistral, 1925, p. 39) Essa força tem inúmeros sentidos, dentre os quais se encontram as contínuas ações que estavam acontecendo na época em que ela escreve. Porém, há também uma importante confusão que está relacionada com aquilo que Mistral descreve como um caminho equivocado na condução do feminismo, este último entendido como o princípio político-filosófico atrás da organização das mulheres no espaço público no Chile da década de 1920.

A postura enunciativa é expressada explicitamente por Mistral ao falar que “el feminismo llega a parecerme a veces, en Chile, una expresión más del sentimiento mujerial, quejumbroso, blanducho, perfectamente invertebrado, como una esponja que flota en un líquido inocuo. Tiene más emoción que ideas, más lirismo malo que conceptos sociales.” (Mistral, 1925, p. 40) Isto poderia nos levar a pensarmos que as classes sociais operárias não participam desse processo feminista e de organização feminina. Entretanto, a própria autora reconhece que há aproximadamente umas quinhentas organizações de mulheres ativas no país. Então o problema não é a falta de participação senão da falta de ordem, de estrutura e de estratégia para elas chegarem a resultados concretos na participação real no âmbito público que as mulheres aspiravam.

Gabriela Mistral até chega a afirmar que enquanto mais continuavam se criando organizações espalhadas pelo país, mais elitista o movimento transformava-se devido ao foco de ação: de coletiva a individual. E é essa falta de organização social o que deixa as muitas organizações de mulheres em situação de extensão do território familiar. Então, Mistral faz um diagnóstico que abrange três aspectos: o primeiro deles é a falta de organização e interrelação das diferentes organizações no espaço público; o segundo, a falta de classe operária nessas organizações; e a terceira, intimamente relacionada com a primeira, é a ligação do feminismo dessas organizações com o chamado feminismo maternal.

A respeito desse feminismo materno, não é casual que Mistral refere-se ao começo deste artigo à Inés Echeverría de Larraín, uma importante feminista da classe alta do Chile, e a seu chamado para as mulheres equilibrarem "... la brutalidad de los movimientos sociales." (Mistral, 1925, p. 39) Estranhamente, o feminismo de Inés, conhecida como Iris, faz um apelo para as mulheres diminuírem sua participação da sociedade; discurso contrário ao defendido por Mistral, que estava pedindo mais participação social e operária. Também, esse chamado tem a ver com a possibilidade que as mulheres têm para deter esses movimentos sociais, não na rua senão na casa. Aquilo fica claro com a descrição de intenções que Alejandra Castillo faz a respeito das feministas burguesas do começo do século XX, Amanda Labarca e Inés Echeverría de Larraín. Nessa linha, ela expressa o seguinte:

Agora, podemos ver mais claramente por que Amanda Labarca metade aceita a possibilidade de sufrágio feminino, agora podemos entender, por exemplo, por que Iris - que também considera a conveniência de conceder o voto às mulheres - indica que as mulheres podem se abster, "talvez com uma vantagem", de ir às urnas desde que educam os eleitores. Por que, então, é preciso participar da política? Nossos filhos serão responsáveis por levar a "chama imortal" que nos libertará. E nossas filhas? A elas ... "uma educação dos sentimentos e um exercício de solidariedade que nem a sociedade nem a escola são capazes de dar. Por isso, defendemos o fato de termos uma falange de meninas que dedicam duas ou três horas por dia à melhoria e ao bem-estar dos outros porque ela é tão grande que agora é o momento em que esse serviço se torna uma etapa obrigatória de educação para todas as mulheres ". (Castillo, 2014, p. 65 - 66)<sup>139</sup>

Assim, pode ser claramente entendido que o feminismo de Iris, Labarca e de todas essas organizações de mulheres supostamente feministas, criticadas por Gabriela Mistral por não serem socialmente organizadas, tem a ver com uma ideia de mulher fora da sociedade e que é a viva expressão de sentimento, as duas situações que se opõem ao

---

<sup>139</sup> Ahora podemos ver más claramente el por qué Amanda Labarca acepta a medias la posibilidad del sufragio femenino, ahora podemos entender, por ejemplo, por qué Iris – consultada también sobre la conveniencia de otorgar el voto a las mujeres – señale que las mujeres pueden abstenerse, “quizás con ventaja”, de ir a las urnas electorales puesto que ellas educan a los electores. ¿Para qué, entonces, participar en política? Nuestros hijos serán los responsables de portar la “llama inmortal” que nos hará libres. ¿Y nuestras hijas? A ellas... “una educación de los sentimientos y un ejercicio de la solidaridad que, ni la sociedad ni la escuela son capaces de darle. De aquí que nosotros abogemos porque la falange de muchachas que dedican dos o tres horas diarias al mejoramiento y al bienestar a los demás, sea tan numerosa que llegue el momento en que este servicio se convierta en una etapa obligatoria de la educación de toda mujer”.

pensamento de Mistral a respeito da organização de mulheres. Essa postura contrária ao feminismo é evidenciada por Mistral ao defender que, no campo sentimental, o feminismo “no puede mantenerse; para el sentimiento está la vida individual, y las mujeres han decidido abandonar el pliegue tierno de la casa, donde el amor sólo tenía un rostro que mirar en el silencio, y el servicio de una sola mesa que hacer pulcra y bella.” (Mistral, 1925, p. 48) Desta maneira, não só é preciso deixar os sentimentos – ou o excesso deles quanto metonímia da significação da mulher – de lado para a luta das mulheres no espaço público, mas também, devido ao fato delas terem deixado o lar, esse espaço público acontece no seio da sociedade. E é essa sociedade que inclui a classe trabalhadora, a maior preocupação de Mistral para integrar um feminismo verdadeiro no Chile.

Baseado no anterior é que Gabriela Mistral é enfática em expressar que “no hay necesidad de crear una sociedad más; tal vez sería enriquecer nuestro vicio – que es vanidad pura – de erigir directorios, para hacer nuestro reparto de presidencias y secretarías, baratijas de zulúes que nos gustan mucho.” (Mistral, 1925, p. 40) Isso só prejudicaria ainda mais as possibilidades para o feminismo acontecer no país, devido à dispersão nas diversas organizações e sem influência nenhuma na sociedade. Porém, Mistral tinha uma estratégia para oferecer e, embora ela se afaste do feminismo maternal, não se afasta das mulheres que o constituem. Assim, Mistral disse que “hay un organismo destinado a verificar la concentración que pedimos: su nombre ha hecho promesa que debe cumplir. En otras partes ya ha cumplido. El Consejo Nacional de Mujeres, en varios países, ha conseguido contar en su seno a las representantes de casi todos los círculos femeninos de la nación.” (Mistral, 1925, p. 40) Todavia, por que Mistral confiava na participação das mulheres concentrada especificamente nessa organização? Poderia ser que a resposta para aquilo esteja nas palavras de Amanda Labarca:

Desde 1915, a luta mudou para reivindicações legais. Em 17 de junho daquele ano começamos o trabalho da primeira sociedade inteiramente formada por mulheres e que procurava alcançar através dos esforços de todos, a elevação coletiva. Era o Círculo de Leitura. O Ladies Club foi formado imediatamente depois. O Conselho Nacional da Mulher, fundado em 1919, estava preocupado com a obtenção de maior justiça

social para as mulheres. Como presidente, tomamos a iniciativa de solicitar explicitamente direitos civis e políticos. (1947, p.134)<sup>140 141</sup>

O anterior não são palavras ouvidas ou lidas por Mistral devido ao fato delas terem sido publicadas após a escrita de Mistral sobre essa organização. O contexto tem a ver com o entendimento de Mistral a respeito do trabalho e da potencialidade dessa organização para atuar no espaço público. Apesar de seu caráter burguês, era possível influir-la e transformá-la mediante a adição das classes baixas. Isso não ficou só como informação no recado de Mistral porque ela mesma expressa que o comunicou ao Conselho Nacional de Mulheres quando disse: “hace años se me invitó a pertenecer a él. Contesté, sin intención dañada: ‘Con mucho gusto, cuando en el Consejo tomen parte las sociedades de obreras, y sea así, verdaderamente nacional, es decir, muestre en su relieve las tres clases sociales de Chile’.” (Mistral, 1925, p. 41)

As três classes sociais eram a classe alta, a classe média e a classe baixa ou classe trabalhadora. Daí que fosse importante manter o vínculo com o Conselho Nacional de Mulheres para fazer transformação tanto do Conselho quanto do espaço público no qual ele podia participar. Contudo, essa tríade era a estratégia mistraliana para o feminismo real acontecer no Chile devido ao fato de sua maior preocupação ser a classe operária. Isso não é mera fala com consciência social porque toma valor já em quantidades quando ela fala que “la clase trabajadora no puede alcanzar menos de la mitad de representantes en una asamblea cualquiera; cubre la mitad de nuestro territorio, forma nuestras entrañas y nuestros huesos. Las otras clases son una especie de piel dorada que la cubre.” (Mistral, 1925, p. 41)

Porém, esse cálculo não é só um próprio. Esse número está diretamente relacionado com a composição da classe trabalhadora na assembleia popular para a constituição política de 1925. Nesse sentido, a participação popular, detalhada por Alejandra Castillo é a seguinte:

---

<sup>140</sup> Desde 1915 la lucha se desplaza hacia las reivindicaciones legales. El 17 de Junio de ese año iniciamos las labores de la primera sociedad íntegramente formada por mujeres y que pretendía alcanzar por medio del esfuerzo de todas, la elevación colectiva. Fue el Círculo de Lectura. El Club de Señoras, se formó inmediatamente después. El Consejo Nacional de mujeres, fundado en 1919, se preocupó de la obtención de una mayor justicia social para la mujer. Como su presidente, nos cupo tomar la iniciativa de solicitar explícitamente los derechos civiles y políticos.

<sup>141</sup> Citado em Castillo (2014, p. 41 - 42)

Em 1º de fevereiro de 1925, o Comitê Nacional dos Trabalhadores convoca uma Assembléia Constituinte de Assalariados e Intelectuais que será realizada em março do mesmo ano. Além disso, as bases para a sua participação são conhecidas: "em seu primeiro artigo, os representantes dos proletários (45%), funcionários (20%), professores (20%), estudantes (7%) e Profissionais e intelectuais (8%) ... ". (Castillo, 2014, p. 51)<sup>142</sup>

A respeito do contexto sociopolítico descrito acima é que Mistral apontava dois problemas, a saber: o número de organizações de mulheres que devia ser reduzido a sua mínima expressão e a ocupação sistemática do Conselho Nacional de Mulheres por mulheres trabalhadoras. Sobre o Conselho e seu potencial, Mistral expressa que:

Este Consejo fue creado hace unos siete años por las señoras Amanda Labarca Huberston e Isaura Dinator de Guzmán; de él han partido los primeros reclamos de representación femenina dentro de las instituciones y cuenta en su haber las leyes dictadas por el gobierno actual sobre derechos civiles femeninos. Ha hecho bastante, en relación con la que le crea la ausencia de la clase popular. (Mistral, 1925, p. 41)

Então, a falta de representação era um problema ao mesmo tempo que uma possibilidade. Se esse Conselho foi capaz de fazer bastante a respeito das reivindicações de mulheres mesmo sem contar com a maiorias das mulheres, já com poder feminino em abundância e popular, faria muito mais ao que já tinha feito. Contudo, era preciso e urgente fazer as mulheres trabalhadoras entrarem nesse Conselho devido a que, embora contraditório por causa do perfil político e social da organização, ele estava pensado para discriminar a entrada de mulheres que provinham da classe baixa. Isto é claro “quando, em 1917, Amanda Labarca foi consultada sobre a conveniência de conceder o direito de votar as mulheres, sua resposta seria apenas parcialmente afirmativa. Surpreendentemente, a autora de *Onde a mulher está indo?* e *Feminismo Contemporâneo* estabelecerá duas restrições: educação e renda” (Castillo, 2014, p. 59)<sup>143</sup>

---

<sup>142</sup> El 1 de febrero de 1925 el Comité Nacional Obrero convoca a un congreso Constituyente de Asalariados e Intelectuales a realizarse en el mes de marzo del mismo año. Asimismo, se dan a conocer las bases para su participación: “en su artículo primero, se convocaba a los representantes de los proletarios (45%), empleados (20%), profesores (20%), estudiantes (7%), y profesionales e intelectuales (8%)...”.

<sup>143</sup> “... cuando en 1917 se consulta a Amanda Labarca sobre la conveniencia de conceder el derecho a sufragio a las mujeres su respuesta será sólo en parte afirmativa. Sorprendentemente, la autora de *¿A dónde va la mujer?* y de *Feminismo Contemporáneo* establecerá dos restricciones: la educación y la renta.”

Mistral, tanto como católica quanto em seu entendimento da influência que a Igreja Católica tinha no aparato político da época – antes da nova Constituição Política de 1925, a Igreja e o Estado eram um só – faz uma tentativa de justificar a incorporação da classe trabalhadora feminina ao Conselho de Mulheres mediante as seguintes palavras:

Santa ronda nacional de mujeres sería ésa en que la mano pulida coja la mano prieta, y la paradora de zapatos escuche, de igual a igual, a la maestra y la costurera diga a la patrona cómo van viviendo ella y sus tres hijos con su salario de tres pesos. Asamblea cristiana, en que la dueña de la vivienda pútrida mire la prueba de ésta en la cara sin sangre de su pobre inquilina. (Mistral, 1925, p. 42)

O anterior até pode ser considerado como a troca de um feminismo maternal, de corte burguês, por um feminismo social e cristão. Daí que a justificativa mistraliana da inclusão das trabalhadoras no feminismo no Chile não tenha a ver com a adoção do marxismo, por exemplo, senão, pelo menos no discurso autorizado, com a adoção de um cristianismo que não sabe de elitismo e que muito sabe de ajudar aos que precisam, neste caso, as mulheres pobres.

Continuando com a linha cristã do pensamento de Gabriela Mistral, gostaríamos de citar estas palavras:

Sin embargo, hay que comenzar por el conocimiento y acabar por el amor, como los judíos empezaron por Moisés, la Ley, para terminar por Cristo, lo superior a la Ley. La escuela le entregará la patente de hombre; la habitación, en las ciudades y en el campo, el predio agrícola le darán la dignidad de poseer. Sobre eso, que vengan los capiteles del orden que queráis, la abundancia de la fraternidad, la verificación del cristianismo.

Volviendo, pues, a la organización de las mujeres, éste es el primer paso: vincularse para conocerse. (Mistral, 1925, p. 44)

Além do cristianismo explicitamente expresso por Mistral e da união de classes sociais de mulheres anteriormente referida e por ela defendida, ela também faz uma relação com um aspecto fundamental do problema das mulheres, a lei e os costumes. Ao falar que Cristo está por sobre a lei, ela quer dizer que a maior das transformações não acontece no plano jurídico só, senão no plano dos costumes que logo validam-se no plano jurídico. Aquilo pode ser explicado ao referirmos ao contexto de mulheres sendo afastadas do espaço público na lei de eleições no ano de 1884. Aparentemente, a constituição política de 1833 considerava tanto os homens quanto as mulheres em

igualdade de condições perante a lei, mas quando o direito a voto tomava lugar, só os primeiros eram permitidos de votar. Nessa situação de injustiça, as mulheres exigiram seu direito na inclusão delas no sintagma “chilenos”, porém, após determinação e interpretação jurídica, foi necessária uma lei que explicitamente afastasse as mulheres do direito a voto devido às possíveis faculdades políticas que ela aparentemente garantia às mulheres – a lei não considerava exceções. Era este, basicamente, o maior problema do mundo feminino com o ideário republicano. A República tinha a ver com a inclusão dos cidadãos, mas, aparentemente, as mulheres ainda não eram consideradas como cidadãs, embora gozavam de iguais condições perante à lei dos homens. Este conflituoso ideário republicano:

... baseia-se numa declaração igualitária que não conhece as diferenças entre os sexos, nem a contextualização histórica da referida diferença em práticas, costumes e leis exclusivistas. Bem, a este respeito, parece que essa afirmação afirma que, nas repúblicas, as mulheres são livres da lei e são cativas pelos costumes. (Castillo, 2014, p. 22)<sup>144</sup>

Daí que fosse preciso mudar os costumes desde um cristianismo acima da lei, para logo poder validá-lo na lei e não ter uma lei não validada pelos costumes, para logo ela ser mudada por causa dos costumes, assim como aconteceu com essa trágica lei de eleições de 1884. Mas, para isso acontecer, as mulheres todas deviam se vincular, para se conhecerem e logo se organizarem.

O problema da vinculação, o conhecimento e a organização era que eles não eram automáticos só por causa de Mistral e as mulheres desejarem isso. Para a escritora, o problema do feminismo era um problema de classes sociais e nelas deviam se resolver os obstáculos. Para fazer aquilo, era então preciso diagnosticar qual era o maior desses problemas. Assim, lembrando que a vinculação de classes sociais passava pelo prévio reconhecimento de três classes sociais, tríade cuja ponte fraturada causava o mais grande dos problemas. Assim, Gabriela Mistral disse que “si la clase alta se siente extraña al pueblo por sus costumbres, la media no lo siente menos extraño por su ignorancia. La llaman un puente; como los puentes movedizos, levantó su extremo de la orilla, giró y ha ido a ponerse, tendido a lo largo de la otra, margen suave, donde no

---

<sup>144</sup> ... se funda sobre una declaración igualitaria que no sabe de diferencias entre los sexos, ni de la historización de dicha diferencia en prácticas, costumbres y leyes exclusivistas. Pues, al respecto, pareciera ser que cierta aquella sentencia que señala que en las repúblicas las mujeres son libres por las leyes y cautivas por las costumbres.

sirve a los fines de la vida.” (Mistral, 1925, p. 45) Era, então, urgente fazer a classe média acordar e compreender que fazia também parte da classe de trabalhadores assalariados; de modo que a mulher pudesse integrar e se inserir no espaço público. No caso da classe alta, a consciência sobre a necessidade do feminismo não era um problema tanto devido à existência do Conselho Nacional que as mulheres dessa classe social criaram quanto de outras mulheres da mesma classe que têm defendido abertamente os direitos femininos. Mistral dá um exemplo do último caso ao dizer que “... es curioso anotar que las voces de mujer que hacen el llamado más apasionado a la fusión de clases, en este momento, son las voces de la clase alta. Llevo muchos artículos de “Roxane”, que me dan esta sensación.” (Mistral, 1925, p. 45) Desta forma, a classe alta de mulheres tinha uma dupla condição de exclusão ao resto das mulheres no começo, mas, assim que atingirem certas capacidades educacionais principalmente para poderem agir no espaço público, seriam incorporadas no movimento de mulheres. Aquilo só tomaria lugar na incorporação das mulheres trabalhadoras nas previdências sociais que a cidade devia garantir para todos os trabalhadores, sem importar o sexo. Como consequência, a sociedade ideal para Mistral fica manifesta nestas palavras:

La primera faena cívica era esa: soldar las clases por medio de intereses y sentimientos comunes. Dar en la pequeña propiedad la emoción de la patria: dar, en el servicio amplio, ¡inmenso!, de beneficencia, latido moral de un Estado, atento como un hombre a la guardia de la salud; dar, en la casa obrera, la dignidad al ciudadano, que no lo es solamente porque reciba el sol y beba el viento; incorporar en las muy vacías fiestas de aniversarios nacionales una ceremonia de gratitud hacia los mejores artesanos; impulsar con algo más que la protección al salitre la riqueza nacional, abriendo los bancos de pequeño crédito agrícola para que pueda sembrar cada campesino que no tiene una lonja de suelo; y democratizar la cultura, llevando la biblioteca del pueblo como un río generoso, de un extremo a otro del país, humanizar el Estado; y hacer así esa red de intereses y de amor que es una raza. (Mistral, 1925, p. 42 – 43)

Com base na citação anterior, gostaríamos de nos referir à democracia da cultura. As mulheres pobres são ignorantes basicamente porque a cultura tem sido negada, não só a elas, mas também aos homens pobres. Assim que a distinção de classes sociais se superar através da união, as mulheres pobres podem aproveitar o conhecimento e, assim, se incorporarem ao Conselho de Mulheres. Porém, outro problema aparece. O perigo da educação dos setores populares. A respeito, Mistral disse



que “... el conocimiento del pueblo – me ha dicho alguno – da mejor su repugnancia que su estimación. Es cierto: no es ni hermoso, ni sentidor, ni claro de mente; feo, brutal a veces, confuso para desear y pedir.” (Mistral, 1925, p. 44) Assim, a educação de mulheres burguesas, as quais defendiam um feminismo maternal principalmente, não representava um problema, mas a educação da mulher popular, cuja aspiração principal era agir no espaço público, era certamente perigoso para a classe dominante, a classe alta masculina.

Mistral considera, assim, que não se pode aguardar até a mulher pobre ser educada por causa de um milagre. Era preciso para as mulheres todas se unirem e, ao mesmo tempo, se preocuparem com a educação de todas elas. Elas deviam contar com “... un curso de conferencias sobre el laborismo, el fascismo, el soviétismo, etc.; los regímenes que gobiernan el mundo y que no conocen ellas para hacerse conciencia social.” (Mistral, 1925, p. 48 – 49) Desta maneira, não é só uma questão de educação, como é próprio do tempo do feminismo de finais do século XIX e começo do século XX a que Mistral pertence, senão de educação política, porque, do mesmo modo em que o signo linguístico reflete e refrata o mundo, as mulheres devem também refratar esse mundo a que elas pertencem, para transformá-lo em igualdade.

O feminismo no Chile na primeira metade do século XX era um movimento que lutava pela reivindicação das mulheres no espaço público. Essa reivindicação, porém, mais do que uma reivindicação em termos políticos, era uma luta por uma demopédia, isto é, uma democracia que incorporasse as mulheres apenas ao sistema educativo. Isto significa que a reivindicação política, a da igualdade de direitos é negada devido a que ela não representava apenas uma igualdade de gênero senão também de classes sociais. A realidade era que as mulheres burguesas pediam uma janela para se abrir a ela quanto benefícios republicanos que dessem a elas a possibilidade de serem educadas junto com os homens. Todavia, elas não queriam perder o privilegio da classe social. Daí que consideraram violento o movimento social. A intenção não era garantir os mesmos direitos a todas as mulheres. Daí que o feminismo da época tivesse uma metonímia de mulher que considerava apenas a mulher burguesa. Para Mistral aquilo era uma contradição devido ao fato de ser impossível de avançar na reivindicação dos direitos da mulher sem pensar na igualdade, isto é, na incorporação da mulher pobre.

A própria origem de mulher campesina e trabalhadora fazia Gabriela Mistral pensar a igualdade em termos da igualdade de classes sociais que considerasse a classe

operária em sua totalidade. A mulher só podia reivindicar sua incorporação ao espaço republicano de maneira íntegra na medida em que ela fosse representativa de todas as mulheres, principalmente a mulher pobre, a subalterna – entendida em termos contemporâneos. Assim, em sua condição de dar voz às pessoas sem voz, não podia fazer outra coisa senão recusar um feminismo cuja orientação fosse manter o sistema letrado, da verticalidade republicana, do colonialismo encoberto, a de uma opressão fantasiada de liberdade.

### **3.7 Década de 1930: Gabriela Mistral e o Latino-americanismo hispano-americano**

Neste subcapítulo trataremos a posição de Mistral acerca de duas figuras emblemáticas para os hispano-americanos: Simón Bolívar (Venezuela, 1783 – Colômbia, 1830) e José Martí (Cuba, 1853-1895).

#### **3.7.1 Simón Bolívar e a escrita de Gabriela Mistral**

Com dois escritos sobre Simón Bolívar, Gabriela Mistral faz uma profunda reflexão sobre o que significa ser latino-americano desde a identidade hispano-americana. Assim, essa identidade tem a ver com o processo de descolonização e libertação dos espanholes nos países latino-americanos de fala espanhola.

Assim, na década de 1930, Gabriela Mistral tenta resgatar o mito da origem latino-americano, esse mito sobre o que significa ser latino-americano para o povo – e não para a burguesia. Porém, essa origem tem características bem especiais. Por um lado, esse mito tem relação com a mestiçagem e reivindicação dos povos originais da América. Por outro, a reivindicação desses povos excluídos dialoga com suas lutas – de libertação, independência.

Nessa caminhada pelo cronotopo identitário na América Latina e Hispano-americana, é bom lembrarmos que Mistral publicou a sua obra poética *Tala* no ano de 1938. É uma escrita endógena que, mais uma vez, reivindica a origem e a identidade dos

povos hispano-americanos num período de vanguardas e olhares a uma Europa sempre colonizadora, sempre letrada.<sup>145</sup>

No plano prosaico, há um resgate escritural mistraliano de figuras tão relevantes para a cultura hispano-amaericana como José Martí e Simon Bolívar. A este último serão dedicados os dois subcapítulos a seguir, Mistral dedicou dois discursos publicados no jornal *El Mercurio*, em 1931: “Bolívar a los 40 años” e “La Ambición de Bolívar”. No texto de Quezada (1994) eles são apresentados como “Bolívar (I)” e “Bolívar (II)” respetivamente. Em termos gerais, eles tratam sobre um perfil biográfico.

### 3.7.2 A ambição de Bolívar

Do mesmo jeito em que ela se refere a personagens importantes da história latino-americana, outros escritores também têm falado sobre Bolívar. Mistral, sem entregar nomes, fala em termos gerais do dano que eles têm feito à figura de Simón Bolívar. Nesse sentido, uma das causas que motiva a defesa que ela faz de prócer é a da ambição que tem sido referida como uma característica negativa de Simón Bolívar. A respeito, Gabriela Mistral afirma o seguinte:

Los escritores que malquieren a Bolívar insisten mucho en su ambición; la sacan a lucir como una medida mañosa que le rebaje hasta la mitad de la estatura y la revuelven con la palabrita hasta que echa sobre el hombre unas luces sesgadas.

Hasta donde se toca ambición se tiene tacto leal de hombre; cuando ya no se la toca, la criatura se vuelve nada menos que el santo y produce no sé qué vértigo. (Mistral, 1931, p. 200)

As palavras acima são o reflexo fiel não apenas de uma opinião senão também da própria experiência da autora, devido ao fato de ter sofrido as consequências de uma canonização prematura que a fez sair do Chile para encontrar, de certa forma, sua liberdade. Desta forma, a necessidade dos escritores e biógrafos de encontrarem uma narrativa objetiva, lineal e global da vida de uma pessoa faz com que, muitas vezes, deturpem a memória dessa pessoa.

---

<sup>145</sup> Entendemos “letrada” desde a imposição de um cânone literário.

A astúcia de Mistral é de não negar a ambição de Bolívar, mas a de reivindicar sua positividade na biografia do autor. Nesse sentido, suas palavras desafiantes dizem:

Ambición natural la que llevó y mostró, tan natural como su corazón vivo y lleno de sangre que buscaba empleo, tan natural como que comiese y llevase ropas, ¿qué querían, pues, los hipocritones? Un santo-general no se ha visto y menos un libertador de un continente de tierra y agua. (Mistral, 1931, p. 200)

Um santo em oposição à liberdade deixa em claro que a canonização cedo de uma figura faz ela ser encarcerada numa biografia injusta, a qual tem mais vazios a certezas. Assim, do mesmo jeito em que um santo afastava-se da ambição, Simón Bolívar era julgado pelo fato de não ser um santo. Isso significa que se ele não pode ser um santo geral, ele é um libertador geral, isto é, um homem combatente. Daí que essas palavras mistralianas sejam tão importantes e relevantes, devido a concordarem com o princípio Bolivariano assumido pelo libertador antes de escrever o Manifesto de Cartagena no ano de 1812. Segundo Néstor Kohan, “pouco antes dele escrever seu manifesto, Bolívar tinha chegado a uma conclusão com profunda certeza: ‘a guerra, apenas a guerra pode nos liberar dos tiranos odiosos e desleais’.” (2013, p. 125)<sup>146</sup>

Contudo, a ambição com base na negatividade era atribuída a Bolívar por causa de sua origem burguesa, como também por causa da educação de elite que recebeu. Por causa disso, Mistral, do outro lado da moeda, isto é, com uma origem humilde, além de esclarecer mais uma vez essa ambição, porém com positividade, explica o porquê da ambição dele na seguinte expressão:

La ambición de Bolívar después de nacer en la familia donde nació, de recibir el legado casi bautismal del canónigo Aristiguieta y de vivir en cortes europeas que llegaron a parecerle domésticas, debía volver la cara inteligente hacia lo único que le faltaba, que era la gloria. Poseía la mirada panorámica, así para la geografía como para la historia y con este ojo de beber masas y de coger volúmenes él vio que ella le faltaba para sentirse completo, que es como les gusta sentirse a los héroes y a los santos. Bienhaya su "vistazo" y su determinación, bienhaya por él y por nosotros. (Mistral, 1931, p. 200 – 201)

---

<sup>146</sup> “poco antes de escribir su manifiesto, Bolívar había llegado a una conclusión taxativa: ‘la guerra, sólo la guerra puede liberarnos de los tiranos odiosos y desleales’.”

Aqui há três pontos a serem analisados em profundidade. O primeiro deles é que efetivamente Bolívar, assim como expressado por Mistral, vinha de uma classe privilegiada. Na verdade, não era só uma classe privilegiada senão uma das classes mais privilegiadas do período colonial. Daí esse legado canônico mencionado por Gabriela Mistral além das viagens que ele fez à Europa. Essa classe social a qual Bolívar pertencia era nomeada de Mantuanos e, para podermos entender a características dela e, sobretudo o legado, esta vez em termos econômicos com o qual Bolívar foi beneficiado, é preciso citar em extenso a Kohan:

A família Bolívar é de origem basca. O primeiro de tudo, também chamado de Simon, viajou para a América em 1559. Seu sobrenome original foi escrito "Bolíbar", que então mudou o "b" para o "v". Como Juvenal Herrera Torres lembrou em seu trabalho Simon Bolivar, força histórica e política, pai Simon parou herança a seus quatro filhos (dois filhos, Juan Vicente e Simon, e duas mulheres, Juana e Maria Antonia): 258.000 pesos em dinheiro. Duas plantações de cacau, perto de Caracas. Quatro casas em Caracas, com os correspondentes escravos, móveis e jóias. Nove casas no Guaira. Objetos de prata valorizados em 46 mil pesos. Uma casa de campo junto ao mar. Casa e fazenda eram do site de Caracas. A fazenda de San Mateo, com mais de 1.000 escravos (é provável que esta figura seja um pouco exagerada, outros autores mencionam 160 escravos) e dois moinhos de açúcar. Um rancho de produção de índigo perto de San Mateo, no Vale de Aragua. Três fazendas de gado extremamente grandes nas planícies, em direção ao Orinoco. O Vale de Arroa, com minas de cobre e as minas de Cocorote. A origem de sua classe é inequívoca, ligando-o à oligarquia crioula de Caracas, uma elite conhecida como "mantuana" por causa das elegantes capas vestidas por suas mulheres. Este setor social acumulou tanta riqueza que se sentiu superior mesmo aos espanhóis que acabavam de chegar da península ibérica, tanto militares quanto civis. (Kohan, 2013, p. 82 - 83)<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> La familia Bolívar es de origen vasco. El primero de todos, que también se llamaba Simón, viajó a América en 1559. Su apellido original se escribía "Bolíbar", del cual luego cambia la "b" por la "v". Como recuerda Juvenal Herrera Torres en su obra Simón Bolívar, vigencia histórica y política, el papá de Simón dejó de herencia a sus cuatro hijos (dos varones, Juan Vicente y Simón, y dos mujeres, Juana y María Antonia): 258.000 pesos en dinero. Dos plantaciones de cacao, cerca de Caracas. Cuatro casas en Caracas, con los esclavos, muebles y joyas correspondientes. Nueve casas en la Guaira. Objetos de plata valorizados en 46.000 pesos. Una casa de campo a orillas del mar. Casa y finca fueron del recinto de Caracas. La finca de San Mateo, con más de 1.000 esclavos (es probable que esta cifra sea un tanto exagerada, otros autores mencionan 160 esclavos) y dos trapiches azucareros. Un rancho de producción de índigo cerca de San Mateo, en el valle de Aragua. Tres extentísimos ranchos de ganado de vacuno en los llanos, hacia el Orinoco. El valle de Arroa, con minas de cobre, y las minas de Cocorote. Su origen de clase resulta inequívoco, lo vincula a la oligarquía criolla de Caracas, una elite conocida como "mantuana" por los elegantes mantos que usaban sus mujeres. Este sector social había acumulado tanta riqueza que se sentía superior incluso a los españoles recién llegados de la península ibérica, fueran éstos militares o civiles.

Desse modo, não há como negar a origem de classe alta de Bolívar. Porém, o segundo dos pontos a serem esclarecidos ajuda a entendermos mais o primeiro ponto devido ao fato dele se rebelar perante sua classe social, seja por causa de sua sede de glória, seja por causa de sua sede de justiça social, faz dele não um santo – por causa de sua ambição – senão um herói. É por este motivo que Mistral agradece essa sua ambição de glória, ou seja, uma ambição de glória de libertação, desejo de todos os colonizados e injustiçados.

Também, o terceiro dos pontos é o legado batismal e canônico por ele recebido, mas por ele rejeitado logo depois. Confirmando a ironia de Mistral, as seguintes letras sobre o Manifesto de Cartagena são evidentes:

... no Manifesto de Cartagena (1812), Bolívar caracterizou os cardeais, os arcebispos, os bispos, os cânones e os clérigos que se opuseram à independência e à revolução como "trânsfugas". Nesse documento, declarou inequivocamente que "a profissão de toda a hierarquia eclesiástica e os grandes da Espanha são fraude e intriga". Suas numerosas disputas com as altas hierarquias da Igreja Católica foram mediadas não tanto por seus laços maçônicos e simpatias (comuns à maioria dos revolucionários independentes de nossa América), mas pelo touro do Papa Pio VII, que em defesa aberta do colonialismo europeu, condenou os revolucionários que ousaram desafiar o império. (Kohan, 2013, p. 131)<sup>148</sup>

Assim, o herói de Gabriela Mistral era um herói cuja ambição significava que ele tinha que se rebelar contra poderes contrarrevolucionários da época, tais como a Igreja Católica. Isso era não só ir contra ela senão também contra o legado que ele recebeu desde criança, o qual era motivo de heroísmo devido a que ele teve uma consciência social superior. O motivo daquilo era que, mesmo não acreditando em Deus, não estava contra a religião senão que contra a elite da Igreja Católica que defendia o colonialismo. Prova disso foi o fato de admirar o padre Bartolome das Casas,

---

<sup>148</sup> ... en su Manifiesto de Cartagena (1812), Bolívar había caracterizado a los cardenales, arzobispos, obispos, canónigos y clérigos opuestos a la independencia y revolución como "trânsfugas". En ese documento afirmó sin ambigüedades que "la profesión de toda la jerarquía eclesiástica y los grandes de España es el dolo y la intriga". Sus numerosas disputas con las altas jerarquías de la Iglesia católica estaban mediadas no tanto por sus vínculos y simpatías masónicas (comunes a la mayoría de los revolucionarios independentistas de Nuestra América) sino por la bula del Papa Pío VII, que en abierta defensa del colonialismo europeo, condenaba a los revolucionarios que se animaban a desafiar al imperio.

quem foi qualificado por Bolívar como um “herói” (Kohan, 2013, p. 133), mesmo qualificativo com que Mistral descreve Bolívar.

É de se ter em conta, o uso e abuso que a Igreja fazia da excomunhão como punição mais grave para os libertadores da América. O jeito eminentemente político de uma exclusão que devia responder a um assunto meramente religioso é criticado em duros termos por Bolívar, quem não demonstra suavidade de jeito nenhum para se referir à elite eclesiástica amiga dos inimigos espanhóis e, por causa disso, era inimiga também. Kohan consigna essa crítica na citação embaixo:

... o Libertador dirá ao Peru De Lacroix: "Não consigo me lembrar sem sorrir como eles me excomungaram, juntamente com todo o meu exército". Os prelados Pey e Duquesne, que lideraram a arquidiocese de Bogotá em 3 de dezembro de 1814, afirmaram que eu estava indo para despojar a igreja, perseguir os sacerdotes, destruir a religião, violar as virgens, mutilar os homens e as crianças, tudo isso foi refutado publicamente com outro edito, no qual não me apresentava como heretic e sem Deus, como no primeiro edito, mas como bom e ortodoxo católico! Que estúpida farsa e que lição para as pessoas! Nove ou dez dias separaram esses dois edictos. O primeiro foi publicado porque entrei em Bogotá por ordem do Congresso, e o segundo porque entrei na capital como vitorioso. (Kohan, 2013, p. 131 – 132)<sup>149</sup>

O anterior evidencia não apenas uma situação injusta senão também uma vergonha, devido a que uma ferramenta tão delicada como a excomunhão era aplicada sob abuso de poder. Assim, o exemplo mencionado por Bolívar é realmente patético, porém não representativo do clero popular, como no caso de Bartolomé das Casas. E Bolívar, mesmo não acreditando em Deus, respeita a religião do povo além das diferenças com a burguesia eclesiástica.

O respeito pela convicção católica das pessoas tem a ver com a natureza democrática do Libertador. A mesma Mistral exclama que a ambição dele “se la fueron encandilando muchas cosas”, sendo um deles o fato de “el ver hacerse a Napoleón como

---

<sup>149</sup> ... el Libertador dirá a Perú De Lacroix: "Yo no puedo recordar sin sonreírme cómo me excomulgaron a mí, junto con todo mi ejército. Los prelados Pey y Duquesne, que dirigían la arquidiócesis de Bogotá el 3 de diciembre de 1814, afirmaban que yo iba a despojar a la iglesia, a perseguir a los sacerdotes, a destruir la religión, a violar a las vírgenes, a mutilar a los hombres y a los niños. Todo esto fue públicamente refutado con otro edicto, en el cual se me presentaba ya no como hereje y sin Dios, como en el primer edicto, sino como bueno y católico ortodoxo! ¡Qué estúpida farsa y qué lección para el pueblo! Nueve o diez días separaban estos dos edictos. El primero fue publicado porque yo entraba a Bogotá por orden del Congreso, y el segundo porque yo entré victorioso a la capital.

um árbol de esos que los magos ponen a crearse em unas horas.” (Mistral, 1931, p. 201) Aqui Mistral quer desvelar a verdadeira ambição de Bolívar em oposição àquela outra ambição, como a de Napoleão. Enquanto Napoleão procurava se expandir através de colonização, isto é, através do expansionismo puro, Bolívar buscava a concretização de um projeto internacionalista, de união de diversos estados através da cooperação e não da supremacia de um país sobre os outros.

Já deixando em claro por que a ambição de Bolívar não era aquela de um vitimizador senão aquela de um herói latino-americano, Gabriela Mistral diz que “en vez de contarle y medirle la ambición -con cierta manita peluda de murciélago-, mejor sería darse cuenta de cómo ella fue metal químicamente puro, o mejor una especie de agua súper filtrada en la que no se quedó bailando una arenita oscura, una hilacha de dineros, una pajita sospechosa de medro.” (Mistral, 1931, p. 201) É finalmente essa descrição de um ser ambicioso e heroico ao mesmo tempo, isto é, digno de ser admirado, a que se refere à capacidade de Bolívar de rejeitar sempre a possibilidade dele virar uma espécie de rei crioulo. O mesmo Bolívar expressa sua convicção democrática e leal com o povo a respeito em carta a Santander o dia 21 de fevereiro de 1826, ao afirmar que: “de acordo com esses senhores, ninguém pode ser grande, mas à maneira de Alexandre, César e Napoleão. Eu quero superá-los todos em desapego ... meu exemplo pode ser útil para o meu próprio país porque a moderação do primeiro chefe se espalhará entre os últimos e minha vida será seu governo ... ” (Kohan, 2013, p. 270).<sup>150</sup> Desta maneira, o projeto do Bolívar, e da mesma Gabriela Mistral, é um projeto ético-político, de uma república moral que possa descolonizar ao povo graças a união dos colonizados para lutarem pela sua libertação. Esse projeto é tanto ambicioso quanto revolucionário, mas sempre democrático.

### **3.7.3 Bolívar através de seu corpo**

No percorrer da caminhada bolivariana, Gabriela Mistral analisa a vida do Libertador por meio de aspectos tais como suas rugas, seu olhar ou sua testa. Aquilo é uma importante reflexão sobre os efeitos das vivências numa pessoa. Basicamente, o relato pode dizer muito a respeito de Bolívar, porém o corpo dele e suas partes são o

---

<sup>150</sup> “según estos señores, nadie puede ser grande, sino a la manera de Alejandro, César y Napoleón. Yo quiero superarlos a todos en desprendimiento... mi ejemplo puede servir de algo a mi patria misma pues la moderación del primer jefe cundirá entre los últimos y mi vida será su regla...”



relato vivo de como o Libertador sentiu o processo de emancipação latino-americana com suas alegrias, vitórias, decepções e derrotas. Assim, e como parte do corpo de Simón Bolívar, seu rosto é usado por Gabriela Mistral para biografá-lo ao começar dizendo que:

El rostro cuarentañero de Bolívar es y será siempre uno de los que más intriguen en la escenografía americana, cosa muy diversa de la placidez sonrosada de Washington y menos feo, pero no menos patético que el de Lincoln. No tiene más de cuarenta años, y las arrugas le hacen una reja de prisionero, y la prisión es verdadera y corresponde a la fatiga y al desengaño que por fin le han atrapado, Las arrugas lo trabajan de dentro afuera, al revés de los demás hombres maduros. A los otros les estropea la edad y a éste el corazón, su enemigo, el clavo de adentro que no se puede despuntar. (Mistral, 1931, p. 196)

A ironia mistraliana a respeito da “placidez rosada de Washington” ou a cara patética de Lincoln tem a ver com o fato deles terem sido representantes do Liberalismo, ideologia abraçada na América do Norte, principalmente nos Estados Unidos, que, embora tenha historicamente estado relacionada com a liberdade, é no fundo uma liberdade entendida desde a metonímia de um grupo de pessoas específico e elitista e outro subordinado completamente aos interesses dessa elite. É inegável o fato da escravidão muito tempo após a independência dos Estados Unidos. Além disso, detrás dos rostos de seus presidentes supostamente democráticos, estava o desejo e a prática mesma do expansionismo, tudo o contrário à Pátria Grande de Bolívar. Daí que este último fosse descrito em oposição aos presidentes norte-americanos.

Também, do jeito em que no subcapítulo anterior foi referida ambição positiva de Bolívar, Mistral deixa patente o fato dele estar preso na sua missão. É um círculo no qual ele procura a independência da América Latina dos constantes inimigos que nunca acabam. Além disso, essas rugas que proveem desde o interior dele poderiam ser interpretadas alegoricamente como uma genética da Libertação que não só desenvolve-se olhando ao futuro, senão que tem uma memória que vem de todos os heróis que lutaram pela libertação dos povos latino-americanos. Um exemplo disso poderia ser a revolução indigenista de Tupac Amaru II e a fonte de inspiração que ela foi para as sucessivas lutas pela emancipação dos povos do continente americano (Kohan, 2013).

Uma vez esclarecida essa experiência de gerações que herdaram seu legado de Bolívar, Mistral refere-se à importância do olhar de Bolívar. Desta maneira, as palavras dedicadas ao Libertador são as seguintes:

¿Quién no querría ver la mirada de Bolívar y repartírsela en este momento? Las mujeres desearíamos que nos diera la que daba a Teresa de Toro; los muchachos le pedirían la que lamió la urna en que iba el corazón de Girardot; los generales, la que tenía en lo apretado de la batalla, cuando la derrota posible endurecía los ojos o se enloquecía de dignidad; los viejos buscarían la de la meditación de Jamaica, aplacada y melancólica. Todos querríamos mirarle, pero habría de saber a quién él querría mirar... (Mistral, 1931, p. 196 – 197)

Além de mencionar duas pessoas muito importantes na vida de Bolívar – sua esposa e o jovem e leal soldado Girardot –, Mistral faz uma pergunta indireta na qual deixa claro que há um vazio a respeito de quem ele gostaria de olhar, isto é as pessoas que ele respeita no processo de libertação na América Latina. Para isso, seria preciso analisar a incompletude do projeto bolivariano, isto é, aquilo que foi um desejo para ele, mas sem o apoio para concretizá-lo. Nesse sentido, gostaríamos de citar as palavras de Kohan que mostram um povo excluído da libertação latino-americana mesmo havendo ajudado o Libertador:

Depois da Jamaica, Bolívar vai para o Haiti (já emancipado desde 1804) para pedir ajuda e se encontrar com seu presidente Alexandre Pétion. Em 1/1/1816 chega em Porto Príncipe. O exemplo do Haiti horrorizou todos os colonialistas europeus, mas também os Estados Unidos recentemente independentes, onde mais de 1.500.000 escravos negros trabalham sob escravidão. Pétion deu a Bolívar, sem condições e de forma totalmente generosa, ajuda militar, armas, navios e lutadores. O Libertador reconheceu-o sem ambigüidades, chegando a afirmar explicitamente "Pétion é o autor da nossa liberdade". (Kohan 2013, p. 151 – 152)<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> Después de Jamaica, Bolívar se dirige a Haití (ya emancipado desde 1804) a pedir ayuda y a entrevistarse con su presidente Alexandre Pétion. El 1/1/1816 llega a Puerto Príncipe. El ejemplo de Haití horrorizaba a todos los colonialistas europeos pero también a los recientemente independizados Estados Unidos, donde trabajan sometidos por la esclavitud más de 1.500.000 esclavos negros. Pétion le brindó a Bolívar, sin condiciones y de modo totalmente generoso, ayuda militar, armas, buques y combatientes. El Libertador lo reconoció sin ambigüidades, llegando a afirmar explícitamente "Pétion es el autor de nuestra libertad".

Nas palavras acima, é claro que sem considerar a luta do povo negro na emancipação latino-americana, haveria um vazio que finalmente faria impossível sequer imaginar a libertação dos indígenas, negros, mestiços e crioulos. Mas, a pergunta que fica é: por que eles, isto é, o povo haitiano, é que foram afastados do imaginário histórico da luta pela liberdade latino-americana? Antes de esclarecer esse ponto, é preciso afirmar que esta situação representa uma dentre as muitas decepções que são parte das rugas de Bolívar. O contexto é o seguinte:

Essa ajuda haitiana também teve impacto no terreno ideológico, contribuindo para radicalizar o pensamento político de Bolívar e permitindo que ele aprofundasse a luta pela independência nacional com toda uma série de demandas sociais, entre as quais a abolição da escravidão acabou por ser a principal chave. Então, a nação que tanto ajudou Bolívar não foi aceita pelos políticos da Grã Colômbia para serem convidados para o Congresso do Panamá porque preferiam não se opor a França. Francisco de Paula Santander, vice-presidente da Colômbia, disse ainda sobre o Haiti que "sendo uma república de cor, isso prejudicaria a causa americana na opinião das potências europeias". (Kohan, 2013, p. 152 – 153)<sup>152</sup>

É inegável que Bolívar considera o Haiti quanto os libertadores da América. Porém, são os aliados os que decidem finalmente excluir os haitianos do projeto emancipador. Por um lado, há uma subordinação política à França quanto perigosa potência colonizadora e que tem interesses no Haiti. Contudo, a razão política mais relevante nesta situação e que fica claro na citação acima é o racismo da elite crioula que liderou o processo revolucionário. Então, quando Mistral se interroga para quem Bolívar gostaria de olhar, ela não erra ao pensar que há um vazio nas análises brancas da biografia bolivariana. Efetivamente, Bolívar gostaria de olhar e finalmente incorporar os negros na história oficial e nas contínuas lutas, mesmo na atualidade, pela emancipação dos povos da América.

Ainda nas palavras da Mistral referidas acima, ela procura o olhar bolivariano da Carta de Jamaica. É fundamental, em nosso entendimento, entender o contexto histórico

---

<sup>152</sup> Esa ayuda haitiana también incidió en el terreno ideológico, contribuyendo a radicalizar el pensamiento político de Bolívar y permitiéndole profundizar la lucha de independencia nacional con todo un arco de demandas sociales entre las cuales la abolición de la esclavitud resultó ser la clave principal. Luego, esa nación que tanto había ayudado a Bolívar no fue aceptada por los políticos de la Gran Colombia para ser invitada al Congreso de Panamá pues preferían no enemistarse con Francia. Francisco de Paula Santander, vicepresidente de Colombia, llegó a decir sobre Haití que "siendo una república de color, traería perjuicios a la causa americana ante opinión de las potencias europeas".

da carta como ponto central para o entendimento do projeto de libertação bolivariano. Kohan ajuda-nos nessa procura ao dizer que,

Na Carta Bolívar analisa a guerra social venezuelana (desenvolvida entre 1812 e 1814) e o "papel insaciável de sangue e crimes" dos chefes de tropas espanhóis e as revoltas que os acompanharam e permitiram derrotar os patriotas. Pensando em todo o continente e na luta contra o colonialismo, comemora a luta heroica dos "Araucanos indomados e livres". Ele também lembra Moctezuma e Atahualpa, bem como a feroz repressão que todos sofreram. (Kohan, 2013, p. 148)<sup>153</sup>

Do mesmo jeito que o mencionado no começo do sub-capítulo sobre as rugas que vem de dentro até aparecerem no rosto de Bolívar numa espécie de herança genética da experiência de luta de muitas gerações no passado e que Bolívar continua, nesta Carta de Jamaica, a fazer um reconhecimento à memória histórica da luta pela emancipação dos povos americanos. Contrário às metodologias do colonialismo europeu, o da letra burguesa republicana latino-americana do período pós-colonial, Bolívar não começa do zero no seu percorrer da libertação. Ele é mais uma figura da história dos Libertadores da América. Daí que o reconhecimento de grandes referentes dos revolucionários indígenas seja necessário. Ao mesmo tempo, a lembrança da liberdade dos Araucanos, em forma de mito da origem da América, esclarece o fato dos povos serem originalmente livres e não subordinados a conquistadores. Também Bolívar luta pela libertação com fúria, ou seja, para ele a libertação implica luta e a luta deve ser levada com raiva, produto de ambas as consequências da perda de liberdade e da violência com que os colonizadores usaram para apagar a emancipação dos povos da América Latina. É precisamente esse olhar refletivo o referido por Gabriela Mistral.

Porém, referir-se à luta pela libertação bolivariana como uma revolução desarrumada seria injusto. Nesse sentido, é preciso mostrar em que ela consiste:

Muito antes de o termo "globalização" se tornar moda e quando Marx, Lenin ou Che Guevara - defensores do internacionalismo contemporâneo - ainda não nasceram, Simón Bolívar pensa em uma

---

<sup>153</sup> En la Carta Bolívar analiza la guerra social venezolana (desarrollada entre 1812 y 1814) y el papel "insaciable de sangre y crímenes" de los jefes españoles de tropas y las revueltas que los acompañaron y les permitieron vencer a los patriotas. Pensando en todo el continente y su combate contra el colonialismo, rememora la lucha heroica de "los indómitos y libres araucanos". También recuerda a Moctezuma y a Atahualpa, así como la feroz represión que todos ellos sufrieron.

luta emancipadora de alcance internacional e encorajamento. Olhando para o mundo como um todo, o Libertador se opõe a todo o domínio colonial e às manobras dos grandes poderes europeus e norte-americanos. Contra eles, ele promove o que ele chama de "equilíbrio do mundo", uma perspectiva multipolar da geopolítica internacional. Na Carta da Jamaica, Bolívar condensa seu olhar estratégico anti-imperialista na Grande Pátria entendido como "uma grande nação" e "a maior nação do mundo", na qual pode haver "um único governo para confederar os diferentes estados". (Kohan, 2013, p. 149)<sup>154</sup>

Assim, a revolução bolivariana não era simplesmente uma revolução pela independência de tipo anárquica para pensarmos o que acontecerá após a revolução. Ela tem uma clara estratégia de governo a priori. Esse governo inclui a América Latina como um todo, como uma "Pátria Grande", com um governo central e muitos estados autônomos que, através da colaboração entre eles, podem dar estabilidade a um continente ao mesmo tempo que protegê-lo tanto da colonização europeia quanto do expansionismo norte-americano. Daí que Bolívar seja pioneiro em aspectos tais como o internacionalismo e a "perspectiva multipolar da geopolítica internacional".

Logo, Mistral faz referência à testa de Bolívar e às experiências que essa testa deve ter recebido na vida do Libertador. Ela, dando características auditivas a uma testa, algo entre uma personificação, sinestesia e um oximoro, expressa que "ha oído tristes cosas esta frente de Bolívar; le han contestado las miserias que sabemos sobre Páez sobre la lealtad." (Mistral, 1931, p. 197). Páez, um soldado que alguma vez combateu ao lado de Bolívar depois se afasta do lado dele ao não compartilhar o projeto geopolítico latino-americano do Libertador. Então, Mistral continua explicando as tristes experiências que lhe expressa a testa de Bolívar ao dizer que,

Esta frente se pone a mirar la tierra de Sudamérica para ver si la han dividido, y allí ella está, todavía hecha provincias, con su poltrón mestizo dueño de la cosecha india; se echa atrás la frente para mirar lejos, y lo que ven son las fronteras que él no quiso y que cada día se cuajan y se enderezan más; a veces, esta frente con ojos intrusos se

---

<sup>154</sup> Mucho antes de que se pusiera de moda el término "globalización" y cuando Marx, Lenin, o el Che Guevara -propulsores del internacionalismo contemporáneo- aún no habían nacido, Simón Bolívar piensa en una lucha emancipatoria de alcance y aliento internacional. Mirando el mundo en su conjunto, el Libertador se opone a toda dominación colonial y a las maniobras de las grandes potencias europeas y norteamericana. Contra ellas promueve lo que denomina "el equilibrio del mundo", una perspectiva multipolar de la geopolítica internacional. En la Carta de Jamaica Bolívar condensa su mirada estratégica antiimperialista sobre la Patria Grande entendida como "una sola gran nación" y "la más grande nación del mundo", en la cual pueda haber "un solo gobierno que confederase los diferentes estados".

nos cae encima de nosotros a ver lo que somos, y nos halla celosos como Páez, traicioneros como el negro malo de Jamaica, y sobre todo, lacios del trópico que a él no lo descoyuntó nunca. (Mistral, 1931, p. 197)

A respeito das traições, Gabriela Mistral demonstra aparente raiva contra Páez<sup>155</sup> mais uma vez e contra os jamaicanos. Sobre o primeiro, o historiador Kohan, especialista nos processos revolucionários latino-americanos, entrega alguns detalhes:

Em frente a um inimigo, Bolívar pede a ajuda de Páez, mas ele responde com evasão. Ele era muito corajoso, mas sua perspectiva era limitada. Bolívar então teve que enfrentar Morillo sem contar com Páez. Como recorda Juvenal Herrera Torres, a deserção de Páez interrompeu os planos e desejos do Libertador. Monagas e Zaraza foram derrotados por Morales e não havia outra alternativa para os republicanos do que fugir para a planície profunda. No meio da chuva e do relâmpago, os patriotas tomaram a estrada áspera que leva o nome de Cuesta de la Muerte para organizar o retiro. (Kohan, 2013, p. 178)<sup>156</sup>

Aquilo levou o exército republicano finalmente a sua aniquilação nas mãos dos soldados espanhóis liderados por Morillo. Daí que a traição de Páez seja tão triste e decepcionante na libertação bolivariana na América Latina. O projeto reativo de Páez, o qual consistia em defender sua própria localidade sem pensar no sentido global da emancipação dos povos latino-americanos, desde uma perspectiva egoísta e de tipo nacionalista, é algo que claramente Mistral, outra profunda latino-americanista não consegue lhe perdoar. No caso da traição de Jamaica, acontece que quando ele esteve lá, é mal recebido e vive em completa miséria. Ele fica sem dinheiro para pagar o aluguel e

---

<sup>155</sup> Páez, representante dos defensores independentistas mais humildes, ajuda Bolívar em muitas batalhas tais como a “Las Queseras del Medio” e de Caraobo. Bolívar até o condecora com a “Ordem dos Libertadores”. Todavia, “a nível político, Páez muitas vezes privilegiou suas brigas e interesses domésticos e locais, sem poder ver o panorama continental e os planos estratégicos do Libertador”. (Kohan, 2013, p. 175)

<sup>156</sup> Frente a un avance enemigo Bolívar solicita la ayuda de Páez, pero este contesta con evasivas. Era muy valiente pero su perspectiva era limitada. A Bolívar le tocó entonces enfrentar a Morillo sin contar con Páez. Como recuerda Juvenal Herrera Torres, la defección de Páez había desbaratado los planes y deseos del Libertador. Monagas y Zaraza habían sido derrotados por Morales y no quedaba otra alternativa a los republicanos que huir nuevamente hacia el llano profundo. En medio de la lluvia y los relámpagos, los patriotas tomaron la vía escabrosa que lleva por nombre Cuesta de la Muerte para organizar la retirada.

até deve fugir de uma tentativa de assassinato contra ele (Kohan, 2013). Porém, nesse lugar escreve a Carta Fundamental de seus princípios libertadores.

Na citação acima, Gabriela Mistral diz que a Grande Pátria ainda está pendente porque ainda existe divisão entre os povos que pertencem à América Latina. Nesse sentido seria interessante revisar que, embora o projeto da Pátria Grande enquanto tal se estabelece na Carta de Jamaica, a reflexão em torno à divisão dos povos acontece na Carta de Cartagena. A respeito, Kohan afirma:

... Bolívar coloca o sistema federal sob discussão argumentando que, no início de uma nova república, uma centralização política se torna necessária. (...) O principal corolário teórico do Manifesto de Cartagena afirma que, "mas o que mais enfraqueceu o governo venezuelano foi a forma federal adotada [...] Nossa divisão e não as armas espanholas nos trouxeram de volta à escravidão. " A partir de então e ao longo de sua vida, ele será um adepto tenaz da unidade popular, como o núcleo de aço de uma força de combate emancipadora. (Kohan, 2013, p. 124)<sup>157</sup>

Na reflexão acima, fica evidente que divisão e emancipação não são sinônimos e que o estabelecimento de um governo de tipo de federal nas nações latino-americanas é um projeto contrarrevolucionário. Todavia, a divisão é permanente do mesmo jeito em que as lutas devem ser permanentes enquanto a emancipação não aconteça em sua totalidade. Mistral fala a respeito disso ao fazer um chamado a nós para que,

Hagámosle criatura cotidiana mejor que nombre de aniversario, vivámosle en la permanencia y no sólo en las lentas puntadas de los centenarios.

Vivámosle en la continuidad como se vive una ley; pongámonos a tenerlo por paisaje nuestro, hasta que nos corra la sangre hecho la masa de nuestra sangre. (Mistral, 1931, p. 199)

Do mesmo jeito que é melhor considerar Bolívar um herói a um santo, é melhor fazer sua revolução diária. O preço da revolução é o sangue, em duplo sentido, como

---

<sup>157</sup> ... Bolívar pone en discusión el sistema federal alegando que en los inicios de una nueva república se torna necesaria una centralización política. (...) El principal corolario teórico del Manifiesto de Cartagena afirma que "Pero lo que más debilitó más al gobierno de Venezuela fue la forma federal que adoptó [...] Nuestra división y no las armas españolas nos tornó a la esclavitud." De allí en más y durante toda su vida, será un tenaz partidario de la unidad popular, como núcleo de acero de una fuerza combatiente emancipadora.

paixão e como resultado da luta pela libertação. Mistral sabia claramente a diferença entre a libertação de Bolívar e o liberalismo do Norte. Para evitar gerar confusões que possam nos afastar do caminho bolivariano, o texto embaixo não deixa dúvida nenhuma:

(Simón Bolívar) defendeu a democracia e "o sagrado dogma da igualdade" criticando os liberais. Disseram: "Tais são os nossos liberais: cruéis, sanguinários, frenéticos, intolerantes e cobrindo seus crimes com a palavra liberdade, eles não têm medo de profanar".

O projeto libertário de Simón Bolívar é profundamente diferente do liberalismo (...) diz: "Existe uma maneira melhor de alcançar a liberdade do que lutar por isso?". Não reduz mecanicamente a liberdade ou os procedimentos formais das repúblicas elitistas, oligárquicas e antipopulares ou a carta morta da lei escrita, como um exército de advogados, juristas e advogados tem feito em nosso continente. Por isso, ele escreve: "Eu tenho um milhar de vezes mais fé no povo do que em seus deputados". (Kohan, 2013, p. 165)<sup>158</sup>

Mistral sabia que a libertação bolivariana era uma revolução pela verdadeira liberdade de povos subordinados à colonização europeia e que o liberalismo norte-americano era uma falsa promessa de liberdade com o resultado de uma neocolonização produto de expansionismo e, como consequência, com a subordinação dos latino-americanos mais uma vez. Neste sentido, Mistral não erra ao falar e confirmar as palavras de Bolívar de que a guerra garante a liberdade. Daí que o sangue seja o símbolo da luta pela libertação e emancipação de Bolívar. Gabriela Mistral está ciente disso e não teme segui-la e fazer um chamado a outros a serem parte dessa luta também.

### 3.7.4 A Língua de José Martí na visão de Gabriela Mistral

---

<sup>158</sup> (Simón Bolívar) defendió la democracia y "el santo dogma de la igualdad" criticando a los liberales. De ellos llegó a decir que: "Tales son nuestros liberales: cruéis, sanguinarios, frenéticos, intolerantes y cubriendo sus crímenes con la palabra libertad que no temen profanar".

El proyecto libertario de Simón Bolívar resulta profundamente distinto del liberalismo (...) afirma "¿Hay mejor medio de alcanzar la libertad que luchar por ella?". No reduce mecánicamente la libertad ni a los procedimientos formales de repúblicas elitistas, oligárquicas y antipopulares ni a la letra muerta de la ley escrita, como habitualmente han hecho en nuestro continente un ejército de abogados, juristas y leguleyos. De allí que escriba "Tengo mil veces más fe en el pueblo que en sus diputados".



A década de 1930 é um importante período na vida de Gabriela Mistral porque ela se afasta completamente de uma concepção nacionalista, da qual ela já tinha começado a se afastar em 1922, ano em que é convidada por Jose Vasconcelos para contribuir na educação de mulheres e indígenas no contexto do México pós-revolução. Assim, esses primeiros e significativos contatos com o mundo exterior na década de 1920 vêm a sua consolidação após 1930 já com uma identificação com os povos latino-americanos conjuntamente. Desta maneira, a ideia de país como origem é ultrapassada e uma nova ideia da América Latina quanto origem conjunto dos povos que a habitam é abraçada por Gabriela Mistral.

O anterior não pode ser entendido sem o entendimento de uma cultura comum junto com uma história compartilhada pelos povos que compõem a América Latina. Isto, por uma parte, terá a ver com o legado histórico e antropológico dos povos originários, o qual será manifestado pela escritora na sua criação poética, particularmente na sua obra magna *Tala*, livro publicado em 1938. Por outra parte, sua prosa política defende a postura de uma América Latina produto da mestiçagem entre colonizadores e povos aborígenes. Aquilo está em consonância com a nossa postura de uma Gabriela Mistral que está em constante intersubjetividade com o mundo que a rodeia e que acredita em uma hibridação tanto racial quanto cultural dos povos latino-americanos.<sup>159</sup>

A maior preocupação de Gabriela Mistral era a defesa do povo, dos excluídos da opressão social e política, daí que que a superação da República seja precisa e a incorporação da união dos povos da América Latina tenha relação, ao mesmo tempo, com a liberdade deles. Assim, e voltando à consideração do histórico latino-americano, Mistral identifica-se com dois grandes referentes da história da libertação hispano-americana, Simón Bolívar e José Martí.

Gabriela Mistral refere-se a José Martí e a contribuição dele para o reconhecimento de uma cultura própria, livre das ataduras provenientes da Europa, isto é, dos colonizadores; uma cultura autêntica latino-americana. Também, essa cultura será livre de novos processos colonizadores no período pós-colonial, como aquele de uma letra erudita da burguesia em contraste às escritas populares. Assim, a coalisão entre escrita e política, fundamental na vida de Mistral, é o que faz ela referir-se ao legado de

---

<sup>159</sup> Isto fará ela ir contra a dicotomia entre a letra da burguesia e a escrita do povo assim que apresentado por Cecilia Sánchez (2013) e explicado no segundo capítulo deste trabalho.

José Martí nos próprios processos escriturais e políticos dela, o da superação da letra republicana e burguesa para defender a escrita do povo como também o fato de fazer política continuamente, de irromper no espaço público nacional, latino-americano e internacional através dessa escrita democrática.

Graças a essa reflexão sobre José Martí, o qual inclui os processos de liberdade e descolonização, a escritora pode atualizar à origem da descolonização latino-americano, representada na figura de Simón Bolívar. Daí que Mistral faz menção da tradição e a origem comum latino-americano quanto tradição e origem hispano-americano. Esta será a tônica de seu discurso político na década de 1930, a de encontrar sua identidade latino-americana fazendo referência à história recente do século anterior, com o objetivo de se encontrar a si mesma após seu autoexílio forçado do Chile republicano.<sup>160</sup>

A ordem dos maiores referentes na cena latino-americana e a necessidade de trazer tanto Martí quanto Bolívar na memória contínua dos povos americanos é por ela assim referida:

En estas asomadas al hecho americano, cuando advierto torpezas para las realizaciones, cojeadura de la capacidad, yo me traigo de lejos a nuestro Bolívar, para que apunte la confianza en nuestra inteligencia, y de menor distancia en el tiempo, yo me traigo a nuestro José Martí para que me lave con su lejía blanca, de leche fuerte, las borronaduras de nuestra gente, su impureza larga persistente. (Mistral, p. 82)

Assim, a memória latino-americana é composta de uma série de sucessos interrelacionados, dos quais é preciso trazer à memória coletiva as lembranças mais próximas para logo ir à origem dela. Desta maneira, a compreensão do legado Martíniano ajuda-nos a compreender o legado da libertação e descolonização latino-americana de Simón Bolívar.

Baseado no anterior, a nossa preocupação na escrita mistraliana sobre Martí centra-se num artigo específico dela, o qual é o registro escrito de uma conferência que ela deu na Instituição Hispano-Cubana da Cultura, na Cuba, o dia 28 de julho de 1934. Na linha da cultura autônoma latino-americana, Mistral começa seu discurso com a ênfase da origem dessa cultura, agora com uma ênfase particular no caso da escrita

---

<sup>160</sup> Ela, após continuas más experiências em diferentes cidades ao longo do Chile, nas quais ela sofre discriminação, procura o seu destino fora do seu país natal.

político-literária. Ela até refere-se ao Martí como um Adão. Ela disse que “el Adán Literario, brotado de la tierra en un copo de barro fermentado sobre el que nadie ha puesto la mano, es paradoja pura. Sin embargo, el concepto sirve para marcar bien este otro punto: cierta originalidad mantenida, sostenida debajo del peso enorme de una cultura literaria, resulta admirablemente heroica.” (Mistral, 1934, p. 65)

Essa origem quase mitológica que ela atribui a Martí tem a ver com a origem que ela pretende encontrar na tradição da escrita dos povos latino-americanos. Daí que Mistral possa afirmar que Martí, contrariamente aos burgueses da letra republicana das nações da América Latina que eram uma cópia dos colonizadores espanhóis, seja um Adão, isto é, único e, que, a partir dele, tenha lugar o começo da tradição hispano-americana. A respeito de José Martí, Mistral afirma que “la primera, la segunda y la última impresión de la lectura de Martí, golpean con la originalidad antes que con cualquier otra cosa. Martí es de veras una voz autónoma...” (Mistral, 1934, p. 65)

Contudo, Mistral não relativiza a origem, isto é, a fonte de originalidade martiniana como uma qualidade latino-americana ou hispano-americana em termos gerais. Ela estabelece um ponto de partida para a nova tradição livre da escrita no Caribe. Ela reconhece a Cuba-mãe como a terra da originalidade, como a causa principal da nova escrita. Assim como a Europa estabelece seu centro para o entendimento da geografia mundial, Mistral diz que é a geografia caribenha o centro da origem, da originalidade de uma escrita que descoloniza a tradição republicana da exclusão entre burguesia e o povo. Ela até afirma isto em termos essencialistas. Expressa que: “Parece que la originalidad esencial de Martí sea un caso de vitalidad en general y luego de vitalidad tropical.” (Mistral, 1934, p. 66). Desta maneira, ela reconhece a vitalidade como uma característica geral no mundo, todavia ela afirma que essa vitalidade particular da escrita martiniana é essencialmente tropical.

Porém, a complexidade da originalidade, da origem, nada tem a ver com uma origem tipo Big Bang, senão com uma origem de uma tradição que considera a existência de tradições anteriores. Isto é, antes da América mestiça existia uma dicotomia entre colonizadores espanhóis e povos indígenas. Este tinha uma tradição oral, própria da mitologia americana – do continente, enquanto os colonizadores espanhóis tinham uma tradição baseada na escritura.

Eles, portanto, tinham uma tradição forte e antiga na literatura. Isto é reconhecido pela autora, que, além disso, também reconhece que Martí tinha uma forte

educação que provinha dessa tradição espanhola. E é precisamente a respeito deste último que ela pode asseverar uma originalidade em Martí. Neste contexto, é preciso citar as próprias palavras de Mistral:

Martí es muy vital y su robustez es la causa de su independencia. Mascó y comió del tuétano de buey de los clásicos; nadie puede decirle lo que a otros modernos que se quedase sin este alimento formador de la entraña; conoció griegos y romanos. Cumplió también su obligación con los clásicos próximos, es decir, con los españoles, y fue el buen lector que pasa por los setenta rodillos de la colección Rivadeneira sin saltarse ninguno, sólo que pasa entero, sin ser molido y vuelto papilla por ellos. Guardó a España la verdadera lealtad que le debemos, la de la lengua, y ahora que los ojos españoles peninsulares pueden mirar a un antillano sin tener atravesada la pajuela de la independencia, desde Madrid le dirán leal a este insurrecto, porque conservó una fidelidad más difícil de cumplir que la de la política, y que es ésta de la expresión. (Mistral, 1934, p. 66)

Apesar de Martí ter sido fiel à língua espanhola, fonte principal da tradição letrada espanhola herdada pelos hispano-americanos, ele se rebela ante a exposição e consegue criar uma escrita nova, original, e consegue, de certo modo, iniciar uma tradição da fala espanhola do continente americano, isto é, o modernismo. Essa é claramente uma postura não só de criação puramente literária desde a criatividade; é uma questão de postura eminentemente política.

Todavia, o interessante é a aporia do leal insurgente, oxímoro de uma complexa postura política que, mesmo reconhecendo a língua uma mãe, não faz o mesmo quando o pai é o império espanhol. Ser leal à língua, mas insurgente na política, isto é, na descolonização mesma, armada, evidencia na prática da língua uma política também. Uma política da mestiçagem latino-americana com a qual Martí dialoga porque ela representa a sua própria tradição calada a qual, desde a prática de uma escrita pioneira, impõe-se desde a originalidade.

Na mesma linha do paradoxo no sintagma lealdade/insurgência em Martí, Cecilia Sánchez expressa que:

... será relevante para a apreciação de Mistral a lealdade paradoxal ao pai de Martí (refere-se à língua espanhola), embora, esclarece, sua lealdade é a de um insurgente, cujo trabalho cumpre comissões que vêm de sua temporalidade.

Em um comentário fervoroso, Mistral também expressa a mesma hostilidade com a imitação professada por Martí e vem identificar essa atitude com uma marca latino-americana que devemos à nossa

extrema receptividade atmosférica. Por outro lado, a originalidade equivaleria a recuperar a dignidade, ao gesto de um escritor sem empréstimo. (Sánchez, 2008, p. 18)<sup>161</sup>

Nas palavras acima, há questões interessantes a serem referidas. Sánchez adiciona o termo pai no oximoro Martiniano, porém Mistral não se refere à Espanha quanto pai. Na verdade, poderia haver um duplo significado da Espanha, de pai e de mãe. No caso da língua, a significante associado a ela é a de uma mãe, com a qual Martí guarda lealdade. Mas, no caso da Espanha quanto império, a relação é a de um filho – América Latina – com seu pai – Império Espanhol – e nesse caso há uma relação entre um insurgente, Martí, e os espanhóis como colonizadores da América Latina. No mesmo caso, essas missões a serem cumpridas, que vêm da temporalidade do escritor, tem a ver com o processo de libertação dos colonizadores, isto é, da luta pela independência da Cuba, em consonância com o processo descolonizador antes iniciado por Simón Bolívar e outros.

A respeito da imitação, tanto Martí quanto Mistral rebelam-se à tradição da burguesia republicana nos emergentes processos pós-coloniais latino-americanos na qual há uma imposição de uma letra da qual só podem fazer uso as classes sociais altas das repúblicas, tradição letrada que responde a uma imitação da tradição letrada espanhola e que considera a América Latina como um povo sem história que deve apenas adotar uma colonização agora já não militar senão cultural. Nesse aspecto, Martí é fundamental devido a que sua rejeição de tais práticas imitativas, além de ser uma resposta de tipo “atmosférica”, isto é, tropical, como anteriormente mencionado aqui, tem uma contra-resposta desde a originalidade de uma escritura que resgata a tradição mestiça latino-americana, a da originalidade, a do modernismo latino-americano. Assim, os povos colonizados, ao serem completamente descolonizados, livres, poderiam recuperar a dignidade deles.

---

<sup>161</sup> ... será relevante para la apreciación de Mistral la paradójica lealtad al padre de Martí (se refiere a la lengua española), pese a que, según aclara, su lealtad es la de un insurrecto, cuya obra cumple encargos que vienen de su temporalidad.

En fervoroso comentario, Mistral también expresa la misma hostilidad a la imitación profesada por Martí y llega a identificar esta actitud con una marca de Latinoamérica que deberíamos a nuestra extrema receptividad atmosférica. En cambio, la originalidad equivaldría a recuperar una dignidad, a un gesto de escritor sin préstamo.

Apesar do anteriormente mencionado, Gabriela Mistral afirma que o insumo cultural da originalidade uma nova tradição escritural na América Latina pós-colonial vai além da Espanha. Desta maneira, ela diz que, “pero, más detenido que en clásicos enteros y semi-clásicos se le ve en los escritos modernos de Francia y de Inglaterra, cosa muy natural en un hombre que tenía su presente y que vivió registrándolo día a día. Esta dominación de los modernos sobre él, parece venirle de la simpatía de las ideas más que del apego de la forma como en el caso de Rubén.” (Mistral, 1934, p. 66) Aqui há duas coisas a serem explicadas; a primeira delas é que na realidade o modernismo latino-americano, desde o ponto de vista da literatura, tem uma forte influência – sem ser confundida com imitação – desde principalmente a França. Para aquilo ser compreendido é preciso citar em extenso as palavras de Cecilia Sánchez:

Deve-se notar que a insistente reivindicação da originalidade do modernismo latino-americano pode ser incompreensível se o contexto em que foi formulado for ignorado. Curiosamente, o seu centro foi na Europa do século XIX, especialmente na França, um lugar cuja forma de produção econômica permite compreender o desajuste do artista em relação às exigências cruéis do utilitarismo industrial e do materialismo científico. Na França, a fusão entre arte e ciência foi invocada para se distanciar do romantismo e das utopias sociais. Esta tendência foi agrupada sob o nome de "Parnassians", cujo nome derivou da revista *Le Parnasse Contemporaine* (1866-1876) e queria ser reconhecido sob o slogan da "arte pela arte". Entre os mais renomados pode-se chamar Paul Verlaine e Stéphane Mallarmé, que - junto com Paul Valéry - logo depois os enviaram ao estilo de simbolismo que busca as representações novas, estranhas e não naturais que vêm de um eu espontâneo e misterioso. Por sua parte, Charles Baudelaire é conhecido por seu jogo de sinestesia sensorial que permite o vínculo analógico de todos os seres como forma de entender o mundo. (Sánchez, 2008, p. 10 – 20)<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> Cabe apreciar que el insistente reclamo de originalidad del modernismo latinoamericano puede resultar incomprensible si se prescinde del contexto en el que se lo formuló. Curiosamente, su centro estaba en la Europa decimonónica, especialmente en Francia, lugar cuya forma de producción económica posibilita la comprensión de la inadaptación del artista respecto de las crueles exigencias del utilitarismo industrial y del materialismo científico. En Francia se invocó la fusión entre arte y ciencia para tomar distancia del romanticismo y de las utopías sociales. Esta tendencia se agrupó bajo la denominación de "parnasianos", cuyo nombre derivó de la revista *Le Parnasse Contemporaine* (1866-1876) y quiso hacerse reconocer bajo el eslogan del "el arte por el arte". Entre los más reconocidos puede nombrarse a Paul Verlaine y Stéphane Mallarmé, a quienes -junto con Paul Valéry- se los consigné poco después en el estilo del simbolismo que busca lo nuevo, lo extraño y lo antinatural de las representaciones que provienen de un yo espontáneo y misterioso. Por su parte, Charles Baudelaire se hace conocer por su juego de las sinestesias sensoriales que posibilitan el enlace analógico de todos los seres como forma de comprensión del mundo.

Assim, com o entendimento de que o modernismo latino-americano é com certeza influenciado pelas respostas principalmente francesas, próprias das exigências políticas de seu tempo, o necessário é esclarecer como funciona essa originalidade, própria das exigências descolonizadoras e de liberdade próprias do tempo latino-americano do século XIX e da dignidade que os povos da América precisavam. A originalidade, contrário a um suposto sem história, é, na verdade, a inovação de uma realidade existente, isto é, a da realidade europeia, com seus conflitos de interesses e políticos também, e da realidade latino-americana, a de uma tradição oral dos povos sem voz. Essa originalidade não se centra apenas nos excluídos senão na relação dialogante entre os sem voz e os opressores devido a que no contexto da realidade no continente Americano muitos dos sem voz provem dos colonizadores, do mesmo jeito que eles (as) provem dos povos pré-colombianos da América, e muitos dos representantes dos colonizadores, isto é, da burguesia americana, também provem da mistura racial entre colonizadores e colonizados. É essa realidade antes calada que aparece na escrita original, digna, reivindicadora dos povos latinos e americanos de José Martí. Ao mesmo tempo, resulta necessário estabelecer o nexos entre Edgar Allan Poe e Baudelaire, no qual este último é influenciado pela literatura dos detalhes do primeiro.<sup>163</sup> E especificamente esse insumo literário e político que cobra valor para os modernistas hispano-americanos, o de romper com a totalidade da letra e subverter essa letra burguesa, tirana e discriminatória das Repúblicas em tanto novos processos colonizadores ou neocolonizadores através de uma escrita, já não mais totalizadora, senão subjetiva e intersubjetiva, cujas mudanças pertencem aos encargos, como diria Mistral, de seu tempo, isto é, do próprio cronotopo em que elas acontecem.

Além do já expressado, gostaríamos de, no fato que é impossível afastarmos da junção entre literatura e política tanto no caso de Martí quanto no da Mistral, assinalar qual é o aspecto mais relevante da originalidade da escrita martiniana. A respeito disso, Gabriela Mistral o confirma ao dizer que,

Comencemos con el tono. Los escritores de estilo original no siempre son muy diferenciados de tono; pero los escritores más finos y los verdaderamente personales, son siempre escritores de un acento particular. En la literatura española, por ejemplo, Calderón tiene un

---

<sup>163</sup> Contribuição do Doutor professor Mauricio Matos na cátedra da disciplina Tópicos Especiais em Literatura Ibero-Americana no programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras e Artes da Universidade do Estado de Amazonas, período compreendido no primeiro semestre do 2016.

estilo, pero Santa Teresa tiene un tono; en la francesa, Montaigne tiene mucho más dejo que Racine. Nuestro Martí aparece a primera vista con un cuerpo entero de estilo, pero lo más gustoso de sentirle y saborearle es el tono. (Mistral, 1934, p. 67)

É significativa a reflexão de Mistral sobre a importância do tom, porque ele é mais pessoal que o estilo, no sentido do primeiro estar mais perto das ideias do homem. O estilo, por sua vez, está imbricado com formas puramente linguísticas. O tom vai além das formas linguísticas porque as ideias precisam ser comunicadas ao outro. Assim, nesse diálogo Martí e mundo, no qual o primeiro, a respeito do segundo, tenta dialogar com esse mundo a respeito das ideias que o mundo latino-americano precisava para ele se libertar dos opressores, é que Mistral qualifica a Martí como um “orador nato” (1934, p. 67). Porém, mesmo alabando as qualidades martinianas do tom, Mistral tem reparos com a tradição da oratória. Nesse sentido ela manifesta o seguinte:

Se me ocurre que el escritor honrado debe detestar sus discursos viendo claro en ellos esta fabricación del convencimiento, esta máquina montada con piezas de mentira de la que debe usar para convencer... de su verdad. Me parece la oratoria en los mejores, de un costado, una forma didáctica, de otro una especie de desfogamiento de cierto lirismo incapaz de la estrofa, en buenas cuentas, una profesión de propaganda enseñadora y una volcadura cómoda del fuego. Los dos aspectos tuvo en Martí: él incitaba con ella y él se aliviaba la superabundancia del alma. (Mistral, 1934, p. 68)

Dáí que, embora a escrita de Martí tenha muito de estilo, o mais importante nele era o tom, devido a que ele precisava convencer aos seus leitores. Nesse tom, o da oratória, há duas questões a serem analisadas. A primeira delas é a sua contraposição com o estilo. No modernismo hispano-americano, Martí é o dono do tom original e pessoal, enquanto Darío é o possuidor do estilo original. Nessa dicotomia entre tom e estilo no modernismo hispano-americano, Mistral afirma o seguinte:

Antes de Rubén Darío, él se había puesto a la invención de vocablos y Darío le reconocía este mayorazgo. Me gustan más los vocablos nuevos que nos vienen de la mano de Martí que la inundación que nos llega con Rubén Darío. Todos sabemos, y se puede decir esto sin ninguna mengua para el nicaragüense, que éste llevó bastante lejos su voluntad de exotismo y que en su faena de hacer palabras había tanto de necesidad de palabra fina, como cierto gusto burlón de jugar a la osadía, y de espantar al burgués su enemigo. Martí crea sus derivados como los hiciese un lingüista profesional, guardando todo respeto a la tradición en las terminaciones, e inventa siempre por necesidad



verdadera, por este ímpetu de expresivismo del que hemos hablado.  
(Mistral, p. 72)

Embora ambos tenham sido influenciados pelo insumo cultural francês, Mistral estabelece as diferenças entre tom e estilo em um e outro, além das diferenças linguísticas, em termos da fidelidade que Martí tem com a língua espanhola e suas regras, isto é, com uma tradição, e desde aí inova e cria uma tradição hispano-americana. No caso de Darío, ele tem um estilo que irrompe na cena da língua e a corrompe, a desafia completamente, embora tomando essa mesma tradição, mas sem respeitar as regras em que ela funcionava.

A outra questão tem a ver com essa tradição de oradores a que Martí pertence e que tem um histórico ruim. Do mesmo jeito em que Martí tinha fidelidade à língua espanhola e suas regras, ele era fiel às regras da tradição da oratória. Mistral o diz ao falar que,

Anotemos en Martí el que siendo un orador tan entrañablemente original, y tan honesto dentro de su gremio de fraudulentos, no se aparta de las líneas obligatorias del género. Si repasamos en un texto de retórica las condiciones de la arenga, vemos que él cumple con todas, en lo cual volvemos a sentirle su condición de clásico acatador si no de reglas, de una tradición. (Mistral, 1934, p. 68)

Gabriela Mistral resgata essa fidelidade à tradição tanto da língua espanhola, de suas regras e da oratória que Martí guarda, além da significação ruim que essa tradição contém. Assim, o paradoxo de Mistral ter admiração por um escritor cuja originalidade reivindica a dignidade dos povos da América Latina, mas ao mesmo tempo é parte de uma rede de mentirosos, é explicado nestas palavras:

El secreto de Martí orador consiste tal vez en que manejando un género de virtudes falsas él lo sirve con virtudes verdaderas. Mientras el orador corriente simula la fogosidad y gesticula con llamitas pintadas, él está ardiendo de veras; mientras el arengador de todas partes sube la cuesta del período largo por una especie de hazaña de gimnasta, para hincar al final la pica de una buena conclusión; él trepa el período temblando... (Mistral, 1934, p. 68)

O interessante, tanto em Martí quanto em Mistral, é a honestidade de seus discursos. A primeira Prêmio Nobel de Literatura na América Latina reconhece em

Martí o uso de um sistema usado para criar mentiras com o objetivo de criar verdades, de falar a verdade, e de convencer a outros não a serem fieis de mentiras, senão a se unirem a uma verdade que os iria levar à independência de seus povos. Há uma ressignificação da tradição e daí que a originalidade de Martí finalmente leve à dignidade dos excluídos. É uma postura ético-política a que Martí abraça e que Mistral reconhece ao mesmo tempo que a segue. Nesta perspectiva, é fundamental a análise a respeito do expressado feito por Liliana Giorgis:

Os discursos políticos que Martí pronuncia como parte de sua luta pela independência de Cuba, resumem uma forma de pensar em que convergem o conhecimento da realidade histórica dos povos da nossa América, os ideais éticos em que a ruptura de as formas de governo colonial e imperial e a utopia que orienta o seu ideal para a conformação de uma "República moral e futura". Uma República que, como o próprio Martí entende, transcende os limites geográficos de sua Ilha. Pois, esse ideal atinge um senso de universalidade na medida em que abrange não apenas o destino continental da América Latina, mas também o de toda a humanidade. Suas críticas são contra os interesses egoístas e contra os múltiplos mecanismos de exploração que sujeitam os povos e eliminam o direito deles de serem livres. (Giorgis, 2008, p. 171)<sup>164</sup>

A postura de José Martí e Mistral contra a neocolonização da Letra nos sistemas republicanos pós-coloniais não significava, de jeito nenhum, a eliminação das Repúblicas, mas de uma ressignificação do que a República devia ser na América Latina para os povos se libertarem completamente. Neste sentido, embora o processo tenha sido cubano no caso de Martí, em consonância com o processo colonizador antes começado por Bolívar, de San Martín, etc., a dignidade dos povos não era privativa da Cuba, nem da América Latina hispano-americana senão que era preciso que ela acontecesse no mundo inteiro. O nascimento da escritura democrática, contra o sistema letrado burguês, o que em termos simbólicos significava a derrocada da burguesia do controle da República, implica uma nova República, a do futuro, a do horizonte a ser

---

<sup>164</sup> Los discursos políticos que pronuncia Martí como parte de su lucha por la independencia de Cuba, resumen una forma de pensar en la que convergen el conocimiento de la realidad histórica de los pueblos de nuestra América, los ideales éticos sobre los cuales cobra sentido la ruptura de las formas tanto coloniales como imperiales de gobierno y la utopía que orienta su ideal hacia la conformación de una "República moral y futura". Una República que, tal como el mismo Martí lo entiende, traspasa los límites geográficos de su Isla. Pues, este ideal alcanza un sentido de universalidad en cuanto abraza no sólo el destino continental de la América Latina sino, también, el de toda la humanidad. Sus críticas son contra los intereses egoístas y contra los múltiples mecanismos de explotación que someten a los pueblos y les quitan su derecho a ser libres.

alcançado, de uma República moral que fosse controlada pela igualdade dos cidadãos que a constituíam.

Para entendermos essa sinceridade ético-política na escrita que Mistral atribui a Martí, precisamos ler as próprias palavras de Martí a respeito da República pós-colonial:

La República niega el derecho de conquista. Derecho de conquista hizo a Cuba de España.

La República condena a los que oprimen. Derecho de opresión y explotación vergonzosa y de persecución encarnizada ha usado España perpetuamente sobre Cuba.

La República no puede, pues, retener lo que le fue adquirido por un derecho que ella niega, y conservado por una serie de violaciones de derecho que anatemiza.

La República se levanta en hombros de sufragio universal, de la voluntad unánime del pueblo. (Giorgis, 2008, p. 155) <sup>165</sup>

A honestidade de Martí era que ele tomava uma postura a contramão do mundo letrado, isto é, de risco, de defesa do povo quanto possuidor do poder das Repúblicas. Ele não achava descolonização a libertação dos conquistadores para depois o povo cair nas mãos de uma República burguesa. Isto é fundamental se consideramos que ele ainda lutava pela independência de seu povo. Contudo, isso não impedia nele um pensamento para o futuro. Não era só reagir contra a conquista, senão de agir baseados numa estratégia. Isso lhe valeu o reconhecimento de Mistral. Martí ainda teve palavras para os burgueses neocolonizadores, isto é, as pessoas que controlavam as repúblicas desde uma superioridade sobre o resto dos cidadãos. Ele disse que o “o traidor à República será o Governo, o traidor do significado da humanidade, as necessidades de sua consciência, traidor de dignidade e honestidade, se não cumprir todos os deveres que o sistema da República lhe impõe.” (Giorgis, 2008, p. 155)<sup>166</sup> <sup>167</sup> O sistema republicano tinha aporias a serem superadas. Ele provinha de nações europeias que proclamavam a liberdade de seus povos, mas, contraditoriamente, mantinham em escravidão aos povos

---

<sup>165</sup> Tomado de Martí, José. (1873) “La Solución. Sevilla, La Cuestión Cubana”. In: OC, 1, p. 99 – 107.

<sup>166</sup> “traidor a la República será el Gobierno, traidor al sentido de la humanidad, a las necesidades de su conciencia, traidor a la dignidad y a la honradez, si no cumple todos los deberes que el sistema de la República le impone.”

<sup>167</sup> Tomado de Martí, José. (1873) “La Solución. Sevilla, La Cuestión Cubana”. In: OC, 1, p. 99 – 107.

colonizados latino-americanos, por exemplo. Na mesma medida, as Repúblicas pós-coloniais estavam baseadas nos mesmos princípios de liberdade, porém, na prática, submetiam aos povos ao poder da burguesia que se achava pura, sem relação com o processo da mestiçagem, o que claramente era a simulação de uma realidade inexistente. Isto é, havia uma maldade detrás do sistema republicano que era preciso subverter para as pessoas alcançarem igualdade plena.

Na relação literatura e política na escrita de José Martí analisada por Gabriela Mistral, a escritora faz uma aparente auto-crítica que, no fundo, é expressada como uma ironia. Ela escreve:

En esta última parte de mi tema, la averiguación de la lengua se me ha resbalado hacia el hombre, que yo no iba a comentar.

La crítica literaria moderna está empeñada en deslindar la obra del individuo y en reducirse al estudio de su escritura.

Yo no soy de esos dualistas y el dualismo en muchas cosas me parece herejía pura; pero naturalmente respeto, cuando entro a un reino que no es el mío como este de la crítica, los usos y la norma de la casa ajena. (Mistral, p. 78)

Porém, o aparente respeito à Crítica Literária é uma simples formalidade. Nessa desculpa, Mistral faz uma grande crítica à metodologia elitista com que os Críticos da Literatura analisam a produção dos escritores sem considerarem os referentes históricos, culturais e biográficos. Desde uma postura que relaciona a escritura desde as teorias bakhtiniana e benvenistiana, por exemplo, a literatura é basicamente enunciação e aquilo que é dito ou escrito tem relação com o outro e o mundo, desde uma perspectiva subjetiva, intersubjetiva e com variantes cronotrópicas que dão variabilidade às posturas escriturais de um escritor. Daí que seja preciso considerar aspectos biográficos em criações literárias que, além das contribuições formais, contém aprofundamentos eminentemente políticos, como o caso do modernismo de Martí e seu tom, por exemplo.

Mistral vai além da falsa desculpa e até de forma contraditória acaba expressando:

Unos pocos escritores hay con los cuales sobra la divulgación de su persona y de su vida; unos muchos hay que no pueden ser manejados por el comentarista sino en bloque de escritura y de carácter. Martí anda con éstos, y hasta tal punto que no sabemos bien si su escritura es su vida puesta en renglones, o si su vida es el rebosamiento de su

escritura. Aparte de que Martí pertenece a aquellos escritores que se hacen amar aún más que estimar, y de los cuales queremos saberlo todo, desde cómo rezaban hasta cómo ellos comían. (Mistral, p. 78)

As palavras acima vão em franca oposição ao aparente respeito pelas regras da Crítica Literária. Mistral acaba desarmando essas regras pela sua inutilidade para fazer a análise da escrita martiniana, fundamental na Literatura Latino-americana do século XIX e na história da Literatura em termos gerais. Todavia, essa vontade de unir a biografia do autor à sua produção literária não é só uma análise puramente acadêmico do escritor. A nossa Prêmio Nobel de Literatura entende que uma análise desse tipo também leva a uma postura própria, isto, subjetiva do assunto. Isso tem a ver com o fato de que do mesmo jeito em que a escritura de Martí é revolucionária, na medida em que desafia à imposição da letra burguesa dos colonizadores e das incipientes repúblicas neocolonizadores, a biografia do autor dá conta de uma vida também revolucionária no ato mesmo de lutar. A respeito, Gabriela Mistral expressa em extenso:

Tengo para terminar la mejor cosa que no he dicho, habiendo dicho tantas. Tengo sin alabar al luchador sin odio. El mundo moderno anda muy alborotado con esa novedad de Mahatma Gandhi, combatiente sin odiosidad. El fenómeno tan difícil de combatir sin aborrecer, apareció entre nosotros, en esta Cuba americana, en este santo de pelea que comentamos. Pongámosle si quieren un microscopio acusador encima, aplíquenselo a arengas, a proclamas o a cartas, y no le ha de saltar una mancha ni una peca de odio. Metido en esa profesión de aborrecer que es el combate, empujado a esa cueva de fieras hediondas que ha solido ser en la historia la guerra, constreñido a enderezarse, a rechazar, a buscar fusil y a echarse al campo, este extraño combatiente con cara que echa de sus planos resplandores, va a pelear sin malas artes, sin lanzar interjecciones feas, sin que se le ponga sanguinoso el lagrimal, sin que tiemble del temblor malo de los Luzbeles o los Gengis-Kan. Posiblemente hasta los luchadores de la Ilíada han dejado escapar algún terno que Homero se guarda, en lo apretado de la angustia. Martí pelea sobrenaturalmente, sintiendo detrás de sí la causa de la independencia cubana, que le quema la espalda, y mirando delante al montón de enemigos de ella, impersonal, sin cara que detestar, casi sin nombre, con el solo apelativo abstracto de tiranía o ineptitud. (Mistral, 1934 p. 80 – 81)

Mais uma vez, a escritora expressa admiração pelo combate honesto, mesmo que ele leve às sabidas consequências. Mistral coloca Martí numa épica em que ele é, do mesmo jeito que Bolívar é, um herói que luta pela descolonização dos nossos povos

latino-americanos. Mesmo detestando a violência, Gabriela Mistral a defende quando tem o objetivo de finalmente trazer paz aos povos que precisam dela e que estão continuamente sofrendo, quer pela colonização europeia, quer pelas novas formas de expansionismo. É a independência cubana e, junto com ela, a de América, a inspiração necessária para validar a luta tanto no combate quanto na escrita. Essa Mistral que apoia o combatente Martí não só o admira senão também lhe agradece ao expressar que os “hemisferios de agradecimiento son, pues, para mí, la literatura y la vida de José Martí, y con esta conversación empiezo a pagar deuda vieja empeñada con ellos.” (Mistral, p. 82) Assim e, mais uma vez, Mistral rebela-se mais uma vez tanto a Crítica Burguesa da Literatura quanto aos Colonizadores da América.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações culturais entre as pessoas estão estreitamente estruturadas a partir de relações de poder nas quais um grupo minoritário se impõe perante um outro maioritário. Essas relações de poder de tipo cultural procuram manter o equilíbrio de ditas relações entre as pessoas. Nesse sentido, do mesmo jeito em que há um grupo que demonstra poder sobre esse outro já mencionado, esse grupo o que finalmente impõe é uma cultura dada, que deve não só ser aceita pelo grupo sujeitado, como também mantida ao longo do tempo. Essa cultura envolve aspectos puramente culturais, mas também sociais, econômicos, políticos, etc., e todos eles estão englobados nessa cultura da imposição.

No presente trabalho, estudamos as origens de dita imposição, sobretudo os contínuos processos de colonização ao longo da história. Assim, após o esclarecimento de que esta pesquisa se focou em dois aspectos, o discurso político na prosa de Gabriela Mistral e a relação deste com a cultura latino e hispano-americana, o nosso objetivo foi desvelar como o contexto de imposição cultural ocorre no Continente Latino-Americano e afeta umas das expressões culturais mais relevantes de nosso continente, a da Literatura, e como, nessa afetação, tanto a figura de Gabriela Mistral quanto a sua produção literária sofrem transformações próprias dos processos de colonização, especialmente da colonização de referentes da cultura, cuja relevância sociocultural e origem não burguês representam um verdadeiro perigo à cultura da neoescravidão de massas na contemporaneidade devido a que alteram a direção do olhar que as pessoas devem seguir na manutenção do status quo.

Essa manutenção da tranquilidade social, um eufemismo para a colonização enquanto tal, tem se expressado de diversas formas na história da América Latina. No começo, o continente foi vítima da conquista europeia, o qual significou o desvergonhado uso da força contra os habitantes locais, de modo que obedecessem aos conquistadores. Isso obedecia a um processo de colonização do Novo Mundo para contribuir à expansão das potências da Europa na imposição de seu poder ao redor do mundo. Assim, a denominada era da Colônia esteve fortemente acompanhada de uma cultura associada a uma educação da instrução para a formação de cidadãos obedientes para contribuir à tranquilidade do sistema colonial, sem questioná-lo e, sobretudo,

sem que o subvertessem. Logo, após a independência das nações americanas, os grupos sociais privilegiados economicamente decidiram manter o sistema da alteridade negativa utilizado pelos conquistadores, o qual lhes ajudou a ser neoconquistadores de uma sociedade aparentemente livre. Esse sistema fundou-se sob um discurso republicano de liberdade e desenvolvimento igualitário. Na prática, ele mantinha a diferenciação entre ricos e pobres. Neste sentido, a cultura devia contribuir a manutenção dessa neocolonização de cidadãos através de uma cultura que privilegiava uma educação de elite para os líderes da República enquanto o resto das pessoas recebiam uma educação da instrução similar a aquela do período colonial, embora sem escravidão. Agora a escravidão era das mentes e não dos corpos. Os corpos seriam obedientes na medida em que as mentes fossem controladas. Nessa linha, a produção cultural era a literária, e esta baseava-se na aceitação da Letra Republicana, como sistema de expressão de uma cultura de elite, isto é, da burguesa educada das novas repúblicas. Eles basicamente produziam uma literatura que era negada ao resto dos cidadãos. Nesse sistema letrado da diferenciação e discriminação social, não eram considerados os membros das zonas rurais, cuja natureza selvagem e completamente iletrada era perigosa aos objetivos da burguesia republicana.

Esse sistema da Letra republicana criava a hipótese, desde uma metodologia científica da cultura que realmente escondia os interesses colonizadores da elite, na qual, desde o ponto de vista racial, não haviam coincidência de jeito nenhum entre os letrados e o mundo humano iletrado. Porém, como toda hipótese, há uma intencionalidade que não necessariamente responde às vicissitudes da realidade cultural e suas multiplex variáveis. Nesse contexto, da impossibilidade da eterna manutenção da metonímia da Letra no Chile Republicano, aparece Gabriela Mistral, quem não só pertence ao mundo dos letrados, senão que também pertence ao mundo anárquico do campo.

Contrário aos variados intentos por fazerem desaparecer a influência termos da produção literária e discursiva de Gabriela Mistral, ela consegue aceitação internacional a qual começa com o convite que ele recebe do Ministro de Educação José Vasconcellos no período do México pós-revolução. Esse será o começo de uma série de experiências latino-americanas e mundiais nas quais Mistral obtém a sua consagração com a primeira Prêmio Nobel de Literatura recebido por uma pessoa na América Latina. Essa contradição ao sistema neocolonial republicano representava uma ameaça que devia ser



resolvida a curto prazo. Daí que fosse necessário lhe reconhecer, cinco anos depois, com o Prêmio Nacional de Literatura. Era inegável aceitar a influência da escrita mistraliana; escrita e não letra devido a sua natureza desobediente aos padrões republicanos. Agora era preciso controlar esse desborde cultural e ajustá-lo aos interesses da elite. O fato de Mistral ser mulher e educadora, ajuda bastante no processo de normalização ao qual ela devia responder. Também ajuda o fato dela sair do Chile, por causa do contínuo assédio do qual é vítima na maioria dos lugares nos quais mora e trabalha.

Devido ao mencionado acima, a República do Chile cria um mito sobre Gabriela Mistral, com objetivo de colonizar tanto sua figura quanto sua produção no imaginário coletivo do país. Desde agora, a outrora mulher contestatária e de origem humilde e campesina, convertia-se na mãe do Chile, uma figura conservadora e obediente aos valores republicanos. Ao mesmo tempo, deixava de ser uma ponte entre o resto das pessoas e a possibilidade de acesso a uma cultura igualitária para todos e todas. Desde esse momento, vira uma figura de exceção na qual, por suas qualidades extraordinárias, consegue entrar num mundo letrado difícil de ser alcançado. Desse momento para a frente, estabelece-se uma censura da obra da autora e apenas considera-se parte de sua produção com o objetivo de criar uma narrativa sobre sua vida e pensamento, a qual é mantida até hoje no imaginário coletivo chileno.

Contudo, Mistral continuava exercendo seu direito escritural em outros países da América Latina e do mundo. Graças a isso, há na atualidade um rico acervo literário, não apenas da produção poética dela senão também de suas contribuições prosaicas, as quais incluem numerosas prosas políticas por ela apresentadas em revistas e conferências. Daí que aquilo que não foi escolhido pela historiografia oficial ou pela Crítica Literária tradicional possa ser resgatado graças ao exercício da memória na atualização de seu arquivo. Só essa memória faz e continuará fazendo justiça ao arquivo de Gabriela Mistral.

A reivindicação da memória de Gabriela Mistral derruba o mito colonial sobre ela criado no Chile Republicano. Por causa disso, para fazermos essa reivindicação, nesta pesquisa decidimos descolonizar esse mito graças ao reconhecimento do mito de origem da nossa autora, o qual vincula-se não apenas a sua obra senão a relação dialógica dessa obra com a reivindicação dos povos latinos e hispano-americanos dos quais ela forma parte. E nessa luta pela libertação dos povos de Bolívar e Martí, e da qual Mistral é uma fiel seguidora e impulsora, que é possível alcançarmos uma cultura

democrática que garanta a emancipação de homens e mulheres num espaço republicano ético.

O anterior é uma realidade na consideração íntegra do sintagma literatura e política encarnado na prosa de Gabriela Mistral. É esse discurso que acontece numa relação de intersubjetividade solidária em que fazemos justiça tanto para Gabriela Mistral quanto para todos nós (o qual inclui todos (as) os (as) escritores (as) e poetas mulheres, indígenas, campesinos, operários, pessoas fora da Capital do Chile, Santiago, entre outros (as) seres subalternos que hoje, graças a Gabriela Mistral, possuem acesso ao mundo literário no espaço público). E assim como Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Goldoy Alcayaga, Gabriela Mistral expressa que faz justiça para o nome de José Martí no reconhecimento de sua vida e obra num todo inseparável (Mistral, 1934), nós fazemos justiça dela na mesma consideração de uma Prêmio Nobel de Literatura para a América Latina cuja escrita é tão relevante para nossa cultura desde sua contribuição literária quanto desde seu valor político no nosso percorrer pela descolonização de seu nome e da nossa cultura original, independente e livre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Zahar, 2006.
- ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- BAKHTIN, MIKHAIL. *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance*. Editora UNESP, São Paulo, 1993.
- BARCIA, PEDRO LUIS. “La Prosa de Gabriela Mistral”. In: Mistral, Gabriela. *Antología: En Verso y Prosa*. Perú, Real Academia de la Lengua Española, Alfaguara, 2010.
- BENÍTEZ, JORGE. *Gabriela Mistral anda La Habana: ...A medio caminar el olvido y la memoria*. LOM Ediciones, Santiago, 1998.
- BENVENISTE, ÉMILE. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, ÉMILE. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- CABELLO HUTT, CLAUDIA. “Prólogo a Gabriela Mistral”. In: Concha, J. *Gabriela Mistral*. Ediciones Alberto Hurtado, 2015.
- CASTILLO, ALEJANDRA. *El desorden de la democracia: Partidos políticos de mujeres en Chile*. Palinodia, 2014.
- CAVALHEIRO, JUCIANE. *Literatura e Enunciação*. UEA Edições, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Brasil, 2010.
- CONCHA, JAIME. *Gabriela Mistral*. Ediciones Alberto Hurtado, 2015.
- DE SOUZA OLIVEIRA MELO, EDSÔNIA; WAGNER MOURA DE OLIVEIRA, PAULO; CORREIA LEMES VALEZI, SUELI. “Gêneros Poéticos em Interface com Gêneros Multimodais”. In: Rojo, Roxane; Moura, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. Parábola Editorial, São Paulo, 2012.
- DEL POZO, DIEGO. La importancia de Gabriela Mistral hoy. In: Concha, J. *Gabriela Mistral*. Ediciones Alberto Hurtado, 2015.
- DEL POZO, DIEGO. *Por la Humanidad Futura: Antología Política de Gabriela Mistral*. La Pollera Ediciones, 2015.
- ELIADE, MIRCEA. *Mito e Realidade*. Editora Perspectiva, 1972.

- FARACO, CARLOS ALBERTO. *Linguagem & Diálogo: As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Parábola, 2017.
- FIORIN, JOSÉ LUIZ. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Editora Contexto, 2017.
- FRY, PAUL. “Semiotics and Structuralism”. In: *Theory of Literature*. Yale University Press, 2012.
- GANDARILLA, JOSÉ GUADALUPE. *Asedios a la totalidad: Poder y política en la modernidad desde un encare de-colonial*. Anthropos, 2012.
- JITRIK, NOÉ. “Para una lectura de Facundo, de Domingo F. Sarmiento”. In: *Ensayos y estudios de literatura argentina*. Editorial Galerna, Buenos Aires, 1970.
- LACLAU, ERNESTO. “Prefácio”. In: Arfuch, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. *A Oleira Ciumenta*. Edições 70, 2010.
- MARCUSE, HERBERT. *A Dimensão Estética*. Edições 70, 2007.
- MISTRAL, GABRIELA. (1925). “Organización de las Mujeres”. In: Del Pozo, Diego. *Por la Humanidad Futura: Antología Política de Gabriela Mistral*. La Pollera Ediciones, 2015.
- MISTRAL, GABRIELA. (1931). “BOLÍVAR (I)”. In: Quezada, Jaime. *Gabriela Mistral: Escritos Políticos*. Fondo de Cultura Económico, México, 1994.
- MISTRAL, GABRIELA. (1931). “BOLÍVAR (II)”. In: Quezada, Jaime. *Gabriela Mistral: Escritos Políticos*. Fondo de Cultura Económico, México, 1994.
- MISTRAL, GABRIELA. (1934). “La Lengua de Martí”. In: Benítez G., Jorge. *Gabriela anda La Habana: ... A medio caminar el olvido y la memoria*. LOM Ediciones, 1998.
- ORTEGA Y GASSET, JOSÉ. *La rebelión de las masas*. Editorial Andrés Bello, Santiago de Chile, 1996.
- OYARZÚN, PABLO. “Memoria, momento y lágrimas. Una aproximación especulativa al problema de las singularidades latinoamericanas”. In: AA.VV., *Seminario América 2941*. Ediciones del Instituto de Arte/PUCV, Santiago de Chile, 2012.
- PIZARRO, ANA. “A América Latina como Arquivo Literário: Gabriela Mistral no Brasil”. In: Souza, Eneida Maria de; Marques, Reinaldo. *Modernidades alternativas na América Latina*. Minas Gerais, UFNG, 2009.
- QUEZADA, JAIME. *Gabriela Mistral: Escritos Políticos*. Fondo de Cultura Económica, Santiago, 1994.

QUEZADA, JAIME. *Gabriela Mistral: Antología de Poesía y Prosa*. Fondo de Cultura Económica, 2014.

RICHARD, NELLY (ed.). *En torno a los Estudios Culturales: Localidades, trayectorias y disputas*. Editorial ARCIS, CLACSO, 2010.

SÁNCHEZ, CECILIA. *El conflicto entre la letra y la escritura: Legalidades/contralegalidades de la comunidad de la lengua en Hispano-América y América-Latina*. Fondo de Cultura Económica, 2013.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. Cortez Editora, 2010.

SARMIENTO, DOMINGO FAUSTINO. *Facundo o Civilización y Barbarie en las Pampas Argentinas*. La Nación, 2000.

SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVORTY. (1998). "Puede Hablar el Sujeto Subalterno". In: Valderrama, Miguel (ed.). *Asignatura: Epistemología de las Ciencias Sociales*. Doctorado en Cultura y Educación en América Latina, Universidad ARCIS, 2014.

VALDERRAMA, MIGUEL. *Coloquio sobre Gramsci*. Palinodia, 2016.